UNIFIP CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

LUCAS GOMES DINIZ

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO CULTURAL INTEGRADO À PRAÇA FRANCISCO DA SILVA GUEDES, EM PATOS, PB, BRASIL

PATOS-PB
2026

LUCAS GOMES DINIZ

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO CULTURAL INTEGRADO À PRAÇA FRANCISCO DA SILVA GUEDES, EM PATOS, PB, BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Patos – UNIFIP, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Augusto Bezerra da Cunha Castro.

PATOS-PB

2026

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Diniz, Lucas Gomes.
D585a Anteprojeto Arquitetônico de um Centro Cultural Integrado à Praça Francisco da Silva Guedes, em Patos, PB, Brasil. / Lucas Gomes Diniz. – Patos – PB: UNIFIP, 2026.
131 fls.

Orientador (a): Prof. Dr. Alexandre Augusto B. da Cunha Castro.
Monografia, Graduação Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

1. Praças. 2. Centro cultural. 3. Espaços públicos. 4. Patos/PB.
I. Título. II. Centro Universitário – UNIFIP.

UNIFIP/BC CDU: 72
Yasmim Caroline A. Nóbrega – Bibliotecária. CRB 15/1086

LUCAS GOMES DINIZ

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO CULTURAL INTEGRADO À PRAÇA FRANCISCO DA SILVA GUEDES, EM PATOS, PB, BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Patos – UNIFIP, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. Orientador: Prof. Dr. Alexandre Augusto Bezerra da Cunha Castro.

Aprovado em 27 de maio de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Augusto Bezerra da Cunha Castro

Orientador

UNIFIP - Centro Universitário de Patos

Prof.ª Dra. Sheila Rodrigues Albuquerque

Examinadora

(UNIFIP - Centro Universitário de Patos)

Arq. Krisliane Kellen Lima Silveira

Examinadora

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio, incentivo e presença constante ao longo de toda a minha trajetória. Foram fundamentais em cada decisão e em todos os momentos desta etapa da minha vida. Sem vocês, esta conquista não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por todas as bênçãos concedidas ao longo da minha vida e, especialmente, durante esta jornada acadêmica. Mesmo nos momentos em que minha fé enfraqueceu e duvidei da minha própria capacidade, o Senhor se fez presente de diferentes formas, mostrando que tudo acontece no tempo certo. Sem a força que encontrei na fé, certamente não teria chegado até aqui.

Aos meus pais, Maria do Socorro e Francisco de Assis, expresso minha mais profunda gratidão por sempre acreditarem em mim, inclusive quando eu mesmo não conseguia fazê-lo. Obrigado por cada palavra de incentivo, por cada demonstração de carinho, pelas preocupações silenciosas e por nunca permitirem que eu desistisse. Vocês foram fundamentais em todas as etapas desta conquista.

Às minhas irmãs, Ana Carla, Claudiana, Maria Aparecida e Gabrielly, agradeço pelo carinho, pela companhia e por compartilharem comigo tantos momentos, desafios e alegrias. A união da nossa família sempre foi uma fonte de força, acolhimento e segurança. Ter vocês ao meu lado tornaram este percurso muito mais leve e significativo.

Aos professores que fizeram parte da minha formação, meu sincero reconhecimento pelos conhecimentos transmitidos e pelas experiências compartilhadas. Com vocês, aprendi que a Arquitetura e Urbanismo ultrapassa os limites da construção física, envolvendo também sensibilidade, responsabilidade social e transformação da realidade.

À professora Mariana Bezerra, minha gratidão por toda a assistência prestada durante a primeira etapa deste trabalho, pela paciência, dedicação e disponibilidade. Ao professor Alexandre Castro, meu orientador, agradeço pela confiança depositada em meu potencial, pelas orientações valiosas e pelo comprometimento demonstrado ao longo de todo o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus amigos da primeira fase da graduação, Yuri, Brenda, Marina,

Ana Guida, Ilana, Isaac, Guilherme, Julia e Luiza, agradeço por todos os momentos compartilhados, pelas experiências vividas, pelas longas noites de trabalho, pelas conversas, risadas e pelo apoio mútuo. Levarei cada lembrança com muito carinho e serei eternamente grato por tudo o que construímos juntos.

Aos amigos da segunda fase da graduação, Millena, Vitória, Luan, Jesse e Monaliza, obrigado pelo acolhimento, companheirismo e amizade. A presença de vocês tornou essa etapa mais leve, agradável e especial.

Aos colegas de trabalho do grupo Aço Brazil, especialmente à Daniely, agradeço pela compreensão, pelo incentivo constante e pela confiança em minha capacidade de concluir esta importante etapa. O apoio de vocês foi essencial para que eu mantivesse a motivação ao longo desse período.

Aos meus amigos aos quais muitas vezes estão conectados comigo apenas de forma virtual, Diego, João Vitor, Gabriel, Saraiva, Nattan, Thácio, William, Ícaro e Nicolas, deixo meu sincero agradecimento pelas conversas, pelas risadas, pelos momentos de descontração e pela paciência durante os períodos mais desafiadores. Obrigado por ouvirem minhas preocupações, acompanharem meus intermináveis assuntos sobre arquitetura e estarem presentes até mesmo quando a ansiedade se fazia mais presente. Cada momento compartilhado contribuiu para tornar essa jornada mais leve e divertida.

A todos os demais amigos que acompanharam essa fase da minha vida, ouviram minhas inquietações, celebraram minhas conquistas e estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis, minha eterna gratidão. O carinho, a compreensão e a amizade de vocês tiveram um papel importante nesta realização.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Cada gesto de incentivo, cada palavra de encorajamento e cada demonstração de apoio foram fundamentais para que este sonho se tornasse realidade.

Esta conquista não é apenas minha, mas também de todos aqueles que caminharam ao meu lado e contribuíram para que este sonho se tornasse possível. Minha eterna gratidão.

RESUMO

Os espaços públicos possuem a função de acolher os diferentes grupos sociais, oferecendo ambientes destinados à convivência, ao lazer, à cultura e à educação, elementos fundamentais para a qualidade de vida urbana. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo propor, por meio do anteprojeto de um Centro Cultural integrado à requalificação da Praça Francisco da Silva Guedes, em Patos-PB, a valorização e integração entre os dois espaços. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi elaborado um referencial teórico acerca da evolução histórica das praças e dos espaços culturais, possibilitando compreender suas contribuições arquitetônicas, urbanas e sociais. A metodologia adotada fundamentou-se em três métodos principais: o de Simone Gatti (2013), voltado à análise de espaços públicos por meio do estudo do entorno e das características do terreno; o de Baker (1996), utilizado para a análise arquitetônica do edifício a partir de plantas, cortes, mapas, diagramas e imagens; e o método de De Angelis, Castro e De Angelis Neto (2004), baseado em levantamentos qualitativos e quantitativos capazes de fornecer dados e diagnósticos da área estudada. Como resultado, foi desenvolvida uma proposta projetual que integra o centro cultural e a praça, buscando qualificar o espaço público, estimular a permanência dos usuários e ampliar o acesso às atividades culturais e de lazer, proporcionando uma nova experiência urbana para a população de Patos-PB. Conclui-se que a integração entre equipamentos culturais e espaços públicos constitui uma estratégia relevante de requalificação urbana, capaz de fortalecer o uso coletivo dos espaços, incentivar a produção cultural, promover a inclusão social e contribuir para a construção de ambientes urbanos mais democráticos, acessíveis e socialmente ativos.

Palavras-chave: Praças; Centro Cultural; Espaços públicos; Patos/PB.

ABSTRACT

Public spaces are intended to accommodate different social groups by providing environments focused on social interaction, leisure, culture, and education, which are fundamental elements for urban quality of life. In this context, this study aims to propose, through the architectural proposal of a Cultural Center integrated with the redevelopment of Francisco da Silva Guedes Square, in Patos, Paraíba, the enhancement and integration of both spaces. For the development of the research, a theoretical framework was prepared addressing the historical evolution of public squares and cultural spaces, enabling the understanding of their architectural, urban, and social contributions. The adopted methodology was based on three main methods: Simone Gatti's method (2013), focused on the analysis of public spaces through the study of the surroundings and site characteristics; Baker's method (1996), used for the architectural analysis of the building through plans, sections, maps, diagrams, and images; and the method proposed by De Angelis, Castro, and De Angelis Neto (2004), based on qualitative and quantitative surveys capable of providing data and diagnoses of the studied area. As a result, an integrated design proposal between the cultural center and the square was developed, aiming to improve the quality of the public space, encourage social use and permanence, and expand access to cultural and leisure activities, thereby providing a new urban experience for the population of Patos, Paraíba. It is concluded that the integration of cultural facilities and public spaces represents a significant urban regeneration strategy, capable of strengthening the collective use of public areas, fostering cultural production, promoting social inclusion, and contributing to the development of more democratic, accessible, and socially vibrant urban environments.

Keywords: Squares; Cultural Centers; Public spaces; Patos/PB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Panorâmica da vila de São Salvador. 24
Figura 2 - Praças inseridas na cidade de Patos, PB. 27
Figura 3 - Interior da biblioteca de Alexandria através de ilustração. 31
Figura 4 - Fachada do Centro Nacional d'Art et de Georges Pompidou com elementos do movimento High Tech.....31
Figura 5 - Parte externa do Centro Cultural São Paulo. 32
Figura 6 - Fachada do Centro Cultural do Jabaquara. 33
Figura 7 - Localização do objeto de estudo. A: Nível nacional (Brasil); B: Nível estadual (Paraíba); C: Nível municipal (Patos); D: Nível local (Bivar Olinto). 36
Figura 8 - Etapas Metodológicas. 39
Figura 9 - Vista do Centro Heydar Aliyev. 41
Figura 10 - Mapa de localização do Centro Heydar Aliyev. 41
Figura 11 - Implantação do terreno do Centro Cultural Heydar Aliyev. 42
Figura 12 - Perspectiva do Centro Cultural Heydar Aliyev. 43
Figura 13 - Corte do Centro Heydar Aliyev. 43
Figura 14 - Planta baixa do Térreo. 44
Figura 15 - Planta baixa do Primeiro Andar. 45
Figura 16 - Planta baixa do Segundo Andar. 46
Figura 17 - Planta baixa do Sétimo Andar. 47
Figura 18 - Vista da Piazza Fontana. 48
Figura 19 - Mapa de localização da Piazza Fontana. 49
Figura 20 - Planta baixa mostrando os usos da Praça Fontana. 50
Figura 21 - Traçado da praça Fontana comparado a inspiração da forma geométrica seguindo o padrão da proporção áurea. 51
Figura 22 - Elementos que compõe a praça Fontana. 51
Figura 23 - Topografia da praça Fontana. 52
Figura 24 - Desnível de um canteiro na praça Fontana. 52
Figura 25 - Fluxos da praça Fontana. 53
Figura 26 - A composição do paisagismo da praça Fontana. 54
Figura 27 - Cortes longitudinal e transversal. 54
Figura 28 - Vista do Centro Cultural Porto Seguro. 56
Figura 29 - Localização do Centro Cultural Porto Seguro. 56

Figura 30 - Implantação do Centro Cultural Porto Seguro. 58
Figura 31 - Lacuna entre blocos do centro. 59
Figura 32 - Corte mostrando a rampa que se conecta ao bloco térreo. 59
Figura 33 - Planta baixa do Térreo. 60
Figura 34 - Planta baixa do Primeiro Andar. 61
Figura 35 - Planta baixa do Segundo Andar. 62
Figura 36 - Planta baixa do Subsolo 1. 63
Figura 37 - Planta baixa do Subsolo 2. 64
Figura 38 - Fachada Leste. 65
Figura 39 - Perspectiva da fachada Leste. 65
Figura 40 - Forma que a luz entra no interior do edifício. 66
Figura 41 - Fachada Sul. 67
Figura 42 - Perspectiva da fachada Sul. 67
Figura 43 - Fachada Norte. 68
Figura 44 - Perspectiva da fachada Norte. 68
Figura 45 - Técnicas construtivas do tratamento acústico do centro cultural. 69
Figura 46 - Mapa de localização da Praça e Centro Cultural. 71
Figura 47 - Dimensões do terreno da praça Francisco da Silva Guedes 72
Figura 48 - Entorno atual da Praça. 73
Figura 49 - Mapa de uso e ocupação do solo. 74
Figura 50 - Mapa de pontos de interesse do Bivar Olinto e Morada do Sol 75
Figura 51 - Gráfico da relação dos serviços existentes no entorno da praça Francisco da Silva Guedes. 76
Figura 52 - Mapa de cheios e vazios. 77
Figura 53 - Mapa do sistema viário da região. 78
Figura 54 - Topografia do terreno da praça Francisco da Silva Guedes. 79
Figura 55 - Mapa de ventilação e insolação. 80
Figura 56 - Legislação para Zona Residencial de acordo com o Código de Urbanismo de João Pessoa. 81
Figura 57 - Planta Baixa atual da praça Francisco da Silva Guedes. 82
Figura 58 - Arborização da praça Francisco da Silva Guedes. 85
Figura 59 - Situação de alguns bancos da praça Francisco da Silva Guedes. 86
Figura 60 - A iluminação da praça Francisco da Silva Guedes durante o turno da noite. 87

Figura 61 - Situação atual dos aparelhos para prática de exercícios físicos. 88
Figura 62 - Playgrounds existentes da praça Francisco da Silva Guedes. 89
Figura 63 - Caramanchões presente na praça Francisco da Silva Guedes. 89
Figura 64 - Quadras de areia da praça Francisco da Silva Guedes. 90
Figura 65 - Traçado e paginação de piso da praça Francisco da Silva Guedes. 91
Figura 66 - Rampa central da praça Francisco da Silva Guedes localizada na parte sul. 92
Figura 67 - Diagrama da forma e os materiais que serão aplicados aos projetos. 96
Figura 68 - Diagrama dos principais usos do projeto inseridas dentro da forma hexagonal. 96
Figura 69 - Mapa de situação com as intervenções propostas no entorno. 99
Figura 70 - Implantação da requalificação da praça. 100
Figura 71 - Ampliação na área das quadras poliesportivas. 100
Figura 72 - Vista do meio das quadras poliesportivas. 101
Figura 73 - Ampliação na área de alimentação e academia de saúde. 101
Figura 74 - Proposta da área de alimentação. 102
Figura 75 - Proposta da nova área destinada a academia de saúde. 103
Figura 76 - Ampliação na área central da praça. 103
Figura 77 - Proposta da fonte central. 104
Figura 78 - Ampliação na área de playgrounds e jogos. 104
Figura 79 - Proposta da nova área destinada ao playground. 105
Figura 80 - Proposta da área de jogos. 106
Figura 81 - Ampliação na área do centro cultural. 106
Figura 82 - Proposta do Centro Cultural. 107
Figura 83 - Proposta dos espelhos d'água. 107
Figura 84 - Planta baixa do pavimento térreo do Centro Cultural. 109
Figura 85 - Planta baixa do pavimento superior do centro cultural. 110
Figura 86 - Proposta da composição dos pisos intertravados 111
Figura 87 - Elementos de mobiliário inseridos na cena, evidenciando bancos, lixeiras e totem de identificação. 112
Figura 88 - Padronização de cores nos equipamentos do parque infantil a esquerda e na academia de saúde a direita. 112
Figura 89 - Distribuição dos postes na praça ao qual se repete por todo o restante do espaço. 113

Figura 90 - Diagrama do sistema de funcionamento da fachada ventilada. 114
Figura 91 - Composição da fachada sul. 114
Figura 92 - Painéis de alumínio vazados. 115
Figura 93 - Integração da Praça com o Centro Cultural. 118
Figura 94 - Proposta da fachada que faz a integração com a praça evidenciando os elementos inclinados e sistema de fachadas ventiladas. 119
Figura 95 - Proposta da fachada Sul ao qual pode ser observado as placas de alumínio com elementos vazados do sistema de fachada ventilada. 119
Figura 96 - Proposta da fachada Leste destacando a entrada para funcionários. .. 120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios de escolha dos projetos correlatos para análise 70
Quadro 2 - Quadro-síntese dos aspectos qualitativos e quantitativos da praça Francisco da Silva Guedes.....93
Quadro 3 - Programa de necessidades e pré-dimensionamento da praça. 97
Quadro 4 - Programa de necessidades e pré-dimensionamento do centro cultural..98
Quadro 5 - Memorial Botânica das árvores inseridas no projeto. 116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento quantitativo dos equipamentos e estruturas existentes. ...82
Tabela 2 - Levantamento quantitativo dos tipos de vegetação. 84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	–	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACM	–	*Aluminum Composite Material* (Material de Alumínio Composto)
BR	–	Batalhão Rodoviário
CONTRAN	–	Conselho Nacional de Trânsito
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IL	–	Institucional Legal
INMET	–	Instituto Nacional de Meteorologia
NBR	–	Normas Brasileiras
PB	–	Paraíba
UNESCO	–	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
ZR1	–	Zona Residencial 1

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 20
1.1. Objetivos 22
1.1.1. Geral 22
1.1.2. Específicos 22
1.2. Estrutura do trabalho 22
2. REFERENCIAL TEÓRICO 23
2.1. Breve histórico, conceito e importância das praças nos espaços públicos 23
2.1.1. História das praças no Brasil 23
2.1.2. As praças no contexto urbano de Patos, PB 26
2.1.3. Conceitos e importância das praças nos espaços urbanos 28
2.2. A questão cultural na sociedade e suas influências 29
2.3. Arquitetura de Centros Culturais 30
2.4. Considerações sobre o referencial teórico 34
3. METODOLOGIA 36
3.1. Objeto de estudo 36
3.2. Procedimentos metodológicos 37
3.2.1. Revisão bibliográfica 37
3.2.2. Análise dos projetos correlatos 37
3.2.3. Elaboração do anteprojeto arquitetônico 38
4. ANÁLISE DE PROJETOS CORRELATOS 40
4.1. Centro Heydar Aliyev 40
4.1.1. Ficha técnica 40
4.1.2. Análise do entorno 40
4.1.3. Análise do terreno 42
4.1.4. Significado de uso 43
4.1.5. Conclusão 47
4.2. Piazza Fontana 48
4.2.1. Ficha técnica 48
4.2.2. Análise do entorno 48
4.2.3. Análise do terreno 49
4.2.4. Conclusão 55

4.3. Centro Cultural Porto Seguro 55
4.3.1. Ficha técnica 55
4.3.2. Genius loci 55
4.3.3. Iconologia/Identidade 57
4.3.4. Significado de uso 57
4.3.5. Movimento e Geometria 64
4.3.6. Estrutura e Materiais 69
4.3.7. Conclusão 70
4.4. Quadro-síntese dos correlatos 70
5. ESTUDO PRELIMINAR 71
5.1. Terreno 71
5.2. Entorno 73
5.3. Fluxos e Acessos 77
5.4. Topografia 79
5.5. Condicionantes climáticas 79
5.6. Legislações e Normativas 80
5.7. Análise da praça Francisco da Silva Guedes 81
5.7.1. Análise quantitativa dos equipamentos e estruturas 82
5.7.2. Análise qualitativa e quantitativa dos tipos de vegetação 84
5.7.3. Análise qualitativa dos equipamentos e mobiliários 85
5.7.4. Quadro-síntese da análise da praça Francisco da Silva Guedes 92
6. PROPOSTA PROJETUAL 95
6.1. Conceito e Partido 95
6.2. Programa de necessidades e Pré-dimensionamento 97
6.2.1. A Praça 97
6.2.2. O Centro cultural 98
6.3. Setorização 99
6.3.1. A praça 99
6.3.2. O centro cultural 108
6.4. Materiais e soluções técnico-construtivas 111
6.4.1. A praça 111
6.4.2. O centro cultural 113
6.5. Memorial Botânico 115
6.6. Estudo volumétrico 118

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 121
REFERÊNCIAS 123
APÊNDICES 127
APÊNDICE A – PRANCHA 1 128
APÊNDICE B – PRANCHA 2 129
APÊNDICE C – PRANCHA 3 130
APÊNDICE D – PRANCHA 4 131

1. INTRODUÇÃO

As praças possuem a função de unir pessoas de diferentes classes, etnias, gêneros e idades. Esses lugares são, em sua maioria, ambientes de convivência feitos para atender a população local e que proporcionam diversos usos para quem as frequenta, trazendo também um pouco da natureza para dentro da cidade, que em alguns casos, é muito raro de acontecer (Sousa; Oliveira, 2010).

Assim, a praça tem o poder de mudar visual e socialmente uma cidade e isso vem se aprimorando desde a antiguidade com as primeiras formas de espaços públicos, que serviam de espaço central e vital da urbe, como os exemplos da Ágora de Atenas e o Fórum na Roma (De Angelis; Castro; De Angelis Neto, 2004). Nesses espaços ocorriam atividades que davam a praça o caráter de centralidade e vitalidade, como explica Bovo, Hahn e Ré (2016), e eram nelas onde se realizava diversas práticas religiosas, culturais, sociais, administrativas e jurídicas.

Desde então, os espaços destinados a essas atividades foram se moldando dentro da cidade até o período renascentista, onde adquire valores estéticos em sua composição e, junto a isso, aspectos funcionais, sendo considerado a partir desse ponto como um elemento urbanístico de transformação com a capacidade de mudar o viés estético de uma cidade (De Angelis; Castro; De Angelis Neto, 2004).

No Brasil, as praças vão surgindo próximos a igrejas e apresentam um caráter religioso. Ao redor delas, iam surgindo casas que compunham vilas e vilarejos e futuramente moldava as cidades (Garcia; Gulinelli, 2017). Hoje em dia, as praças são indispensáveis para as cidades, sendo um espaço essencial para funcionamento da urbe.

Ao mesmo tempo que as praças são um elemento fundamental, os espaços culturais têm uma importância para a composição da cidade. O termo cultura tem um valor significativo e ambíguo no corpo social de uma cidade podendo remeter a diversas formas de estudos e hábitos de uma população. De acordo com Bruz (2012), a cultura possui diversas perspectivas e, dessa forma, é constantemente mutável.

Nos centros culturais há uma mescla de serviços que são disponibilizados para a população. Essas atividades devem atender as necessidades e apresentar significado para o lugar em que serão inseridas. Sendo assim, esses lugares devem desenvolver caráter artístico, cultural e histórico ao qual pode ser explorado exposições de artes e artigos, músicas, danças, exposições de livros e cordéis.

Diante dos fatores apresentados, esses ambientes foram se moldando cada vez mais ao ponto de serem elementos principais e motivantes da cidade, onde constantemente vem se tornando algo necessário e vital.

A cidade de Patos, na Paraíba, dispõe de espaços públicos abertos e fechados destinados à população, como praças, concha acústica e cinema. No entanto, esses equipamentos são muitas vezes insuficientes, possuem uso restrito ou estão concentrados na região central, dificultando o acesso para grande parte dos moradores. Além disso, a negligência por parte dos órgãos competentes torna muitos desses locais pouco frequentáveis e subutilizados.

Um exemplo dessa realidade é a Praça Francisco da Silva Guedes, localizada no Bivar Olinto, zona Oeste da cidade. Apesar de ter recebido intervenções pontuais, o espaço permanece com baixa adesão de público. A frequência concentra-se no início da manhã ou final da tarde para fins esportivos, mas a ausência de opções de lazer ativo restringe o uso coletivo em outros horários, evidenciando a carência de espaços públicos dinâmicos na cidade.

A literatura urbanística aponta que espaços públicos qualificados e equipamentos culturais desempenham papel fundamental na promoção da inclusão social, no fortalecimento da identidade local e na dinamização da vida urbana. Segundo Jacobs (2011), a vitalidade das cidades está diretamente relacionada à diversidade de usos e à presença constante de pessoas nos espaços urbanos, o que contribui para maior segurança, pertencimento e interação social.

Nesse sentido, Gehl (2013) destaca que a qualidade dos espaços públicos influencia diretamente na forma como as pessoas utilizam a cidade, sendo essencial a oferta de ambientes convidativos, acessíveis e multifuncionais. Além disso, os centros culturais atuam como catalisadores de atividades sociais e artísticas, ampliando as possibilidades de uso do espaço urbano e promovendo o acesso democrático à cultura, conforme discutido por Lynch (2010), ao abordar a importância da legibilidade e da apropriação dos espaços pela população.

No contexto brasileiro, observa-se que a distribuição desigual desses equipamentos reforça processos de segregação socioespacial, limitando o acesso de determinadas parcelas da população a atividades culturais e de lazer. Dessa forma, a inserção de equipamentos dessa natureza em áreas periféricas ou com carência de infraestrutura urbana torna-se uma estratégia relevante para promover maior equidade urbana e qualidade de vida.

Diante desse contexto, o presente trabalho justifica-se pela relevância dos equipamentos culturais e de lazer como instrumentos de promoção do desenvolvimento urbano e social. Assim, a proposta visa atender à demanda do bairro Bivar Olinto e de sua área de influência, onde a escassez desses serviços se mostra significativa, contribuindo para a requalificação dos espaços públicos, o fortalecimento do convívio comunitário e a valorização do tecido urbano local.

1.1. Objetivos

1.1.1. Geral

Desenvolver um anteprojeto arquitetônico de um centro cultural e requalificação da praça Francisco da Silva Guedes em Patos, PB, Brasil.

1.1.2. Específicos

- Identificar potencialidades e problemáticas do objeto de estudo para a realização de uma requalificação no lugar;
- Compreender as necessidades arquitetônicas de centros culturais;
- Identificar critérios que qualificam projetos e espaços públicos.

1.2. Estrutura do trabalho

O trabalho será estruturado em cinco seções. A primeira apresenta a visão geral do tema, incluindo problemáticas, justificativas e os objetivos. A segunda desenvolve o referencial teórico, abordando o contexto histórico das praças e centros culturais, aspectos arquitetônicos desses espaços e a importância da cultura na sociedade, além de dialogar com diferentes autores. A terceira seção trata da metodologia, detalhando a classificação e os métodos de pesquisa utilizados além da apresentação do objeto de estudo. Na quarta seção são apresentados os resultados, incluindo análises de projetos correlatos e o memorial do projeto, com programa de necessidades, pré-dimensionamento, estudo do local e a proposta do anteprojeto do centro cultural integrado à requalificação da praça. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais, reunindo as principais conclusões do trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Breve histórico, conceitos e importância das praças nos espaços públicos

As praças são espaços característicos na composição do tecido urbano e que apresenta um caráter social, e com isso, funções distintas, tais como lazer, esporte, cultural, entre outros. Segundo Lima (2008), esse espaço público passou por alterações durante a história, porém o lugar sempre foi remetido como um espaço de convivência, manifestações populares e troca cultural.

Estudos realizados por De Angelis, Castro e De Angelis Neto (2004) apontam que a praça, como é conhecida na sociedade atual, é remetente das funções que a Ágora de Atenas, na Grécia, trazia. Era um espaço público que servia de ponto de encontro da sociedade para troca e venda de mercadorias, palanque de atividades políticas, ponto de encontro social.

Posteriormente, no período renascentista, as praças foram inseridas na morfologia urbana de fato, compondo o lugar ao qual ela estava localizada. Com isso, os aspectos que antes eram tratadas em lugares que tinham a função de reunir pessoas, como é o exemplo da Ágora de Atenas e o Fórum de Roma, adquiriam aspectos e questões político-sociais, além de valores estéticos e simbólicos na sociedade (De Angelis; Castro; De Angelis Neto, 2004).

Sendo assim, com o passar dos anos, diversas novas formas de praças foram surgindo e diversas outras funções, além das sociais foram se desenvolvendo, como a utilização das praças para lazer e recreação. Ademais, com o decorrer do tempo, esses lugares públicos começaram a receber um tratamento paisagístico, que foi se aprimorando e que hoje em dia pode se perceber o reflexo dessas intervenções em praças no mundo todo (Sousa, 2010).

2.1.1. História das praças no Brasil

Para compreender como as primeiras praças surgiram no Brasil, é importante entender todo o processo histórico que ocorreu no período colonial, desde os primeiros núcleos urbanos, que sofreram influências diretas da cultura portuguesa, até

a chegada da família real para as terras do novo mundo[1], onde começou a se difundir mais amplamente a questão de infraestrutura urbana (Santana, 2019).

Após a chegada dos portugueses ao Brasil, no século XVI, houve a necessidade dos povos de se estabelecerem no local. Nisso, os primeiros núcleos urbanos começam a surgir com o intuito de defender e proteger o território de ameaças externas e de invasões. Além disso, os colonizadores utilizavam de muralhas e paliçadas[2] para complementar o sistema de proteção das vilas, como relata Caldeira (2007). Assim, nas primeiras décadas, esses núcleos eram situados geralmente em cima de colinas e morros a fim de garantir melhor controle e facilitar as defesas de "suas terras" (Reis Filho, 2000, *apud* Caldeira, 2007).

Um exemplo claro de lugares que utilizava desse método de proteção é a cidade de Salvador, na Bahia que, em sua origem, localizava-se em um lugar alto, próximo a Baia de Todos os Santos. A Figura 1 abaixo representa o modelo exemplificado.

Figura 1 - Panorâmica da vila de São Salvador.



Fonte: Reis Filho, 2000, *apud* Caldeira, 2007.

Dessa maneira, as vilas coloniais cresciam e se aperfeiçoavam ao modelo do traçado das cidades lusitanas, que se destacavam por serem irregulares, lineares e polinucleares (Marx, 1980 *apud* Pinto, 2003). Esses traçados mais orgânicos eram consequências de uma decisão que os portugueses adotavam na composição de suas

[1] Segundo Santana (2019), o termo novo mundo designa a descoberta da américa por Cristóvão Colombo no final do século XV.

[2] De acordo com o Dicio (dicionário virtual), paliçadas são estruturas em madeiras utilizadas no Brasil no período colonial, na arquitetura militar. Apresentam formas de estacas, de varas ou troncos, que ficam fincadas no solo e são ligadas entre si, com o intuito de defesa.

cidades, a adaptação da configuração morfológica da urbe ao terreno, ou seja, construíam a esquematização das ruas de acordo com as características da topografia do lugar (Caldeira, 2007).

Gomes (2007) afirma que os edifícios e elementos urbanos construídos no período de colonização não seguia ao traçado regular. Como resultado, os espaços públicos se prejudicavam à medida que as vilas iam se expandido e geravam, segundo ele, “verdadeiros corredores desalinhados”. Assim, o modelo de construção e adaptação da expansão das vilas coloniais é consequência dos critérios de administração lusitanos.

Todas essas características de como as praças surgiram podem ser distinguidas após a intensa imigração portuguesa ao Brasil no século XVII, onde foi possível observar uma melhor colocação e melhoria na infraestrutura urbana colonial que anteriormente era considerada insalubre, sem condições de moradia e bem-estar da população. Este aperfeiçoamento nas condições urbanísticas se intensificou após a vinda da família real ao Brasil no século XIX (Caldeira, 2007).

Conforme acrescenta Caldeira (2007, p. 91), as praças evoluíam cada vez mais entre os períodos dos séculos XVIII e XIX, onde começam a assumir um caráter mais social com a presença das praças ajardinadas:

> Na constituição das vilas e cidades que se formaram ao longo do séc. XVIII, a praça brasileira foi gradualmente assumindo a forma mais racional e geométrica. Ao longo do séc. XIX, as intervenções ou projetos de embelezamento que incidiram sobre o espaço urbano consolidaram cada vez mais esse modelo de praça formal e regular. A característica de se estruturar diversos espaços para funções distintas permaneceu com o crescimento e desenvolvimento urbano, porém a praça adquiriu uma nova composição em função da introdução e valorização do verde na paisagem. Esse novo modelo de praça ajardinada priorizava funções como o lazer e a contemplação (Caldeira, 2007, p.91).

A partir dessas observações, passa-se a compreender a importância desses espaços públicos para as cidades brasileiras, constituídos desde sua herança colonial e passando por diversas transformações ao longo dos séculos, mas permanecido como espaço de valorização social, além de poder introduzir ao espaço urbano funções que viabilizem o lazer, a contemplação, o estar etc.

2.1.2. As praças no contexto urbano de Patos, PB

A cidade Patos nasce com a vinda da família Oliveira Ledo no século XVII ao sertão que se instalam nas terras a fins de colonização. Essas instalações eram dispostas por criações de gados e plantio devido à alta fartura que se encontrava nas terras. Lucena (2005) afirma que não tardou muito até as terras prosperarem devido a sua alta taxa de visitantes no local, pois estava posicionada no centro da Paraíba o que permitia que, independentemente das direções a qual viessem os transeuntes, a terra seria sempre movimentada, ou seja, as pessoas passariam pelo lugar.

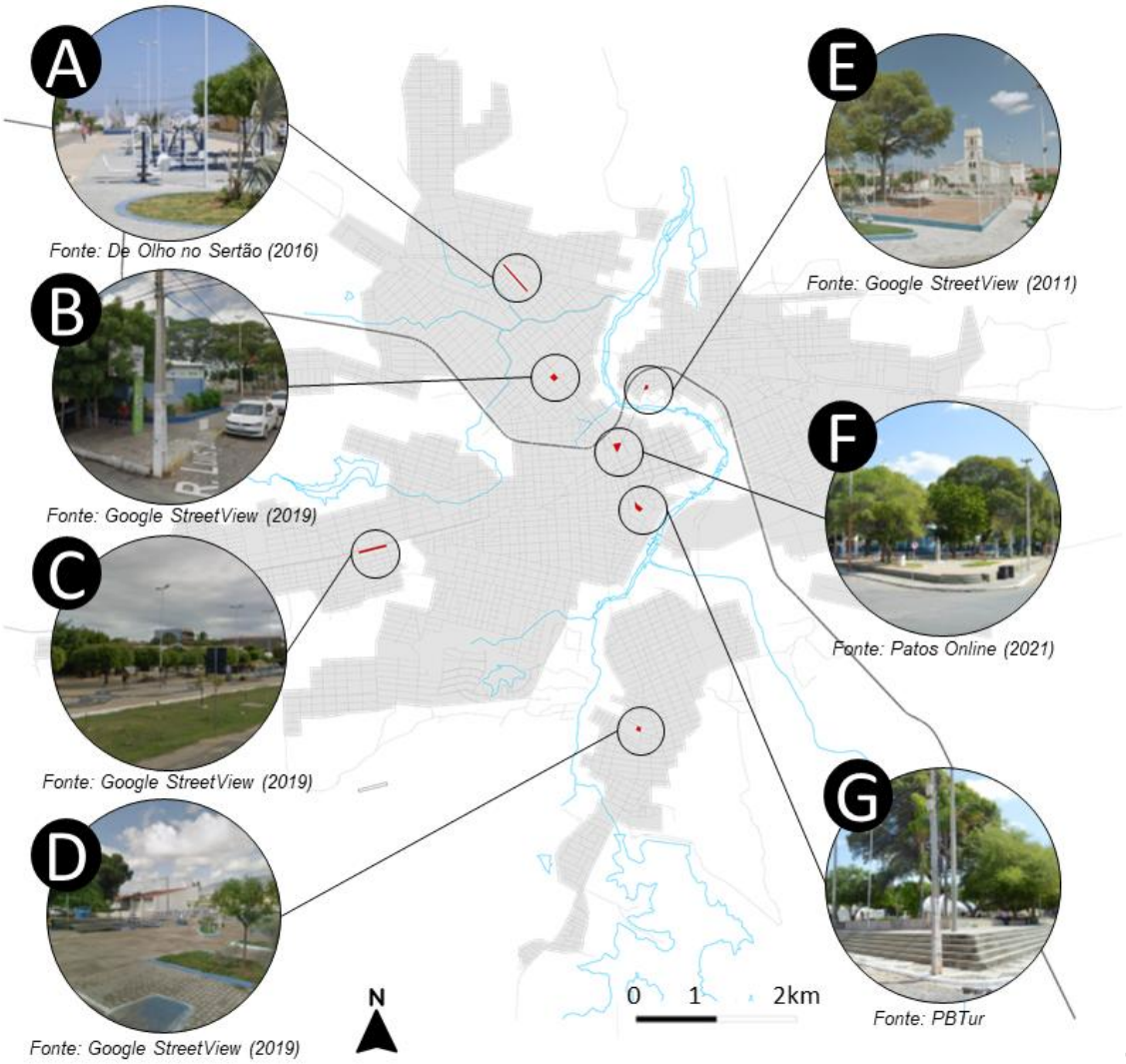
No século XIX Patos se elevava a condição de vila. A origem de seu nome advém de uma lagoa que era localizada as margens do Rio Espinharas e a ela foi denominada o nome de Lagoa dos Patos.

Em 07 de setembro de 1922, a praça da Independência é inaugurada, ela se localiza no local onde antes ficava situado a lagoa dos patos e em frente a matriz de Nossa Senhora da Conceição com preceitos religiosos (Silva, 2010). Foi a partir da composição da igreja e da praça que a cidade de Patos foi crescendo, e hoje, segundo dados estimativos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2020), é considerado a 4ª cidade mais populosa da Paraíba.

De acordo com Silva (2010), a praça já possuiu diversos nomes ao decorrer da história como por exemplo: Largo da matriz, Praça da Independência (1922) e Praça João Pessoa (1930). Atualmente ela é conhecida como praça Edvaldo Mota, que foi denominada por esse nome no ano de 1933. Pode-se dizer que a praça é o princípio da cidade de Patos pois está localizada em cima do berço da cidade, ou seja, a lagoa dos patos.

Falando um pouco no contexto geral de Patos, pode-se dizer que a cidade dispõe de diversas praças ao decorrer do seu território, conforme Figura 2. Elas estão distribuídas na maioria dos bairros da cidade. Dentre elas, é possível citar algumas praças que são importantes para cada lugar no contexto urbanístico, considerando aspectos como boa vegetação, alta taxa de visitação, área ou até mesmo os serviços que oferecem.

Figura 2 - Praças inseridas na cidade de Patos, PB.



Fonte: OpenStreetMap (2026) / Editado pelo Autor (2026).

No Centro de Patos se destacam as praças Edvaldo Mota (F) e a praça Getúlio Vargas (G), pela sua centralidade e alto índice de visitação e arborização, elas se localizam, respectivamente, na parte norte e sul do centro de Patos. No bairro Belo Horizonte se destaca a praça Nossa Senhora De Fátima (B) que se apresenta por estar em um ponto estratégico, onde ao seu redor se encontra a Igreja que contém o mesmo nome, além do Hospital Regional de Patos. Ela é bastante arborizada e oferece serviços à população, como academia da saúde e serviços culturais. Outras praças importantes de citar são as: Praça Coração do Jatobá (D), localizada no bairro do Jatobá; Praça Gilberto da Silva Oliveira (A), localizada no bairro do Noé Trajano; Praça São Sebastião (E), localizada no bairro São Sebastião; Praça Francisco da Silva Guedes (C), localizada no bairro Bivar Olinto.

Em 1992, o bairro Bivar Olinto surge na cidade de Patos. Considerado como um dos bairros novos de Patos (29 anos), traz consigo uma população jovem e a meta de ocupar o solo através de programas do governo como o Minha Casa Minha Vida (Melo; Lira Filho; Rodolfo Júnior, 2007). Após 23 anos, em 2015, surge a primeira praça no bairro, em um terreno que anteriormente era considerado um vazio urbano e que muitas vezes era utilizado para pastos de gados e equinos. A praça, objeto de estudo deste trabalho, foi um projeto realizado para atender a população oferecendo diversos serviços de lazer.

2.1.3. Conceitos e importância das praças nos espaços urbanos

As praças têm um grande valor simbólico e estrutural para uma cidade. Seus serviços devem contemplar as necessidades da população e da cidade, fazendo com que seja aproveitado da melhor forma. Dessa forma, diferentes autores (Gomes, 2007; Pinto, 2003; Caldeira, 2007; Lima, 2008), analisam o conceito de praças e os múltiplos aspectos que esses espaços assumem na sociedade.

Gomes (2007) afirma que as praças são importantes elementos na composição dos espaços urbanos e tem ligação direta com as finalidades e as funções que elas irão desempenhar. Assim, se houver algum descaso do poder público com o lugar a qual a praça está inserida, há a possibilidade dela se tornar locais marginalizados e sem segurança, reduzindo a circulação de pessoas no local e se distanciando das funções a qual uma praça deve ter.

Além disso, esses espaços públicos devem conter um valor singular em sua composição, pois a repetição e padronização desses espaços em uma cidade geram uma banalização urbanística, resultando em algo sem característica e sem importância, isso consequentemente faz com que a população deixe de frequentar estes espaços públicos (Idem).

De acordo com Pinto (2003), as praças devem ser “um espaço público aberto, construído ou adaptado a um vazio urbano, ou até mesmo aberto no meio do espaço urbano, e que possua um uso definido”, ou seja, é um lugar que se molda a partir das características do lugar, seja elas por meio do entorno ou do terreno, e das pessoas que a frequentam.

Caldeira (2007) conceitua a praça como um lugar que integra e reúne as pessoas, segundo ela “a integração entre morfologia, estética e apropriação é que

permite a formação de praças, como espaços simbólicos, lugares de memória, alma da cidade", ou seja, todo o processo de urbanização se desenvolve a partir desse espaço de convivência entre as pessoas.

Do ponto de vista de Lima (2008), a praça é um lugar que se manifesta como local de convivência, centralidade e que se molda de acordo com o ambiente a qual está inserido e as pessoas que a frequentam, sendo importante para o contexto social, cultural e histórico do lugar. Apresenta características únicas, desde sua existência, e que "possibilita o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes os usos e olhares num mesmo espaço".

Desse modo, é possível observar as diversas utilidades que uma praça contém, devendo ser sempre projetada seguindo os padrões e necessidades da população que irá usufruir do espaço.

2.2. A questão cultural na sociedade e suas influências

Para Milanesi (1997), o termo cultura possui uma gama de significados em seu sentido, dentre eles, o conceito que trata sobre a diversidade e explicar a história de um lugar ou de um povo. Historicamente, a palavra cultura está presente no vocabulário da humanidade desde a Grécia Antiga, ao qual significava uma ação de cuidar e criar de terras, além de ser utilizado no sentido educacional.

A partir da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, a questão cultural passou por modificações em seu sentido, pois, de acordo com Espolador e Borges (2018), houve um rearranjo no sistema ao qual o trabalho era feito, com a chegada das máquinas na sociedade, e consequentemente, as pessoas que trabalhavam adquiriam novas experiências tecnológicas, além de novas formas de entender como a cultura poderia funcionar e ser influenciada por esses novos procedimentos. Sendo assim, a cultura passou a ser mais industrializada e atinge novos caminhos, com a propagação de conhecimento por veículos de comunicação, como o rádio e a TV (Milanesi, 1997).

Mais adiante, no final do século XIX, o antropólogo Franz Boas contribuiu para a redefinição do conceito de cultura, passando a compreendê-la como resultado de fatores relacionados ao ambiente, à subjetividade humana e aos processos históricos, conforme Rodrigues (2020).

Todavia, essa palavra significa algo muito maior, complexa e importante para a sociedade atual. Fioravanti Junior e Madureira (2015) explica que a palavra significa um aprendizado que é adaptável a uma sociedade e que se manifesta de diferentes formas e padrões, como objetos, materiais, dança, atuação, pinturas, pensamentos, comidas, entre outros. É um conjunto de ideais que se justifica pelo costume e crença de um lugar.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a cultura é definida e caracterizada em uma sociedade pelo seu modo de vida, arte, letra, convivência e identidade, além disso, afirma que a cultura é um “conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos” de um povo.

A cultura faz parte da formação de todo ser vivo e, portanto, deve ser assegurado que todos tenham acesso a esse recurso tão vital para a composição da sociedade. Desse modo, é de extrema importância o incentivo para que todos possam usufruir de tal recurso. No Brasil, existem leis que assegura que a sociedade possua acesso à cultura, como por exemplo a Lei n° 12.343, de 2 de dezembro de 2010, que assegura e tem como objetivo o “desenvolvimento de programas, projetos e ações culturais que garantam a valorização, o reconhecimento, a promoção e a preservação da diversidade cultural existente no Brasil” (Brasil, 2010), além disso, a Lei Rouanet (N° 8.313/91) que incentiva que milhares de projetos culturais possam acontecer em todo lugar do país durante todo o período do ano (Brasil, 1991).

2.3. Arquitetura de Centros Culturais

De acordo com Alves (2014), diversos estudos já foram realizados com o objetivo de compreender a origem dos espaços culturais ao longo da história. Relatos indicam que, ainda no século II a.C., existia uma edificação de grande relevância conhecida como Biblioteca de Alexandria (Figura 3), considerada um dos primeiros exemplos de espaços destinados à reunião e preservação do conhecimento, que também incorporava funções como jardins botânicos e anfiteatros. Dessa forma, pode-se compreender que, desde a Antiguidade, já havia uma preocupação em criar espaços que integrassem diferentes formas de conhecimento, cultura e convivência, antecipando características presentes nos centros culturais contemporâneos.

Figura 3 - Interior da biblioteca de Alexandria através de ilustração.



Fonte: Toda Matéria [s.d.].

Entretanto, foi apenas no século XX que o conceito de centro cultural passou a se difundir em escala global, impulsionado pela criação do Centro Nacional de Arte e Cultura Georges Pompidou (Figura 4), projetado por Renzo Piano e Richard Rogers, na França. Amplamente divulgado e debatido internacionalmente, o edifício tornou-se uma importante referência arquitetônica e um dos marcos do movimento High Tech (Rodrigues, 2020).

Figura 4 - Fachada do Centro Nacional d'Art et de Georges Pompidou com elementos do movimento High Tech.



Fonte: Viva Decora (2019).

A partir desse edifício, diversos outros centros culturais passaram a surgir e se consolidar ao longo do tempo, acompanhando as transformações sociais, culturais e urbanas. Atualmente, observa-se uma diversidade de equipamentos culturais, capazes de abrigar múltiplas atividades e atender a diferentes demandas da população, estando presentes em distintas realidades urbanas ao redor do mundo. No contexto brasileiro, esse movimento ganha força a partir da década de 1980, especialmente na cidade de São Paulo, com a implantação de importantes referências como o Centro Cultural São Paulo e o Centro Cultural Jabaquara (Feldhaus, 2019).

O Centro Cultural São Paulo (Figura 5) destaca-se por sua proposta inovadora de integração entre arquitetura e espaço público, apresentando uma configuração aberta, acessível e multifuncional, que favorece a circulação contínua de pessoas e a apropriação do espaço pela população. Sua organização espacial prioriza a flexibilidade de usos, abrigando atividades como exposições, biblioteca, espaços de convivência e manifestações culturais diversas (Souza, 2017).

Figura 5 - Parte externa do Centro Cultural São Paulo.

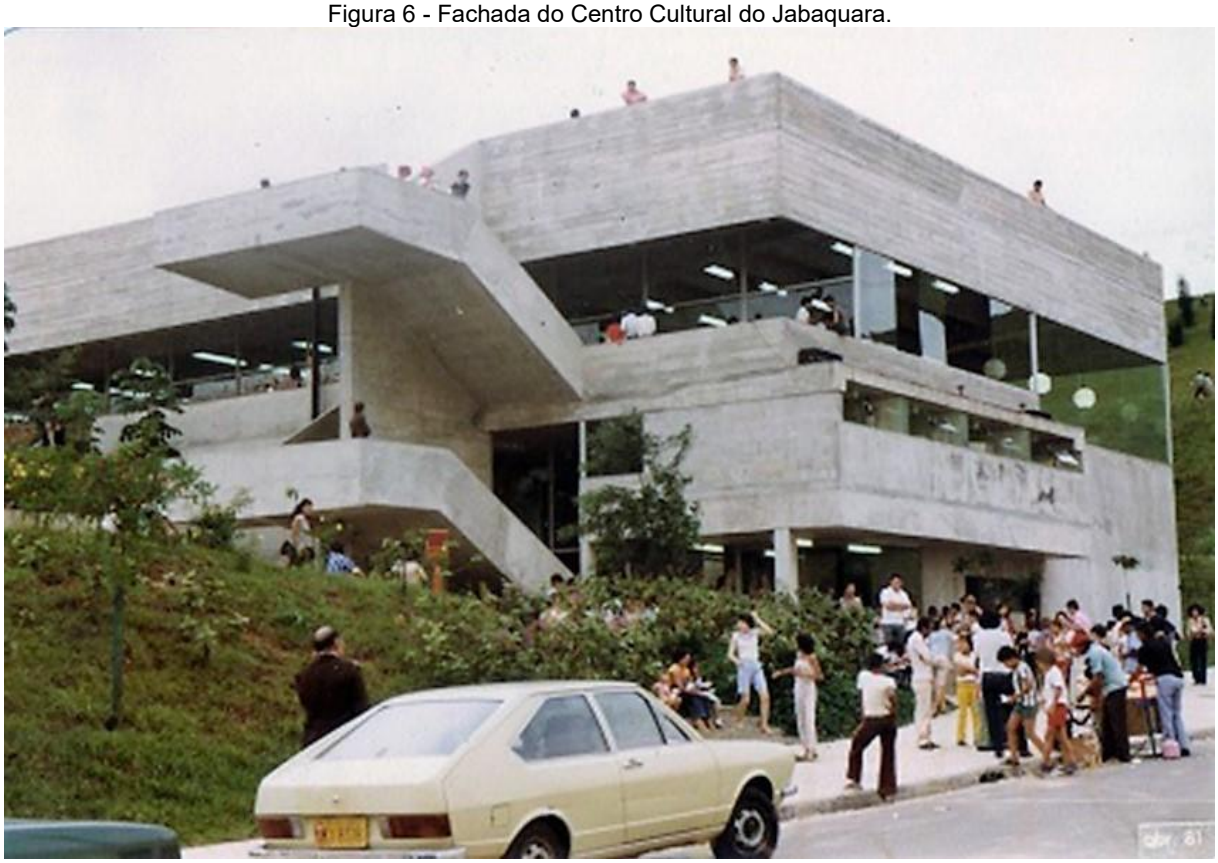


Fonte: Amanda Peres (2026).

Já o Centro Cultural Jabaquara (Figura 6) surge como uma iniciativa voltada à descentralização das atividades culturais, buscando atender áreas periféricas da cidade e ampliar o acesso da população a serviços culturais. Esse equipamento reforça o papel dos centros culturais como instrumentos de inclusão social e

democratização da cultura, ao promover atividades voltadas para a comunidade local e incentivar a participação ativa dos usuários (Yau; Filho, 2017).

Figura 6 - Fachada do Centro Cultural do Jabaquara.



Fonte: Yau e Filho (2017).

De modo geral, centros culturais são ambientes que unificam, total ou parcialmente, uma estrutura arquitetônica devidamente projetada para aquela região, que tem por fim uso coletivo e que abrange serviços de arte, dança, música, teatro, educação e outros meios de expressão da cultura (Alves, 2014). Sendo assim, a edificação deve contemplar essas atividades, além de conseguir relacioná-los com o meio ao qual está inserido.

Além disso, Carneiro (2019) afirma que o espaço ao qual é destinado o centro cultural deve reunir os mais variados tipos de expressões artísticas e intelectuais, ao qual, a partir delas, será possível uma conectividade maior com a história do lugar e, em conjunto, a descoberta de novas maneiras de se manifestar. É uma das formas de se adquirir conhecimento através de ideias e da criatividade.

Rodrigues (2020) ainda cita que os centros culturais devem propor entretenimento e conhecimento para todos que tiverem interesse e para isso, é dever,

de acordo com o Art. 2° da Lei 12.288, de 20 de julho de 2010, a igualdade e oportunidade de participar de uma comunidade que aceite seus valores culturais e que não haja distinção de público, ou seja, disponível para toda a sociedade.

A autora ainda complementa que esses espaços vêm se transformando cada vez mais em ambientes que proporcionam a produção de atividades e não apenas a preservação das memórias ou bens culturais. Nesse sentido é possível notar a grande evolução e a importância que esses centros culturais trazem para a população de um lugar. Entretanto, existem diversos municípios em todo o Brasil que não possuem este serviço e muito das vezes, é necessário se locomover para outra cidade que tenha em sua disponibilidade este edifício público.

Segundo Fioravanti Junior e Madureira (2015), a própria arquitetura é considerada um elemento cultural e artístico em uma cidade e com isso, sua edificação se torna empiricamente parte do conjunto simbólico e significativo da sociedade. Dessa forma, toda sua caracterização e implantação deve ser levado em consideração na hora de projetar um edifício cultural.

Em geral, os serviços que serão prestados em um centro cultural refletem muito na população que vai usufruir do recurso, tendo em vista que são elas quem utilizarão. Portanto, não existe regras ou padrões a ser seguido de um centro cultural para outro, mas normalmente é utilizado de espaços para exposições, teatro, sala de aulas e de músicas, além de bibliotecas e oficinas (Rodrigues, 2020).

Já em relação ao complexo edificado, é necessário seguir as recomendações de conforto acústico, térmico e de iluminação adequados para a região, sendo assim, em locais de clima quente e seco, é importante a utilização de materiais leves, de aberturas para circulação do ar, locais que entrem iluminação natural, brises, recuos de paredes e beiral, além de um trabalho paisagístico para que melhor se molde ao arquitetônico (Feldhaus, 2019).

2.4. Considerações sobre o referencial teórico

A partir da análise dos estudos apresentados, compreende-se que as praças e os centros culturais desempenham papel fundamental na estruturação dos espaços urbanos, atuando como elementos de integração social, valorização cultural e qualificação da paisagem urbana. Historicamente, as praças consolidaram-se como espaços de encontro, convivência e manifestação coletiva, assumindo, ao longo do

tempo, funções que vão além do lazer, incorporando dimensões simbólicas, políticas e culturais.

No contexto contemporâneo, observa-se que a qualidade desses espaços está diretamente relacionada à forma como são planejados e apropriados pela população. Praças bem estruturadas, com identidade própria e diversidade de usos, tendem a estimular a permanência e o convívio social, enquanto espaços negligenciados podem resultar em áreas subutilizadas e inseguras. Dessa forma, reforça-se a importância de projetos que considerem as especificidades locais, evitando a padronização e promovendo a criação de ambientes significativos para a comunidade.

Paralelamente, a cultura se apresenta como elemento essencial para o desenvolvimento social, sendo responsável por expressar identidades, valores e modos de vida. Nesse sentido, os centros culturais surgem como equipamentos estratégicos capazes de democratizar o acesso à cultura, reunindo diferentes manifestações artísticas e promovendo a produção e difusão do conhecimento. Além disso, esses espaços contribuem para a inclusão social e para o fortalecimento dos vínculos comunitários, especialmente quando inseridos em áreas urbanas que carecem de infraestrutura cultural.

A relação entre centros culturais e espaços públicos evidencia um potencial significativo de integração urbana, observado em diferentes contextos internacionais, como no Centro Cultural Gabriela Mistral, em Santiago (Chile), no Parque Linear *Superkilen*, em Copenhague (Dinamarca), associado ao Centro Cultural *Nørrebrohallen*, no Centro Cultural *Matadero* Madrid, em Madrid (Espanha), e na Oslo *Opera House*, em Oslo (Noruega), os quais demonstram distintas formas de articulação entre equipamentos culturais e espaços públicos abertos.

Dessa maneira, a articulação entre praça e centro cultural configura-se como uma estratégia relevante para a requalificação urbana, ao unir lazer, cultura e convivência em um mesmo espaço. Essa integração potencializa o uso do ambiente urbano, amplia as possibilidades de apropriação pela população e contribui para a construção de cidades mais inclusivas, dinâmicas e socialmente ativas.

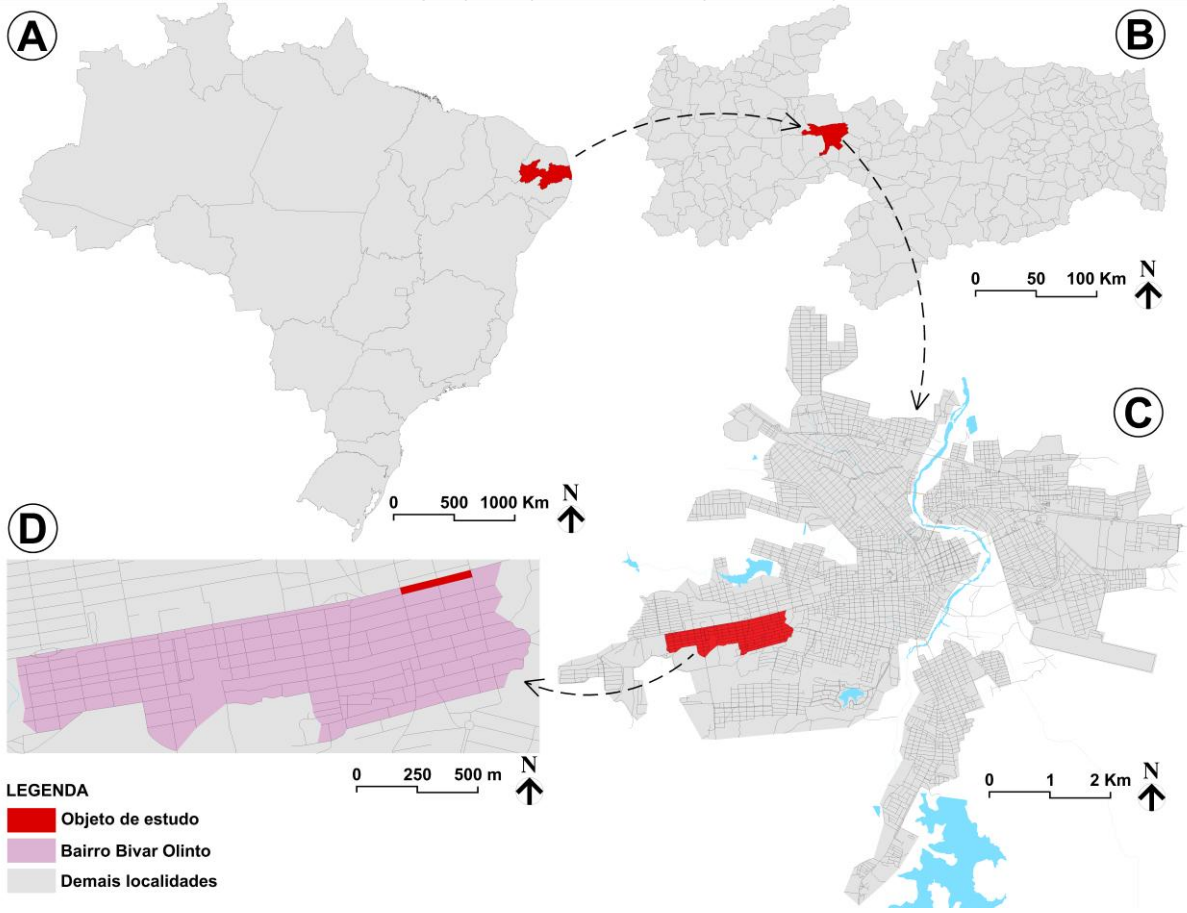
3. METODOLOGIA

Este trabalho classifica-se como pesquisa descritiva, pois analisa os fatos observados na praça, contribuindo para o diagnóstico do local e a compreensão do contexto urbano em que se insere. Essa pesquisa também se classifica como qualitativa e quantitativa, ao qual a partir dos dados coletados, foram elaboradas tabelas para demonstrar os resultados. Conforme Gerhardt e Silveira (2009), esses métodos auxiliam na organização e interpretação das informações obtidas.

3.1. Objeto de estudo

O objeto de estudo localiza-se no município de Patos-PB, no bairro Bivar Olinto. O anteprojeto do centro cultural será integrado a praça Francisco da Silva Guedes que é delimitada pelas ruas Dr. Romero Nóbrega, Joaquim Dedé, Manoel Pereira Filho e Deca Simplício, conforme Figura 7.

Figura 7 - Localização do objeto de estudo. A: Nível nacional (Brasil); B: Nível estadual (Paraíba); C: Nível municipal (Patos); D: Nível local (Bivar Olinto).



Fonte: Autor (2026).

3.2. Procedimentos metodológicos

3.2.1. Revisão bibliográfica

Na primeira parte, onde pode ser citado a introdução e o referencial teórico, foram feitas pesquisas bibliográficas em livros e artigos científicos, digitalmente e fisicamente, onde foi possível observar o funcionamento e a história das praças e centro culturais, demostrando a importância para o contexto sociocultural de uma cidade. Esse método, segundo Gerhardt e Silveira (2009), consiste na utilização de pesquisas já realizadas na área para orientar o pesquisador sobre o assunto ao qual já existe conhecimento.

3.2.2. Análise dos projetos correlatos

A segunda parte do trabalho, foi o estudo acerca de três correlatos que é de extrema importância para se compreender técnicas e soluções empregadas em outros espaços. Sendo assim, eles devem estar diretamente ligados com a proposta do trabalho, a integração de espaços e para isso, foi utilizado dois métodos de pesquisas diferentes, o primeiro foi o de Gatti (2013), que propõe analisar os espaços público e o método de Baker (1996), ao qual analisa o edifício de forma categórica através de imagens, figuras, mapas, plantas, cortes e diagramas.

No método de Gatti (2013), ela analisa os pontos da seguinte perspectiva: **Análise de entorno,** busca pontos focais de interesse em locais próximos ao objeto de estudo, além de estudar os problemas urbanos e a apropriação do espaço; **Análise do terreno,** trata do objeto do estudo em si, analisando seus fluxos, usos, estruturas existentes, topografia e vegetação.

Já no método de Baker (1996), ele analisa: **Gennius Loci,** análise do local, trazendo uma contextualização do lugar ao qual o edifício está inserido a fim de entender sua paisagem e composição; **Iconologia,** estuda questões históricas e culturais do contexto do edifício; **Identidade,** é a parte ao qual leva em consideração suas características cronológicas, seu contexto histórico, estilo e tipologia; **Significado de uso,** aqui é dito a função que o edifício tem no lugar ao qual está inserido, seu programa de necessidades, setorização e fluxo; **Movimento e Geometria,** é a forma plástica que o edifício é visto, sua simetria, cheios e vazios,

volumes e aberturas; **Estrutura e materiais,** por fim, é visto como funciona o sistema estrutural do edifício além de toda composição de materiais aplicado a ele.

3.2.3. Elaboração do anteprojeto arquitetônico

Para realização dessa parte do trabalho, foi utilizado o método de Neves (1989) que fala sobre o desenvolvimento do projeto. Ele divide essa metodologia em duas partes, a primeira cita uma análise preliminar acerca do terreno para obter informações básicas, ou seja, um diagnóstico do objeto de estudo e a segunda sobre o desenvolvimento do anteprojeto.

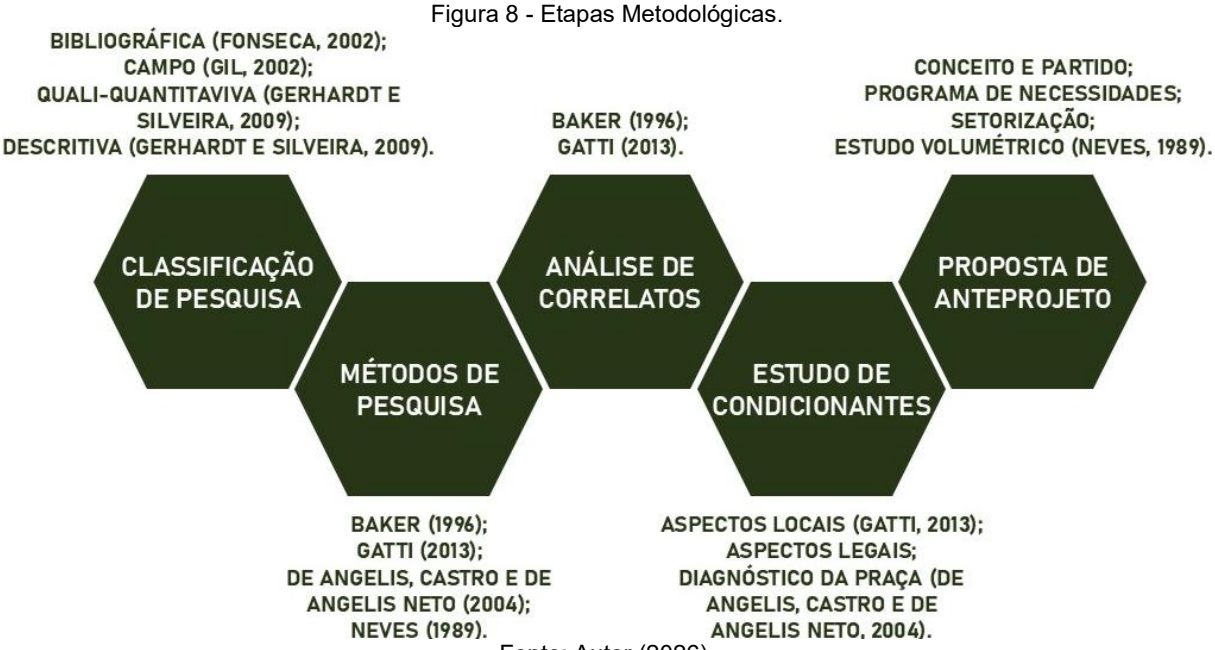
Na etapa de diagnóstico do objeto de estudo, foram utilizados alguns métodos de pesquisas para orientar e apresentar um diagnóstico. Foi utilizado o método de Gatti (2013) para fazer a análise do local levando em consideração os mesmos pontos dos correlatos, além disso, foi-se utilizado os métodos de levantamentos quantitativos e qualitativos que os autores de Bruno Luiz Domingos De Angelis, Rosana Miranda de Castro e Generoso De Angelis Neto (2004) citam em seu artigo.

Deste modo, utilizou-se o método da pesquisa em campo, que se baseia na coleta de dados *in loco* (Gil, 2002). A partir desta pesquisa, foi possível analisar como a praça Francisco da Silva Guedes, em Patos – PB se caracteriza diante de seu entorno e da própria infraestrutura que ela oferece. Este método dispõe de estratégias essenciais para uma boa análise, como a captura de imagens e coleta de dados para criação de figuras, gráficos, tabelas e mapas.

Na etapa de desenvolvimento do anteprojeto, Neves (1989) propõe uma estruturação de como deve seguir a elaboração projeto, com escolha de um conceito e partido arquitetônico, desenvolvimento de uma tabela de pré-dimensionamentos e, por fim, a parte técnica do trabalho, com plantas baixas, cortes, fachadas, estudo de materiais e volumetria.

Desta maneira, com a união destas metodologias citadas, foi possível realizar o trabalho ao qual o artigo tem a finalidade, iniciando pelos estudos dos textos relativos à temática, levantamentos, análises de dados, e desenvolvimento de um centro cultural integrada com a praça, contribuindo então para área a qual o trabalho está envolvido, e fortalecendo a análise qualiquantitativa urbanística do local. A partir das considerações realizadas, foi possível a realização de um fluxograma (Figura 8) para uma melhor compreensão de todas as metodologias e etapas feitas no trabalho.

Figura 8 - Etapas Metodológicas.



Fonte: Autor (2026).

4. ANÁLISE DE PROJETOS CORRELATOS

Para melhor compreensão da proposta deste trabalho, que consiste na integração entre uma praça e um centro cultural, foi realizada uma análise de projetos correlatos, utilizando dois métodos distintos: o de Geoffrey Baker (1996), voltado à análise de edificações, e o de Gatti (2013), direcionado à análise de espaços públicos.

A seleção dos três equipamentos analisados foi definida a partir de critérios específicos relacionados à natureza de cada projeto. O primeiro correlato, o Centro Heydar Aliyev, localizado em Baku, no Azerbaijão, foi escolhido por apresentar uma forte integração entre o edifício cultural e o espaço público ao seu redor, sendo analisado por meio da combinação dos dois métodos. O segundo, a Piazza Fontana, situada em Milão, na Itália, foi selecionado por se tratar de uma praça, permitindo uma análise mais voltada ao espaço público. Por fim, o Centro Cultural Porto Seguro, em São Paulo, foi escolhido como referência de equipamento cultural edificado, possibilitando uma leitura mais aprofundada de sua organização arquitetônica.

Ao final desse tópico, será apresentado um quadro-síntese ao qual irá conter as pretensões que serão utilizadas para o desenvolvimento da proposta.

4.1. Centro Heydar Aliyev

4.1.1. Ficha técnica

- Autoria - *Zaha Hadid Architects;*
- Ano do projeto - 2013;
- Área - 101.801 m²;
- Localização - Baku, Azerbaijão.

4.1.2. Análise do entorno

O Centro *Heydar Aliyev* (Figura 9) é um projeto que tem como autoria o escritório da arquiteta *Zaha Hadid* e que foi concluído no ano de 2013 na cidade de Baku, capital do Azerbaijão. O complexo conta com uma área estimada de 101.801 m², divididas entre a área externa e interna do edifício.

Figura 9 - Vista do Centro *Heydar Aliyev*.

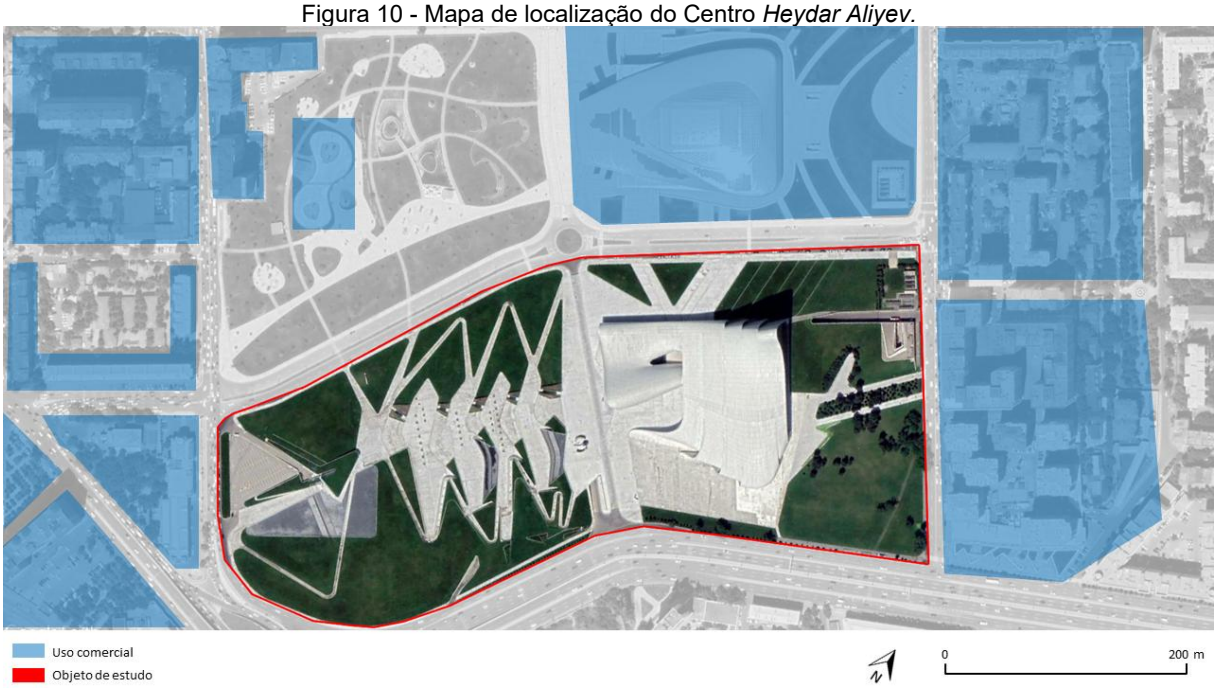


Fonte: *Archdaily* (2013).

Com a finalidade de romper o vínculo com a arquitetura soviética tão presente na cidade de Baku, o Centro *Heydar Aliyev* surge como uma aspiração a sensibilidade da cultura *Azeri* e uma visão que o futuro pode oferecer, com técnicas e materiais inovadores (*Archdaily*, 2013).

Localizado no centro da cidade, ao longo da via principal, o centro cultural faz parte da reurbanização daquela área e foi edificado para ser um marco no local, atraindo olhares de cidadãos e turistas devido à sua geometria curva e arquitetura exuberante (Giovannini, 2013). Na Figura *10* é possível observar que no entorno imediato do centro o uso comercial é predominante, com a presença de cafés, lojas de moda, restaurantes, bancos entre outros.

Figura 10 - Mapa de localização do Centro *Heydar Aliyev.*

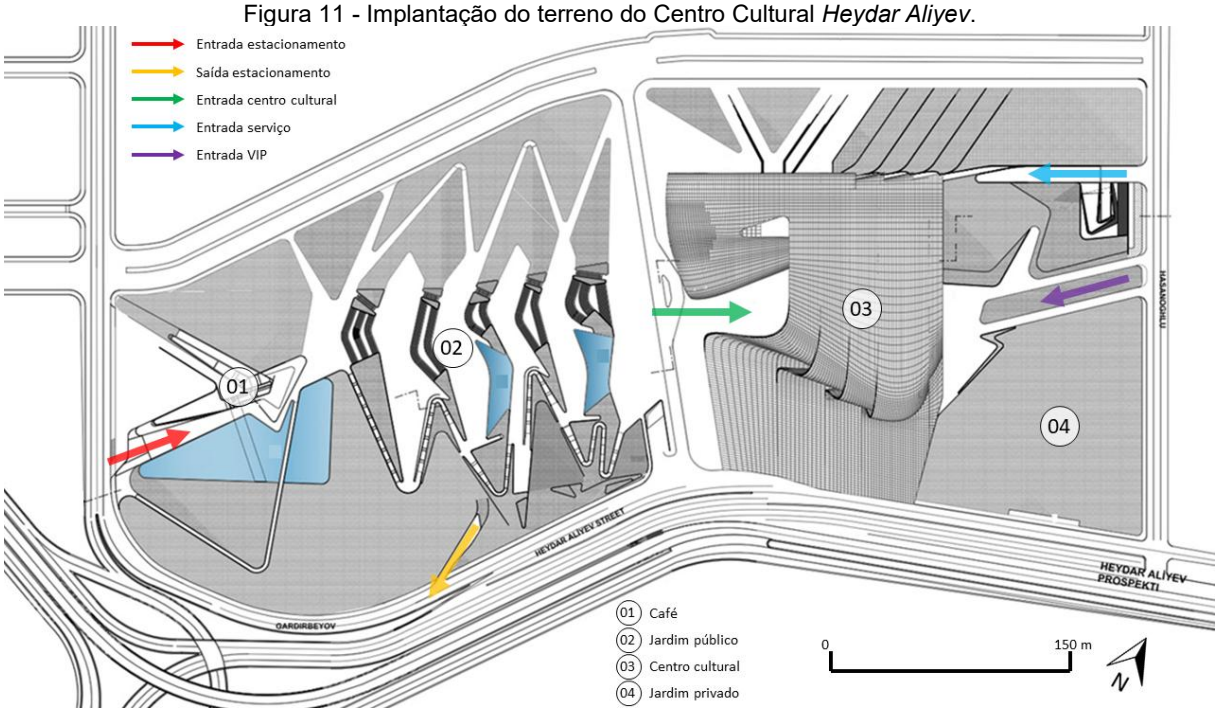


Fonte: *Google Earth Pro* (2025), adaptado pelo autor (2026).

4.1.3. Análise do terreno

O terreno ao qual o Centro Heydar Aliyev está localizado faz parte da paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Baku. Isso se deve ao fato que tanto o centro cultural quanto a praça que fica ao seu redor é acessível ao público. Essa integração entre esses espaços possibilita visualizar que o edifício está implantado em meio ao solo da praça, conforme é possível observar nas Figura *11*, tornando uma construção grandiosa, harmônica e sem distinção entre o objeto arquitetônico, a paisagem urbana e a praça (Archdaily, 2013). Desse modo, o terreno é divido em entrada para estacionamento, cafeteria, centro cultural, jardim público e jardim privativo.

Figura 11 - Implantação do terreno do Centro Cultural *Heydar Aliyev*.



Fonte: *Archdaily* (2013), adaptado pelo autor (2026).

Na Figura *12* também é possível observar como a paginação de piso complementa a edificação e como ele se integra com a forma do jardim e espelhos d'água. Tudo isso foi pensado para que o usuário que frequenta o lugar consiga sentir as nuanças que a arquitetura do centro cultural oferece com suas curvas.

Figura 12 - Perspectiva do Centro Cultural *Heydar Aliyev*.

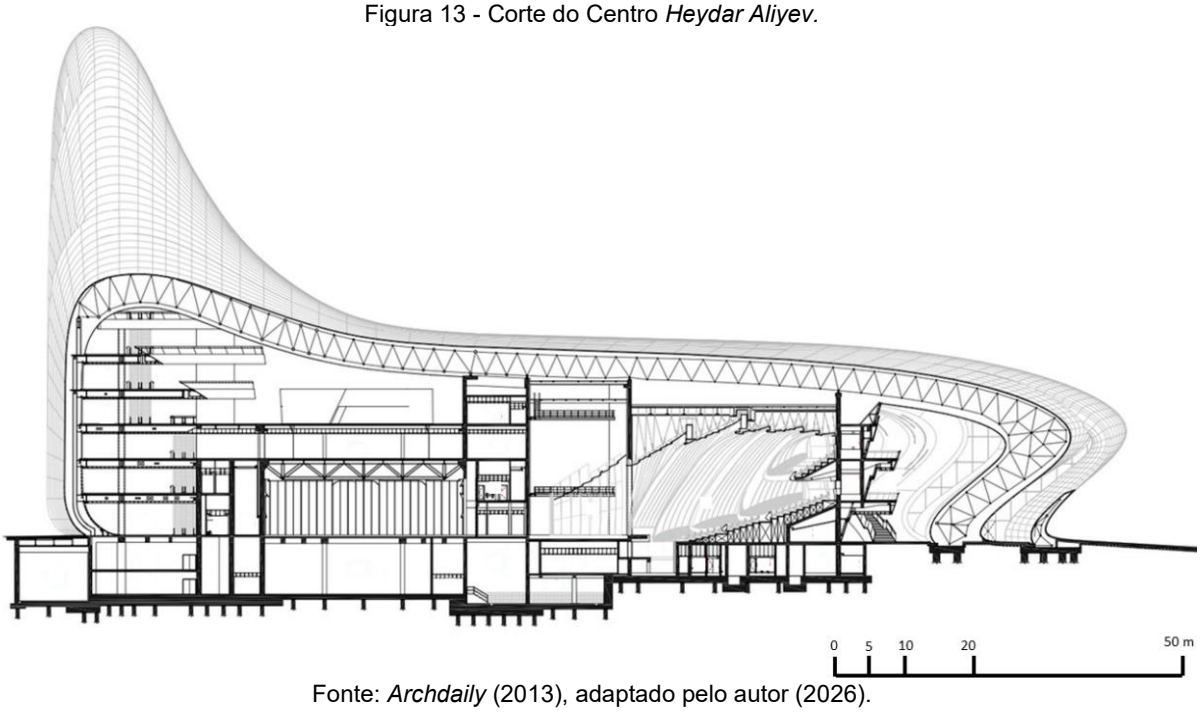


Fonte: *AG&P Greenscape [s.d.]*.

4.1.4. Significado de uso

O Centro Cultural Heydar Aliyev é um edifício que possui um programa de necessidades bem completo disposto em 9 pavimentos (Figura *13*) e tem como grande característica seu aspecto físico, ao qual a arquiteta teve a intenção de deixá-la com uma forma contínua, quase homogênea. E para isso, a equipe teve que utilizar de uma gama de serviços e materiais inovadores, além de softwares de construção 3d para conseguir chegar no resultado.

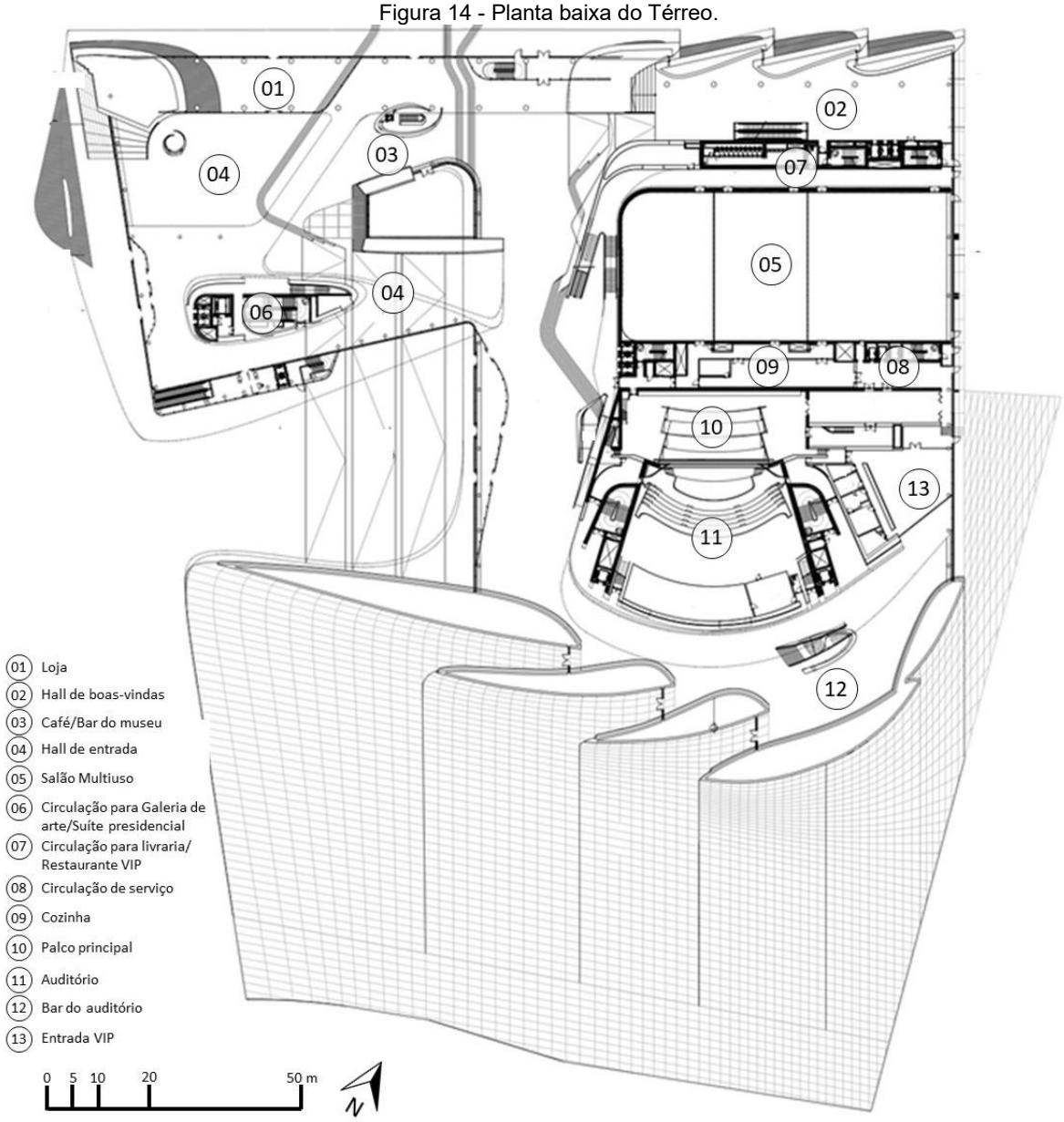
Figura 13 - Corte do Centro *Heydar Aliyev*.



Fonte: *Archdaily* (2013), adaptado pelo autor (2026).

No andar térreo, é possível ver a maioria dos serviços prestados pelo edifício, como recepção, café/bar interno, centro de conferência, espaço alternativo, palco principal, auditório, sala presidencial, bar do auditório e recepção do auditório (Figura *14*).

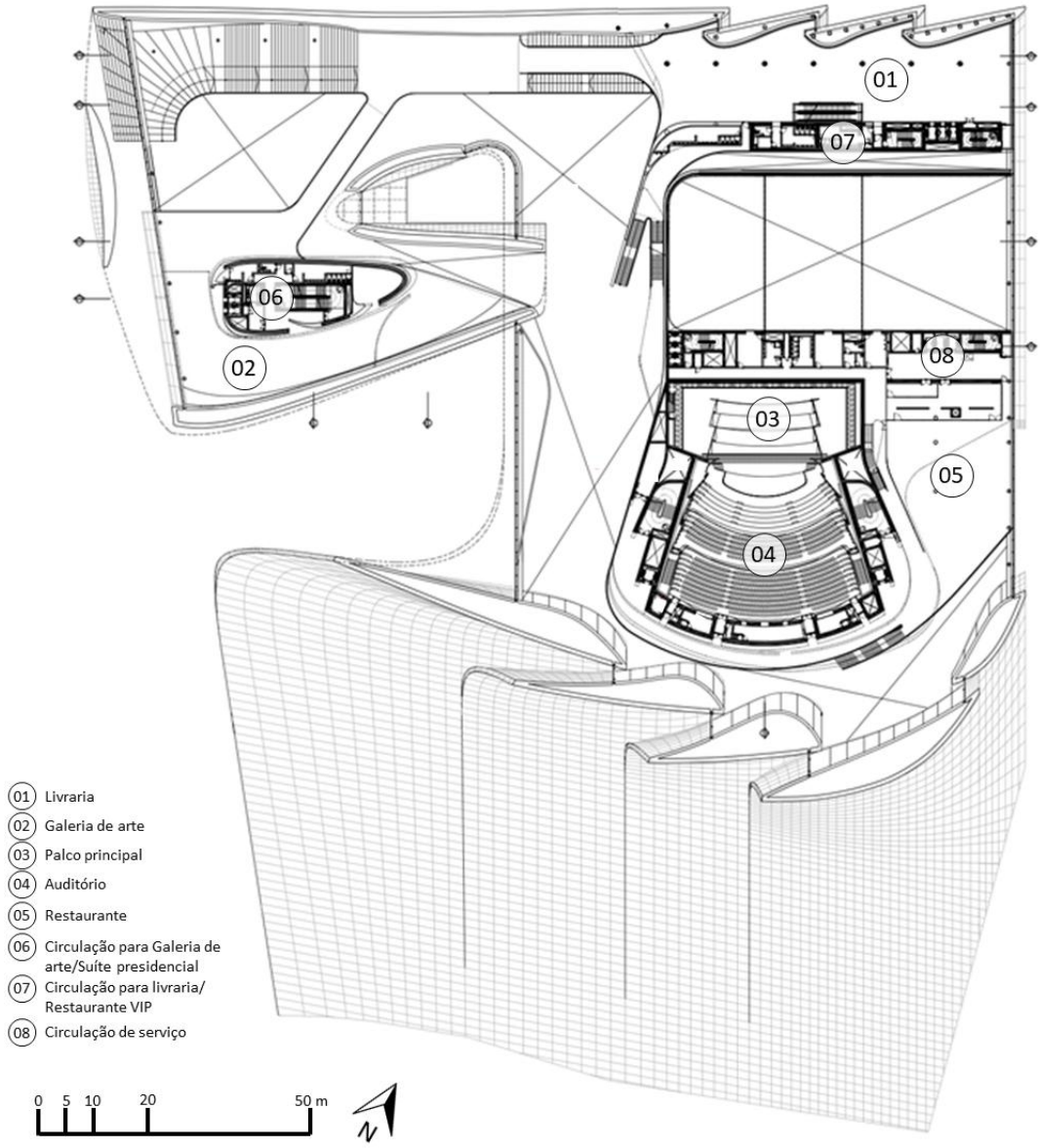
Figura 14 - Planta baixa do Térreo.



Fonte: *Archdaily* (2013), adaptado pelo autor (2026).

O primeiro pavimento é composto por biblioteca, galeria de arte e restaurante, além da continuidade do auditório (Figura *15*), configurando-se como um espaço voltado à permanência e ao desenvolvimento de atividades culturais, educativas e de convivência. Sua organização espacial favorece a integração entre os usos, estimulando a circulação e a apropriação dos ambientes pelos usuários.

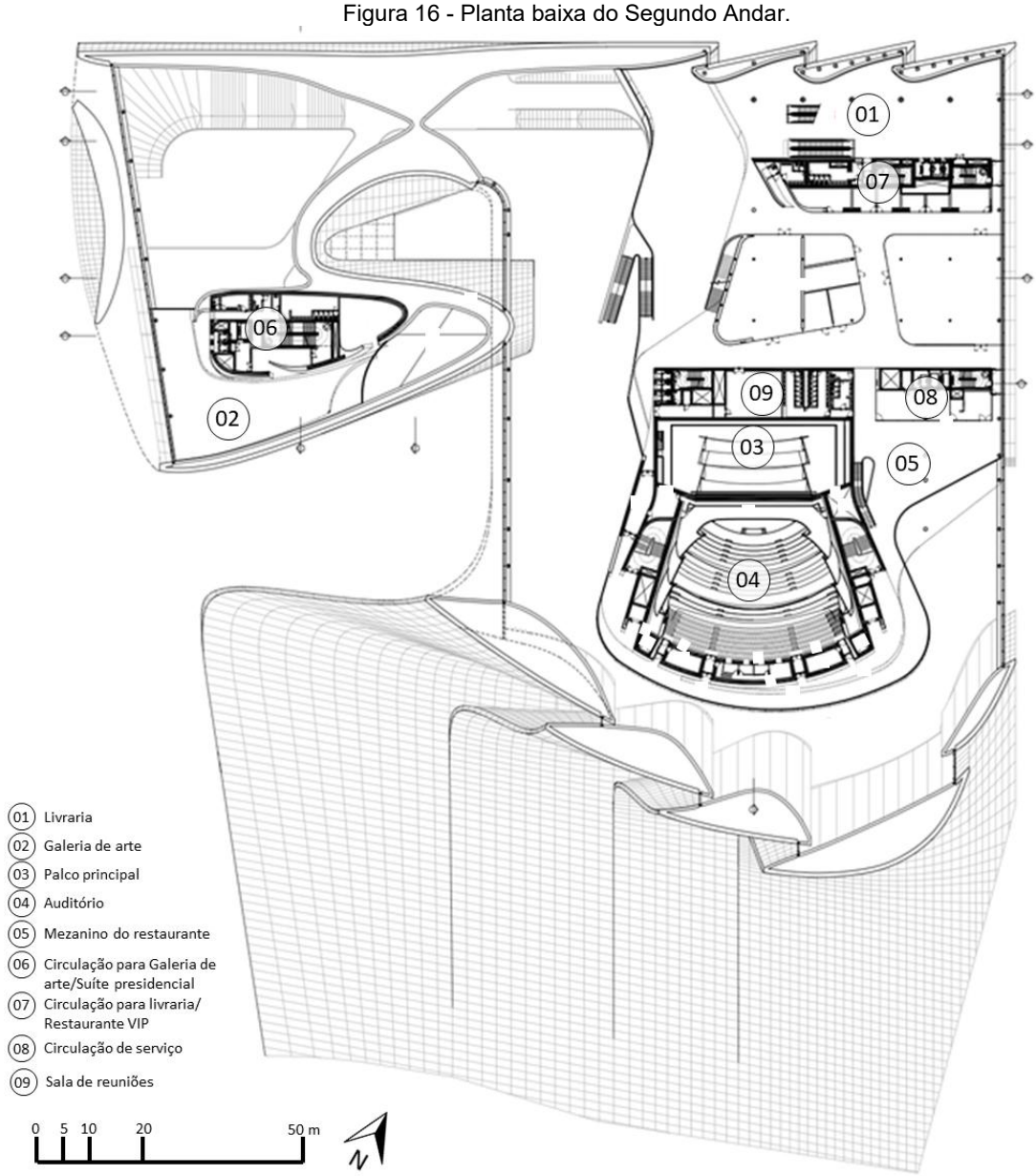
Figura 15 - Planta baixa do Primeiro Andar.



Fonte: *Archdaily* (2013), adaptado pelo autor (2026).

Já no segundo pavimento, há a continuidade da biblioteca e da galeria de arte, além de espaços de apoio, como recepção para a sala de reunião, sala de reunião, café do mezanino e uma entrada VIP para o auditório (Figura *16*), configurando-se como um nível voltado a atividades mais reservadas e institucionais. Nos pavimentos superiores, terceiro, quarto, quinto e sexto, observa-se a continuidade desses ambientes, acrescida de espaços complementares que qualificam o funcionamento do conjunto, como um escritório no terceiro pavimento, a controladora de palco no quarto e uma suíte presidencial no quinto, reforçando a diversidade funcional do edifício e garantindo maior suporte às diferentes demandas operacionais e eventos realizados no espaço.

Figura 16 - Planta baixa do Segundo Andar.



Fonte: *Archdaily* (2013), adaptado pelo autor (2026).

A partir do sétimo pavimento, não há a presença dos ambientes voltados à arte e à cultura, em razão da configuração volumétrica mais elevada desse nível, que condiciona usos mais específicos. Nesse pavimento, foi implantado um restaurante de caráter mais exclusivo, voltado a um público mais restrito e a experiências diferenciadas. Para dar suporte a essa atividade, o oitavo pavimento abriga a cozinha de apoio, responsável pelo atendimento do restaurante, garantindo a funcionalidade do serviço e a organização das atividades operacionais (Figura *17*). Essa organização vertical contribui para a setorização eficiente dos usos e para o bom desempenho do edifício como um todo.

Figura 17 - Planta baixa do Sétimo Andar.



Fonte: *Archdaily* (2013), adaptado pelo autor (2026).

4.1.5. Conclusão

Dessa forma, Zaha Hadid apresenta a composição desse centro cultural por meio de uma linguagem contínua e integrada, na qual edifício e espaço público se articulam de maneira fluida. Os materiais empregados, associados a soluções construtivas de alta tecnologia, conferem leveza visual ao conjunto, mesmo diante de sua escala expressiva, além de reforçarem o caráter contemporâneo da proposta. Trata-se de um projeto que explora a topografia do terreno como elemento gerador da forma, possibilitando uma integração mais orgânica entre arquitetura e paisagem.

4.2. Piazza Fontana

4.2.1. Ficha técnica

- Autoria - *Labics*;
- Ano do projeto - 2011;
- Área - 6.200 m²;
- Localização - *Rozzano*, Milão, Itália.

4.2.2. Análise do entorno

A praça *Fontana* (Figura *18*) é um projeto com autoria do escritório *Labics*, comandado pelos arquitetos Maria Claudia Clemente e Francesco Isidori e fica situado em *Quinto de Stampi*, na província de *Rozzano*, em Milão, na Itália. O ano do seu projeto teve início em 2007, mas ele só começou a ser construído no ano de 2008 e foi finalizado em 2011. O lugar conta com uma área de 6200 m² ao qual é disposto lugares de convivências e contemplação.

Figura 18 - Vista da *Piazza Fontana*.



Fonte: *Labics [s.d.].*

O projeto da praça Fontana surgiu da necessidade em se construir um espaço público que fosse capaz de transformar a paisagem urbana de um lugar com uma

grande área que estava degradada. Os arquitetos, ao desenvolverem o projeto, tinha o objetivo de criar uma paisagem artificial, por causa dos elementos geométricos que são utilizados, diferente do que costuma se ver, mas que fosse acolhedora ao mesmo tempo. Assim, a praça traz ao local um ar flexível e participativo para as pessoas que usufruírem desse espaço.

Em relação ao entorno, o lugar se caracteriza por ter um uso comercial e residencial bem equilibrado. Ao redor, há a presença de farmácia, supermercado, restaurantes, bares etc., conforme é possível observar na Figura *19*.

Figura 19 - Mapa de localização da Piazza Fontana.



Fonte: *Google Earth Pro* (2025), adaptado pelo autor (2026).

4.2.3. Análise do terreno

Para atingir os usos que a praça Fontana tem, houve uma grande busca e estudo com a população que auxiliou na definição do programa da praça, tornando-a dessa forma única. O resultado dessa pesquisa determinou que o lugar necessitaria de espaços complexos e que fosse constantemente mutável, com usos diversos de

seu espaço. Desse modo, os arquitetos conseguiram pensar em uma praça que fosse multiuso e ao mesmo tempo que fosse convidativo. O lugar conta com uma grande área de circulação e contemplação, que serve para todo tipo de uso, espelhos d'água e *playground*, conforme é possível observar na Figura *20*.

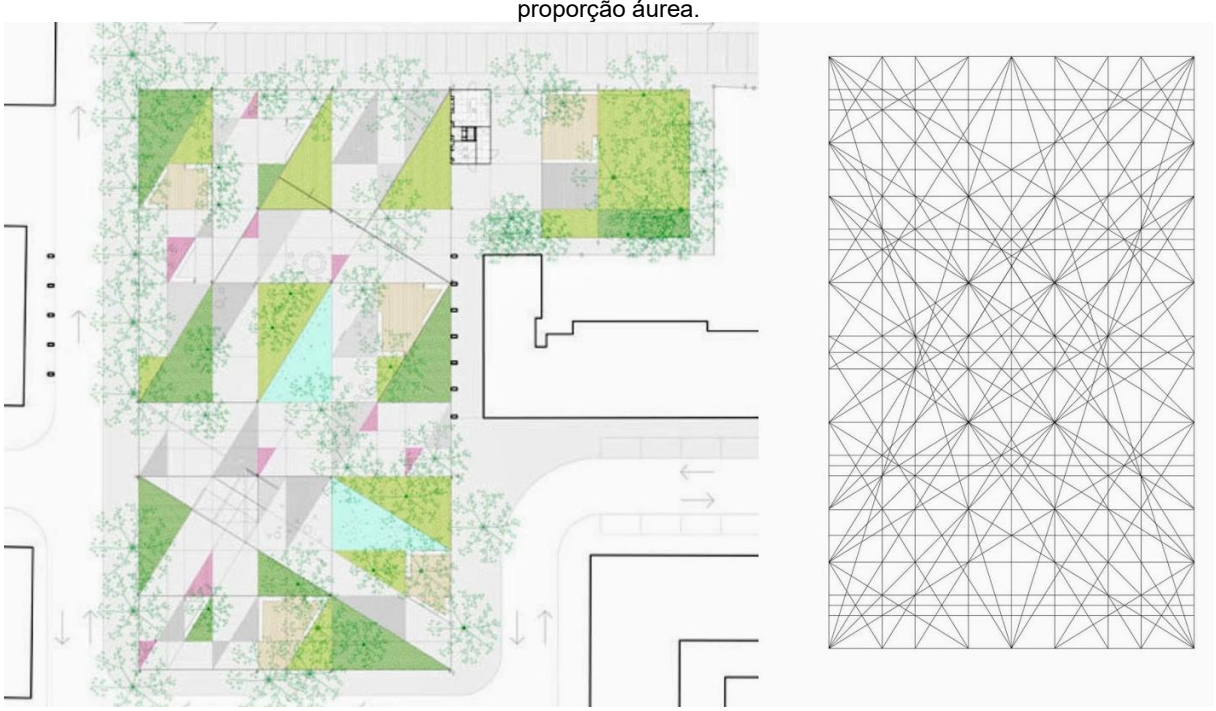
Figura 20 - Planta baixa mostrando os usos da Praça Fontana.



Ghiacci (2014), adaptado pelo autor (2026).

A praça chama bastante atenção pela sua exuberância na composição urbana de *Quinto de Stampi*, isso pelo fato de sua implantação possuir formas geométricas. Essas formas estão presentes em cada elemento da praça, como bancos, pavimentação e vegetação, e a *Labics*, ao projetá-la, teve a intenção de seguir um padrão que vem sendo estudado desde a era clássica, a proporção áurea (Figura *21*). Essa estratégia contribui para a organização visual do espaço, promovendo harmonia, equilíbrio e maior legibilidade na percepção do ambiente pelos usuários.

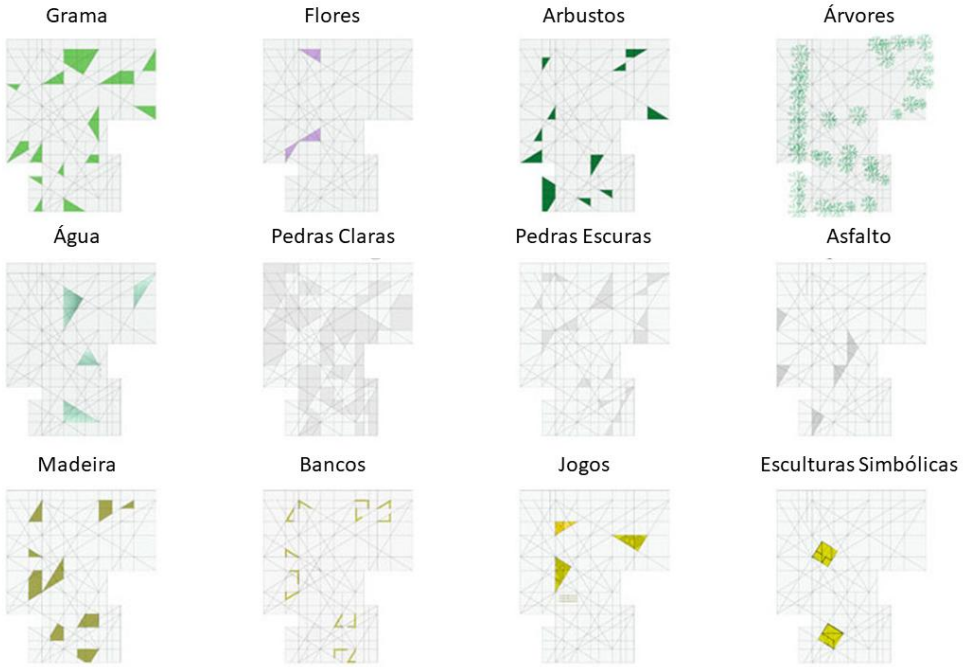
Figura 21 - Traçado da praça Fontana comparado a inspiração da forma geométrica seguindo o padrão da proporção áurea.



Fonte: Juchem (2014).

A partir dessas formas geométricas triangulares, a praça vai se moldando com uma variedade de tratamentos de superfície, tanto natural quanto artificial, que incluem 12 tipos de elementos, conforme é vista na Figura 22. Os materiais utilizados na composição do lugar variam de pedras locais, concreto e madeiras.

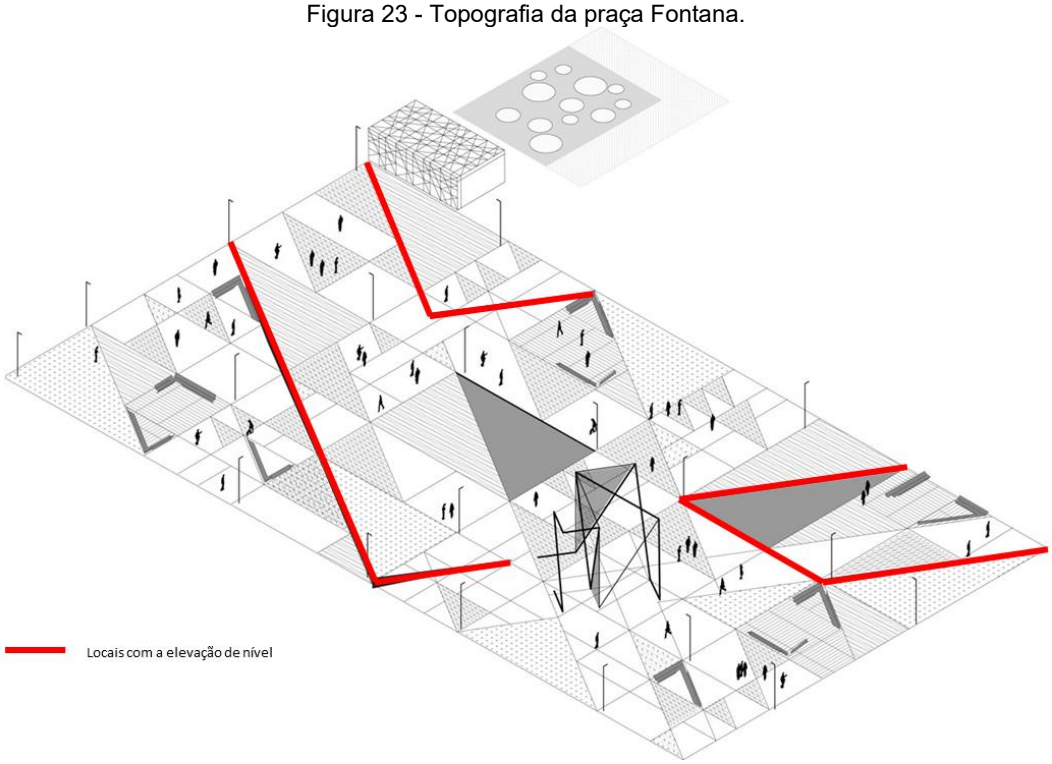
Figura 22 - Elementos que compõe a praça Fontana.



Fonte: Juchem (2014).

Em relação a topografia da praça, ela é levemente inclinada, e isso foi um ponto ao qual fez a *Labics* elaborar, em alguns pontos da praça, estratégias que utilizem os canteiros como espaços para sentar e contemplar o ambiente (Figura *23* e Figura *24*). Porém, mesmo com esse desnível, a praça continua sendo acessível.

Figura 23 - Topografia da praça Fontana.



Ghiacci (2014), adaptado pelo autor (2026).

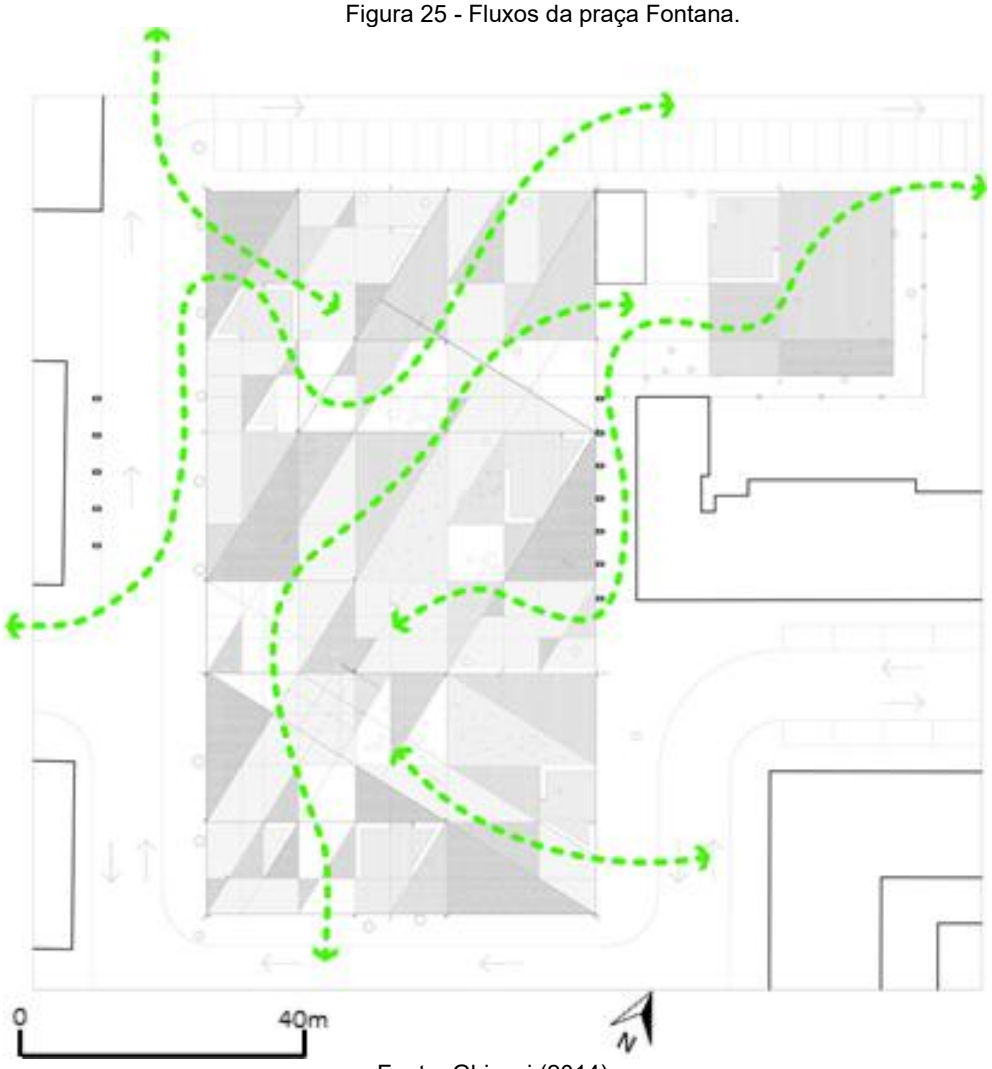
Figura 24 - Desnível de um canteiro na praça Fontana.



Fonte: Juchem (2014).

Os fluxos da praça são simples de ser observado, isso se deve ao fato do seu uso ser definido como um lugar mais aberto. É possível ter acesso a praça por todas as ruas que a cercam, e o pedestre consegue caminhar por toda a sua extensão onde possui pavimento livremente, conforme Figura *25*.

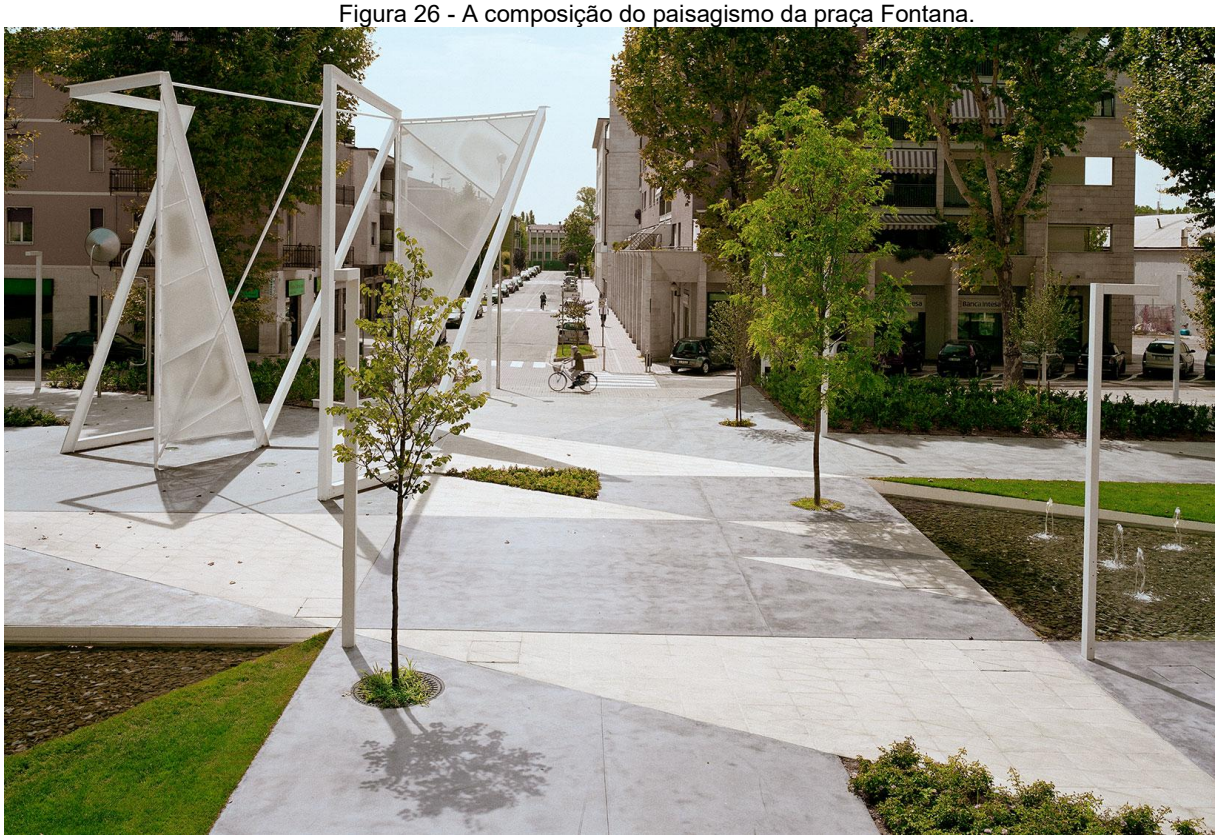
Figura 25 - Fluxos da praça Fontana.



Fonte: Ghiacci (2014),

Assim, como todos os outros elementos presentes na praça, a vegetação faz parte do traçado de forma em que fiquem em harmonia dentro das formas ortogonais do projeto. Além disso, ao fazer a organização de quais arbustos e árvores que fariam parte da praça, a *Labics* buscou uma vegetação que mudasse de tonalidade e que demonstrasse que em cada época do ano o lugar mudaria de cor. Dessa forma, foram selecionadas espécies como cerejeiras, pereiras e acácias que apresentam mudança de cores ao decorrer do ano com o desabrochar de suas flores (Figura *26*).

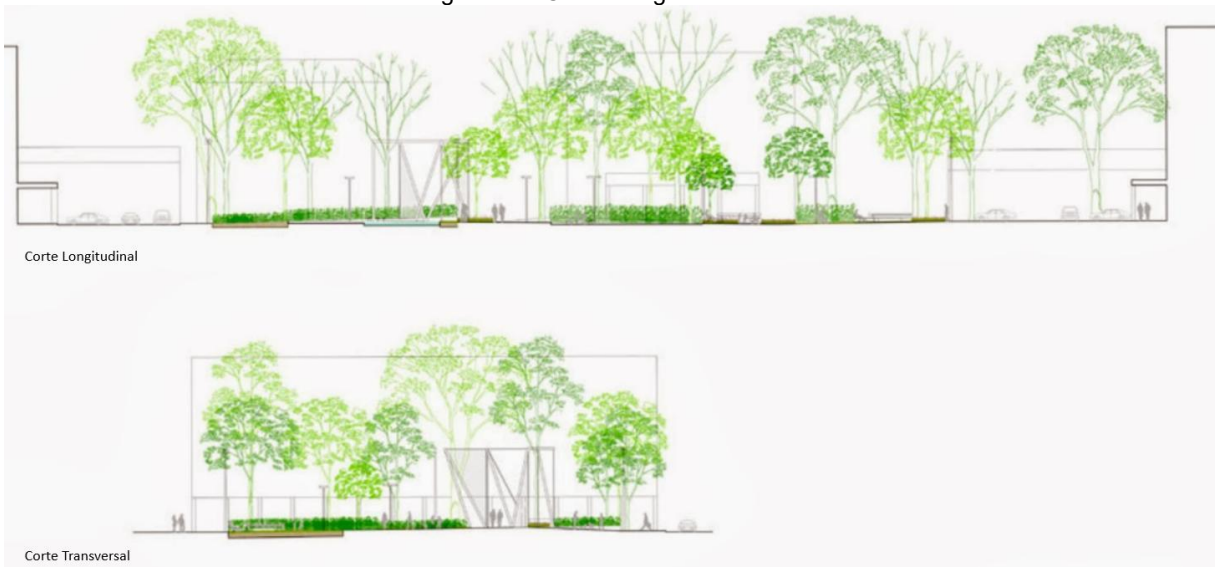
Figura 26 - A composição do paisagismo da praça Fontana.



Fonte: *Labics [s.d.].*

Na Figura *27* é possível observar, através dos cortes transversal e longitudinal, como fica a composição das árvores escolhidas pelos arquitetos em relação à altura. A intenção é fazer um jogo de volumes e sombras, tornando a praça um lugar refrescante e que confortável.

Figura 27 - Cortes longitudinal e transversal.



Fonte: Juchem (2014).

4.2.4. Conclusão

Dessa forma, a *Labics* apresenta nessa praça uma obra que influencia na vida dos usuários que a frequentam devido ao seu multiuso. Além disso, a forma que a praça é implantada no terreno, com suas formas triangulares que seguem a proporção áurea, consegue trazer um caráter único e confortável. Toda a sua paginação, mobiliário e vegetação tem um propósito e sua topografia, mesmo que com uma inclinação mínima, é influenciada para conseguir o seu objetivo, ter um design único e confortável.

4.3. Centro Cultural Porto Seguro

4.3.1. Ficha técnica

Autoria - Miguel Muralha, São Paulo Arquitetura, Yuri Vital;
Ano do projeto - 2016;
Área - 3800 m²;
Localização - Campos Elíseos, São Paulo, Brasil.

4.3.2. Genius loci

O Centro Cultural Porto Seguro é um projeto desenvolvido pelo escritório São Paulo Arquitetura, em parceria com os arquitetos Miguel Muralha e Yuri Vital, localizado no bairro Campos Elíseos, na região central da cidade de São Paulo, área que por muito tempo foi associada à chamada “Cracolândia”. O projeto teve início no ano de 2012 e foi concluído em 2016.

O edifício possui aproximadamente 3.800 m² de área construída, distribuídos em vários pavimentos, e insere-se em um contexto urbano complexo, contribuindo para a requalificação da área por meio da cultura e da ocupação qualificada do espaço. Sua implantação e programa buscam atrair diferentes públicos, promovendo atividades culturais e fortalecendo a dinâmica urbana do entorno (Figura 28).

Figura 28 - Vista do Centro Cultural Porto Seguro.



Fonte: *Archdaily* (2020).

Atualmente, seu entorno conta, com um uso comercial predominante, onde há a presença serviços como escola, bar, restaurante, lojas de informática, centros empresariais etc. (Figura *29*), mas nem sempre foi assim. O lugar já fora o centro de entorpecentes e drogas ilícitas na cidade de São Paulo e era conhecido como “cracolândia”. Os serviços comerciais eram poucos e havia muitos casarões abandonados (Archdaily, 2020).

Figura 29 - Localização do Centro Cultural Porto Seguro.



Fonte: *Google Earth Pro* (2025), adaptado pelo autor (2026).

4.3.3. Iconologia/Identidade

O Centro Cultural vem da proposta de um equipamento cultural que faz parte de uma série de medidas apresentadas pelo governo para a revitalização urbana dessa região. O edifício é um monólito puro em concreto aparente localizado no Campos Elíseos, conhecida nos anos 40 como bairro de elite da cidade, mas ao longo dos anos o seu desenvolvimento foi conturbado se tornando um local onde se encontrava um grande problema social, esse que fez a região ficar conhecida como “Cracolândia”, pelo uso e comércio desenfreado de entorpecentes em suas ruas (Archdaily, 2020).

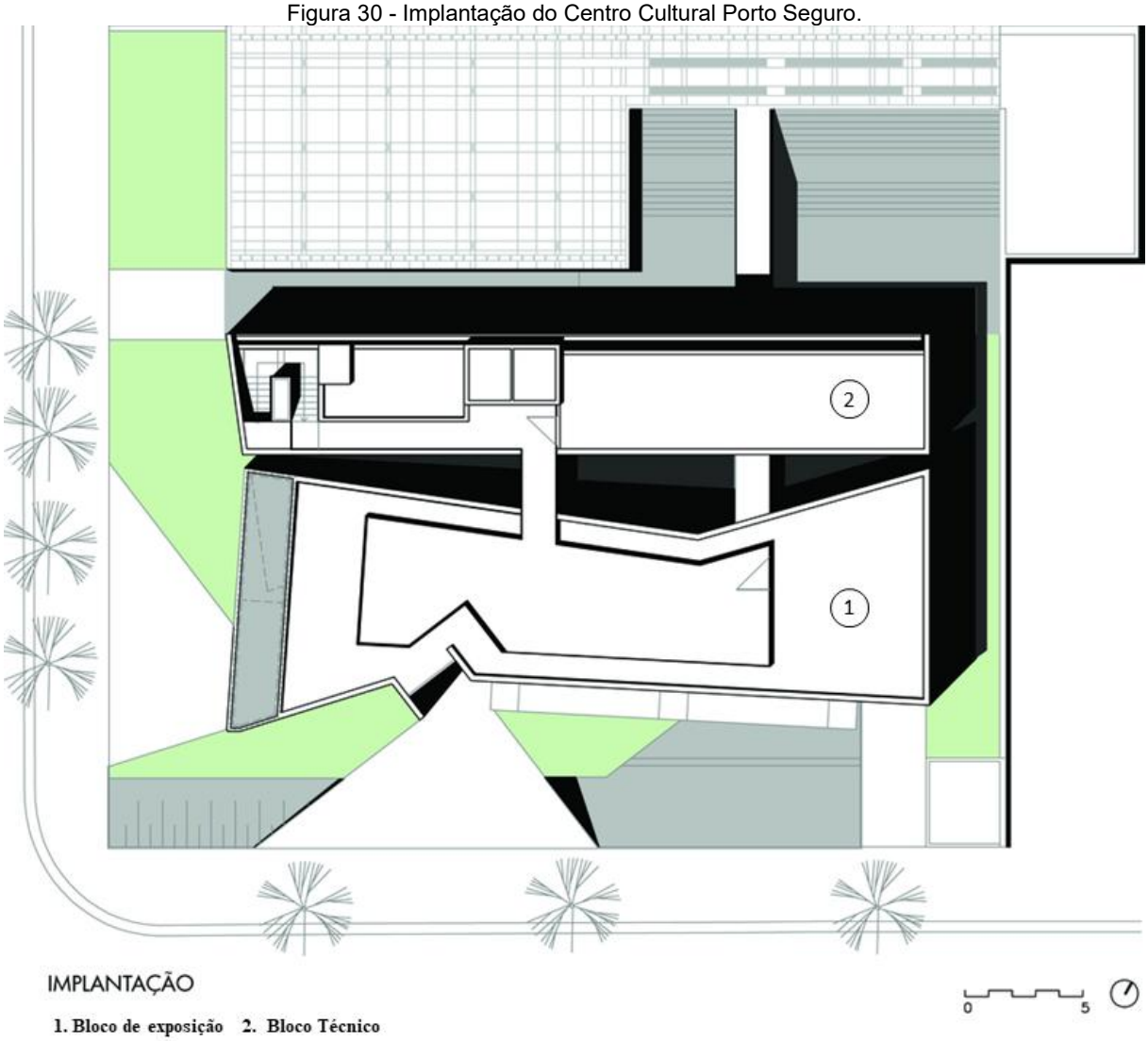
Atualmente é um local de desenvolvimento, onde ocorre as mais variadas apresentações e expressões artísticas contemporâneas, como: exposições, ateliês, cursos, *workshops*, simpósios, feiras, festas e festivais.

4.3.4. Significado de uso

Sendo assim, o zoneamento e a setorização dos espaços internos foram pensados de forma flexível, permitindo diferentes usos e adaptações conforme a necessidade. Essa organização contribui para melhorar a experiência do usuário no edifício, tornando os ambientes mais acessíveis, funcionais e fáceis de utilizar. Além disso, essa proposta valoriza o caráter multidisciplinar do espaço, garantindo o acesso a diversas manifestações culturais, tanto nacionais quanto internacionais, de forma mais democrática e inclusiva (ArchDaily, 2020).

O edifício, implantado na parte central do lote, desenvolve-se em cinco pavimentos, estabelecendo uma boa relação com o entorno e facilitando o acesso. A partir do térreo, o zoneamento é organizado por meio da divisão em dois blocos interligados (Figura 30), o que facilita a compreensão do espaço e a circulação dos usuários. Um dos blocos é voltado para as áreas de exposição, priorizando o uso do público e a flexibilidade dos ambientes, enquanto o outro abriga os setores técnicos e de apoio, responsáveis pelo funcionamento do edifício. Essa separação ajuda a organizar melhor os fluxos, evitando conflitos entre áreas de uso público e de serviço, além de tornar o uso do espaço mais claro, eficiente e confortável.

Figura 30 - Implantação do Centro Cultural Porto Seguro.



Fonte: *Archdaily* (2020), alterado pelo autor (2026).

Além disso, o edifício conta com corredores que se voltam para o vão entre os blocos, criando aberturas visuais que favorecem a entrada de luz natural nessa área e proporcionam uma maior sensação de amplitude e integração entre os espaços. Essa solução contribui não apenas para a iluminação, mas também para a ventilação do ambiente, tornando-o mais confortável para os usuários.

Esses corredores também recebem elementos anexados aos guarda-corpos destinados ao uso de vegetação pendente, o que acrescenta um caráter mais agradável e humanizado ao espaço, além de contribuir para o microclima interno. Dessa forma, há uma integração entre arquitetura e natureza, valorizando a experiência sensorial dos usuários e qualificando o ambiente interno do edifício (Figura *31*).

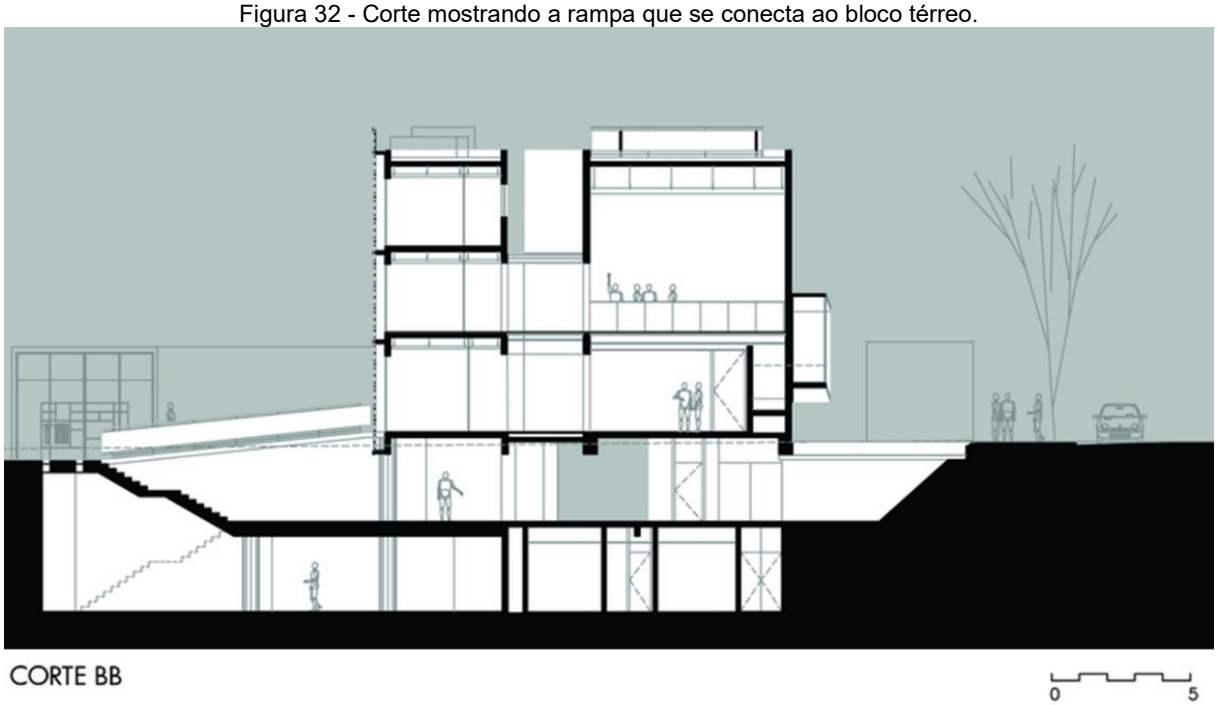
Figura 31 - Lacuna entre blocos do centro.



Fonte: *Archdaily* (2020).

O pavimento térreo está implantado de forma livre no terreno, permitindo maior fluidez na circulação e integração entre os espaços. Seu acesso, que estabelece a ligação entre a rua e a praça, é realizado por meio de rampa ou plataforma, garantindo acessibilidade e facilitando o deslocamento dos usuários (Figura 32).

Figura 32 - Corte mostrando a rampa que se conecta ao bloco térreo.

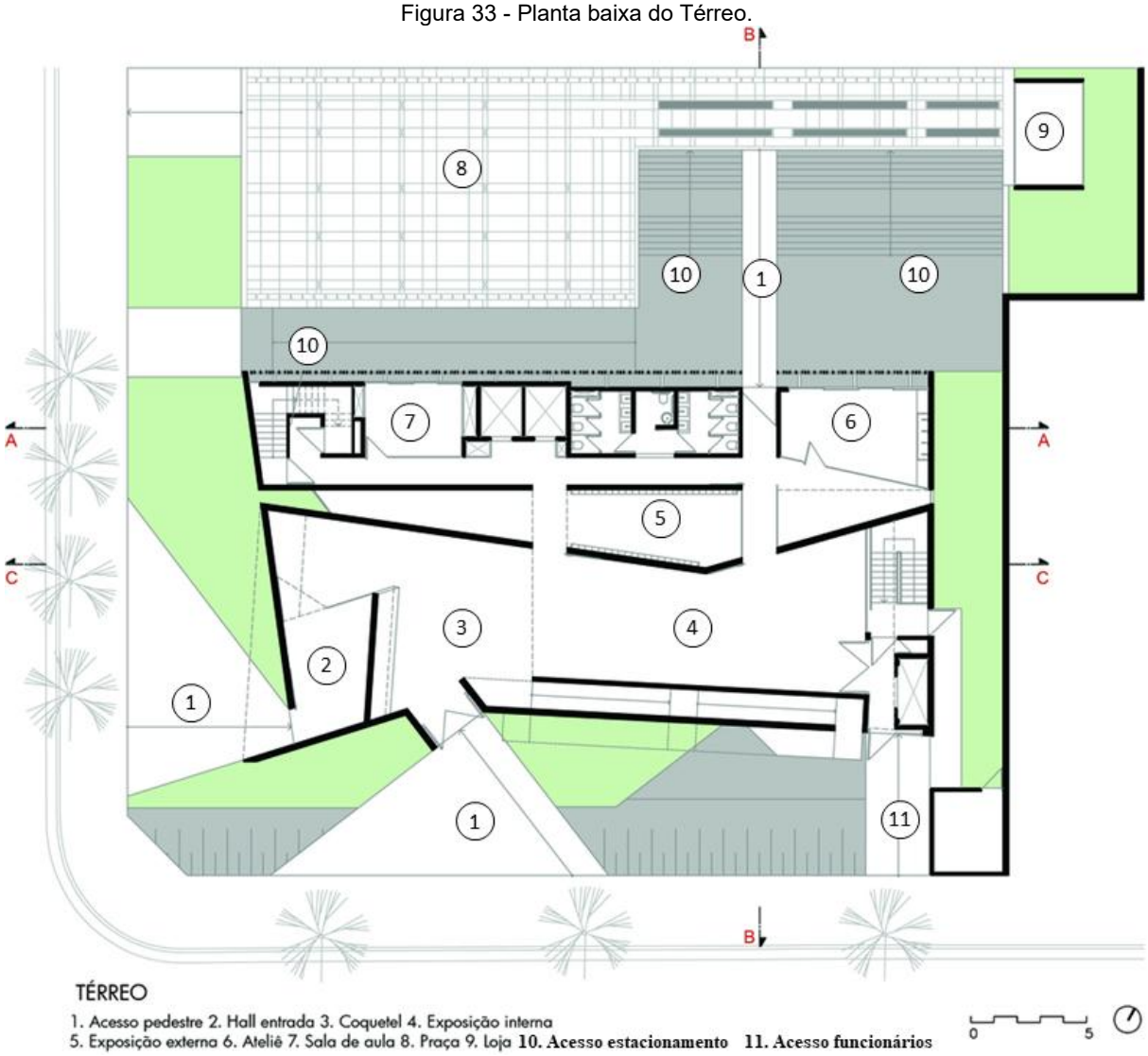


Fonte: *Archdaily* (2020).

Os acessos ao edifício podem ser realizados pelo hall de entrada principal ou pela sala de coquetel, que está diretamente conectada à sala de exposições interna, facilitando a integração entre os ambientes. Já o acesso de serviço localiza-se na lateral direita da edificação, na fachada sul, garantindo maior organização e separação dos fluxos.

O bloco técnico, que abriga salas de aula, sanitários e ateliês, possui acesso independente pela praça pública, localizado na fachada norte. Esse acesso estabelece uma ligação direta entre o Centro Cultural e outros equipamentos do conjunto, como restaurante e loja, favorecendo a integração dos usos. Além disso, essa configuração possibilita a criação de espaços alternativos, onde podem ser realizadas exposições ao ar livre, ampliando as formas de uso e interação com o espaço (Figura *33*).

Figura 33 - Planta baixa do Térreo.

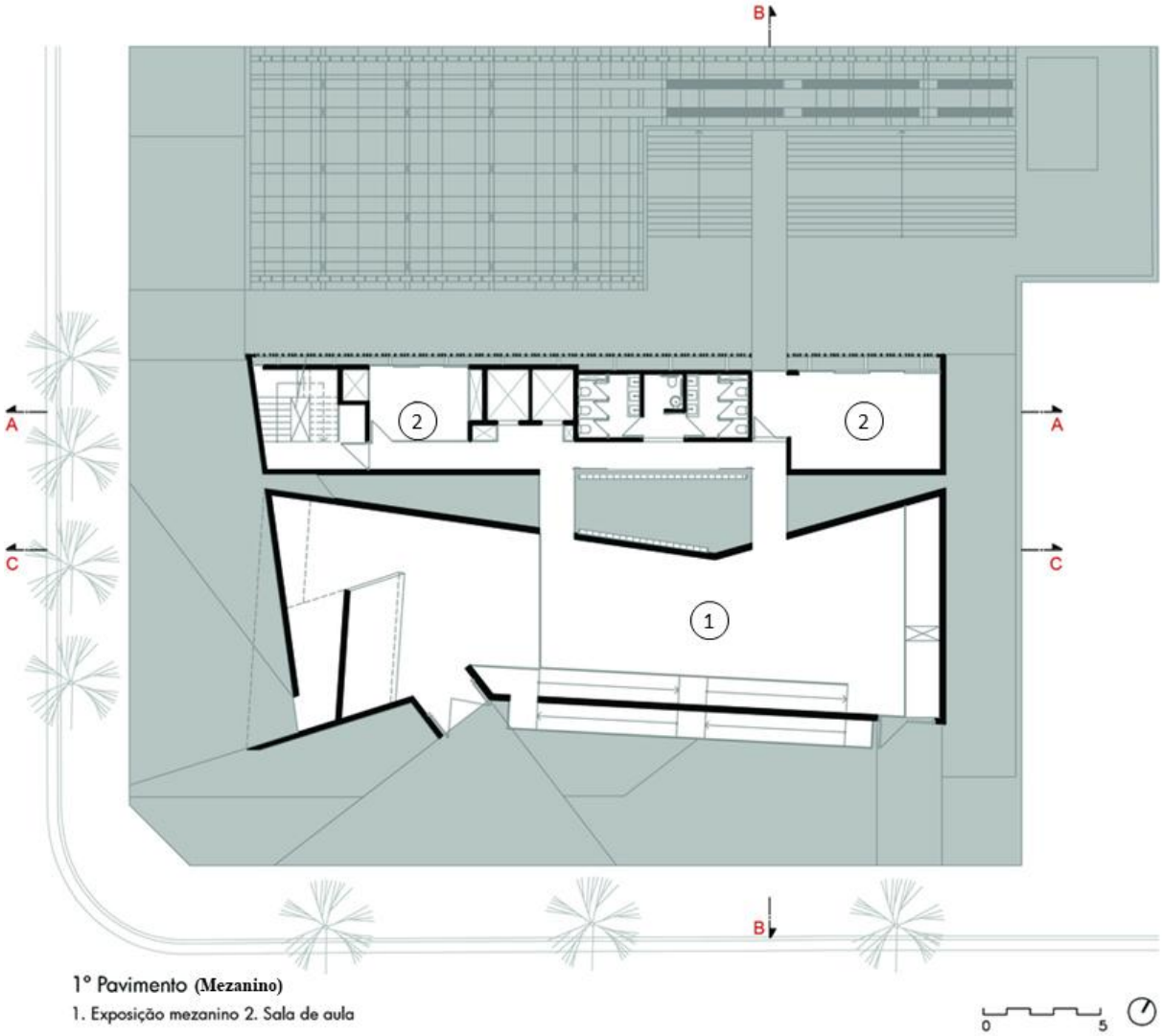


Fonte: *Archdaily* (2020), alterado pelo autor (2026).

No primeiro pavimento, onde se localiza o bloco de exposições, há um mezanino destinado a exposições permanentes, ampliando as possibilidades de uso e permanência do público. Esse espaço é conectado ao pavimento térreo por meio de uma rampa que se projeta para fora do edifício, na fachada sul, criando uma relação mais direta com o exterior e enriquecendo a experiência de circulação.

Além disso, no bloco técnico desse pavimento, encontram-se duas salas de aula, sanitários e uma circulação vertical que dá acesso ao pavimento superior, garantindo a organização dos fluxos e o bom funcionamento das atividades (Figura *34*).

Figura 34 - Planta baixa do Primeiro Andar.

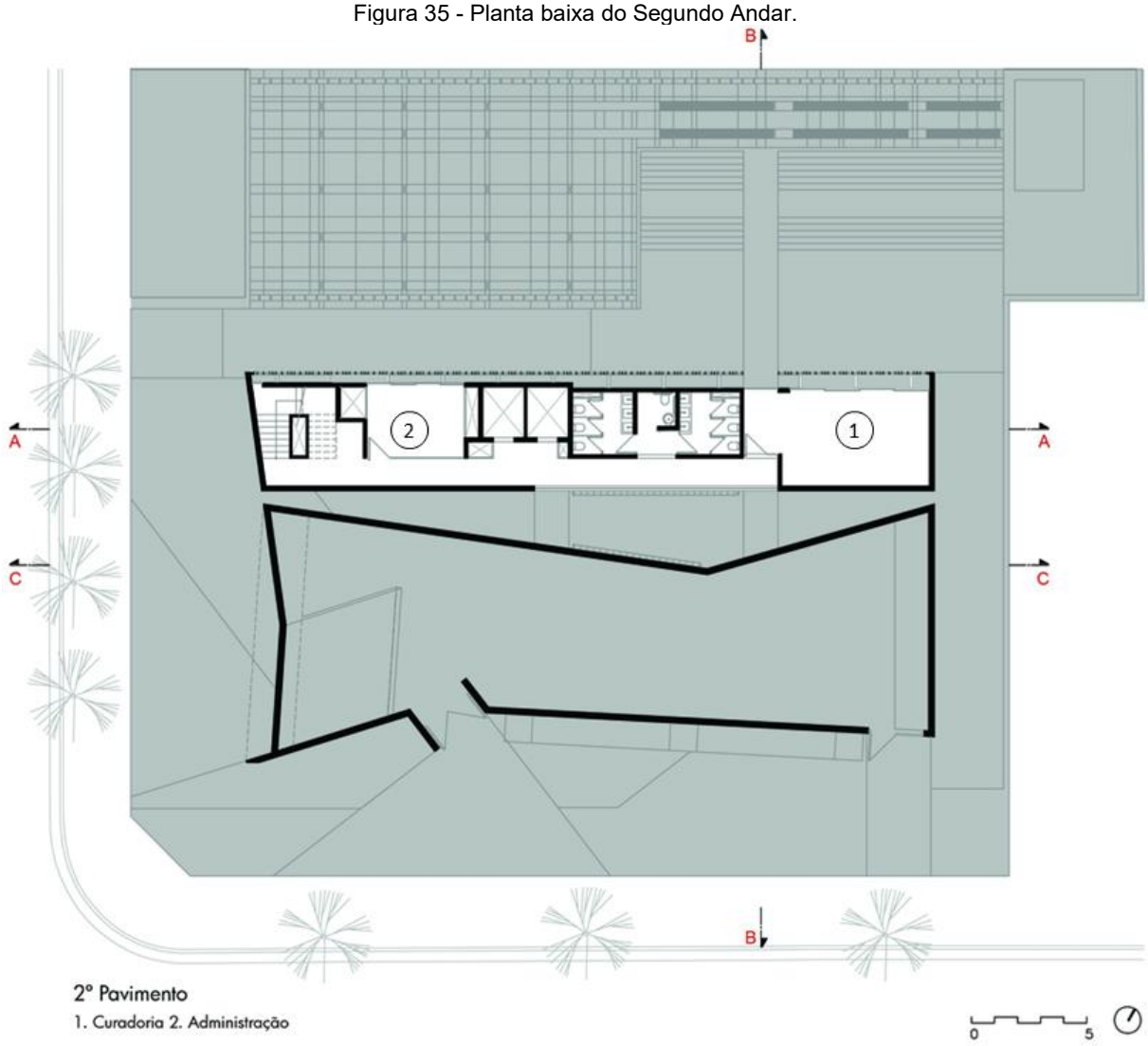


Fonte: *Archdaily* (2020), alterado pelo autor (2026).

Já no segundo pavimento está localizado o setor administrativo do centro cultural, onde se encontram os espaços destinados à administração e à curadoria. A

área de curadoria é responsável pela organização, conservação e manutenção do acervo artístico do centro, desempenhando um papel fundamental no suporte às exposições. Esse pavimento garante o funcionamento interno do edifício de forma mais reservada, assegurando maior controle e eficiência na gestão das atividades (Figura 35).

Figura 35 - Planta baixa do Segundo Andar.



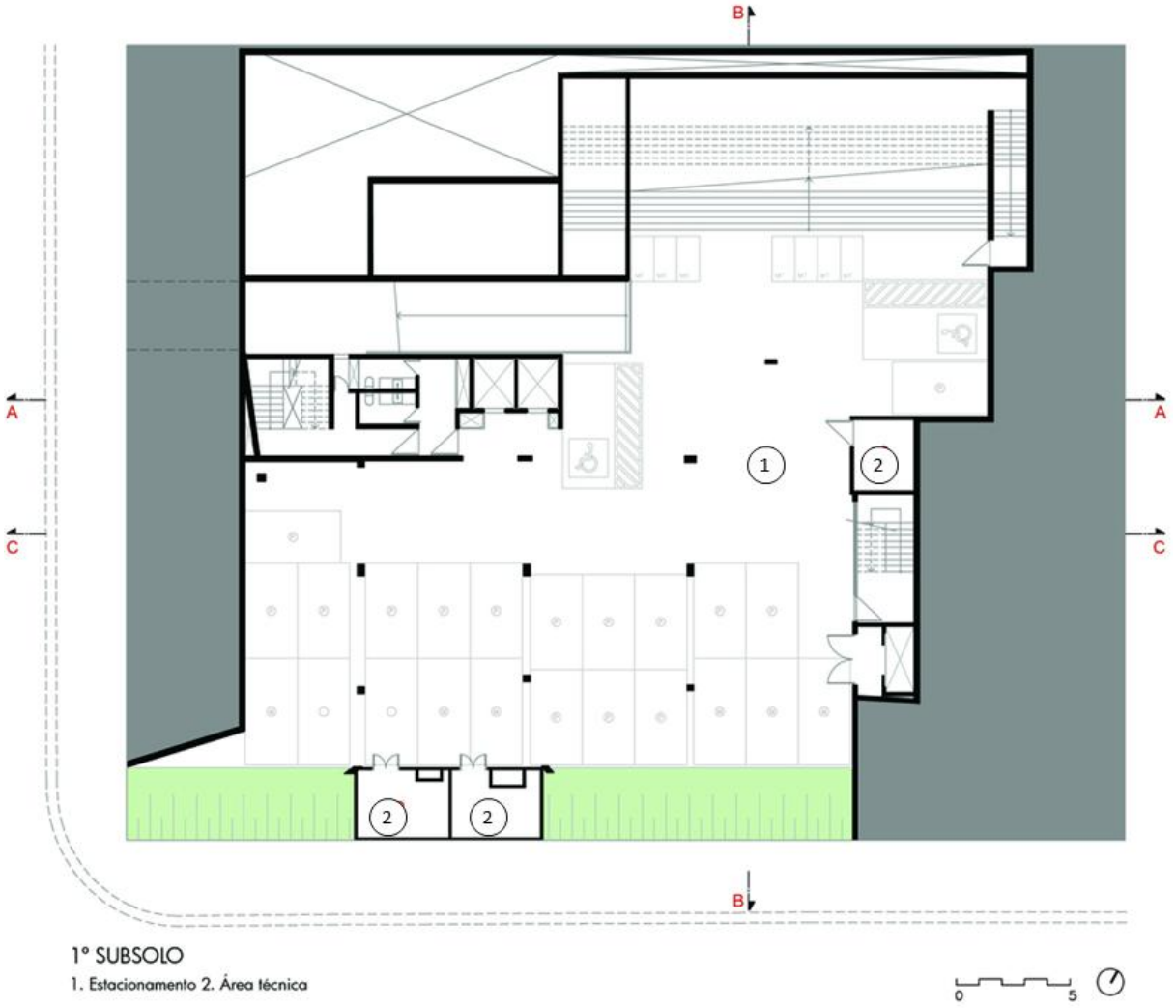
Fonte: *Archdaily* (2020), alterado pelo autor (2026).

O subsolo 1 do centro cultural está conectado à praça por meio de uma escada, promovendo a integração entre os diferentes níveis do projeto. Essa relação se justifica pela presença, no subsolo 2, de um amplo espaço destinado a exposições internas, ampliando as possibilidades de uso do edifício.

Nesse pavimento, o espaço está organizado de forma funcional, contemplando um estacionamento amplo, com 24 (vinte e quatro) vagas para automóveis, sendo 2

(duas) acessíveis, além de 7 (sete) vagas para motocicletas. Conta também com uma área técnica destinada ao apoio e funcionamento do centro cultural, garantindo a infraestrutura necessária para as atividades desenvolvidas (Figura *36*).

Figura 36 - Planta baixa do Subsolo 1.

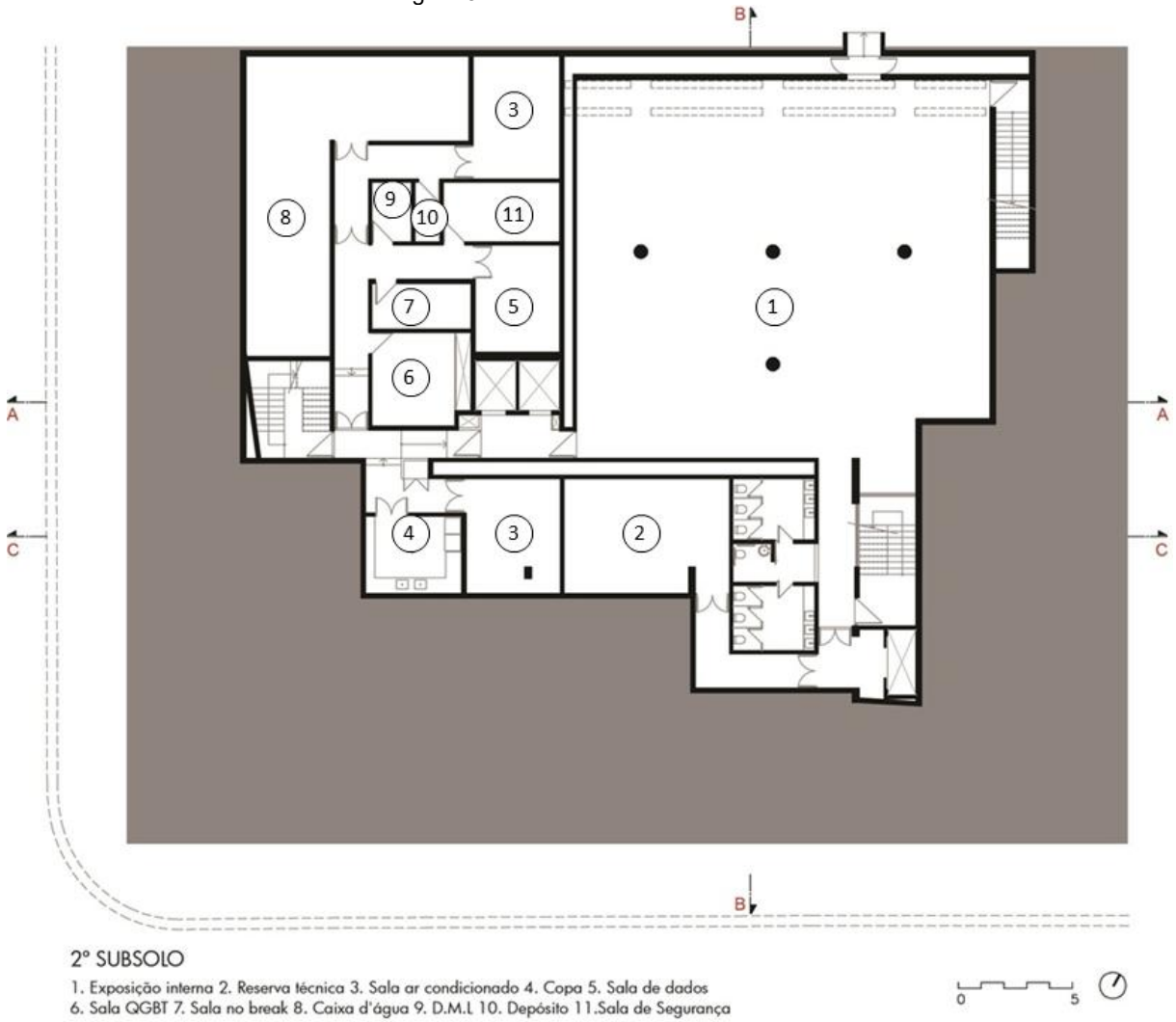


Fonte: *Archdaily* (2020), alterado pelo autor (2026).

O subsolo 2 concentra os espaços técnicos do centro cultural, como reserva técnica, sala de ar-condicionado, copa, sala de dados, sala do quadro geral de baixa tensão, sala de descanso, área do reservatório, interface de gerenciamento, depósito e sala de segurança. Esses ambientes estão organizados de forma estratégica, liberando um grande vão central destinado a um espaço de exposições internas.

Essa solução permite maior flexibilidade no uso do ambiente expositivo, além de garantir o suporte técnico necessário para o funcionamento do edifício, sem interferir na área principal destinada ao público (Figura *37*).

Figura 37 - Planta baixa do Subsolo 2.



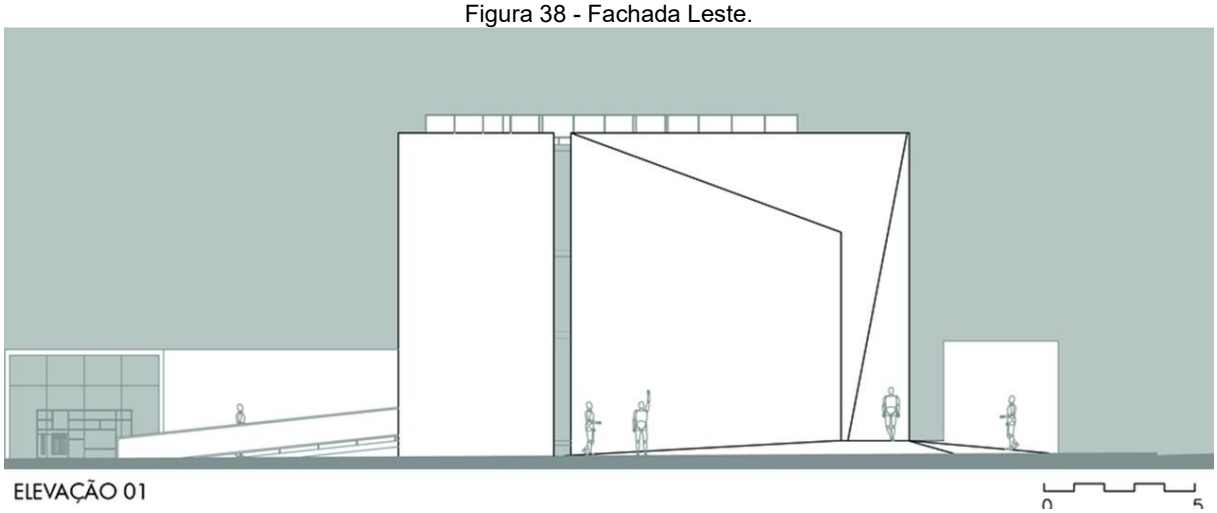
Fonte: *Archdaily* (2020), alterado pelo autor (2026).

4.3.5. Movimento e Geometria

A volumetria do edifício explora o jogo entre luz e sombra, criando efeitos que se transformam ao longo do dia e qualificam os espaços internos. As fachadas em concreto foram adotadas por sua capacidade de atender à expressão plástica pretendida, permitindo a criação de formas mais livres e marcantes.

Composta por volumes assimétricos, a edificação apresenta um conjunto dinâmico de planos que remetem a dobraduras, especialmente evidentes na fachada leste, onde o jogo de formas reforça a identidade arquitetônica do projeto e valoriza sua leitura visual (Figura 38). Além do aspecto estético, essas soluções contribuem para o controle da incidência solar, criando áreas de sombra que auxiliam no conforto térmico dos ambientes internos.

Figura 38 - Fachada Leste.



Fonte: *Archdaily* (2020).

Essa variação volumétrica também influencia diretamente na percepção do edifício pelo usuário, tornando-o mais convidativo e interessante ao longo do percurso. As diferentes inclinações e recuos geram pontos de destaque na fachada, quebrando a rigidez do volume retangular e criando uma composição mais leve e expressiva. Dessa forma, a volumetria não atua apenas como elemento formal, mas também como estratégia funcional e ambiental, integrando estética, conforto e desempenho no conjunto arquitetônico (Figura *39*).

Figura 39 - Perspectiva da fachada Leste.

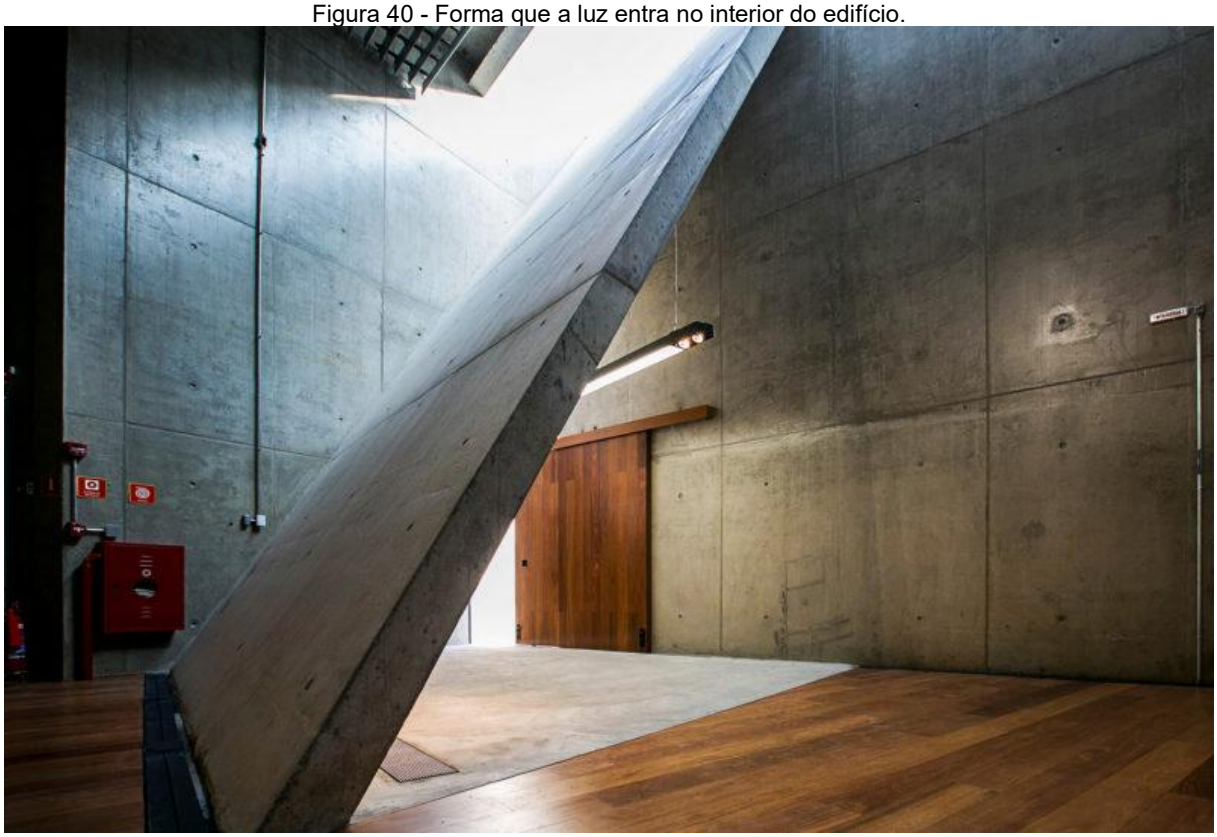


Fonte: *Archdaily* (2020).

Esse jogo de luz e sombra é reforçado pela presença de fenestrações estrategicamente posicionadas, tanto no interior quanto nas fachadas, muitas vezes em locais e inclinações pouco convencionais. Essas aberturas foram pensadas de modo que a luz natural não incida diretamente sobre as obras expostas, mas sim sobre as superfícies de concreto, garantindo uma iluminação mais suave e difusa.

Essa solução contribui para a preservação das peças e para uma melhor percepção visual, evitando ofuscamentos e interferências indesejadas. Dessa forma, o visitante consegue apreciar as obras com maior clareza e fidelidade, enquanto o ambiente mantém uma atmosfera controlada e confortável, adequada às exigências de espaços expositivos (Figura 40).

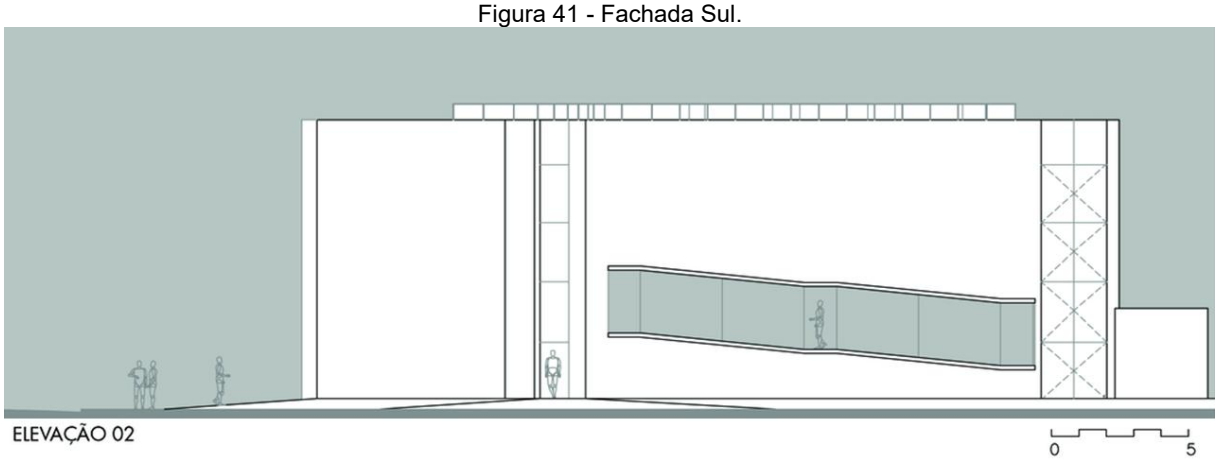
Figura 40 - Forma que a luz entra no interior do edifício.



Fonte: Archdaily (2020).

A fachada sul do centro cultural abriga a rampa que conecta o pavimento térreo ao primeiro andar, funcionando como um importante elemento de circulação e de destaque na composição do edifício. Essa rampa é envolvida por uma estrutura em vidro, permitindo maior transparência e uma relação visual mais direta com o exterior (Figura *41*).

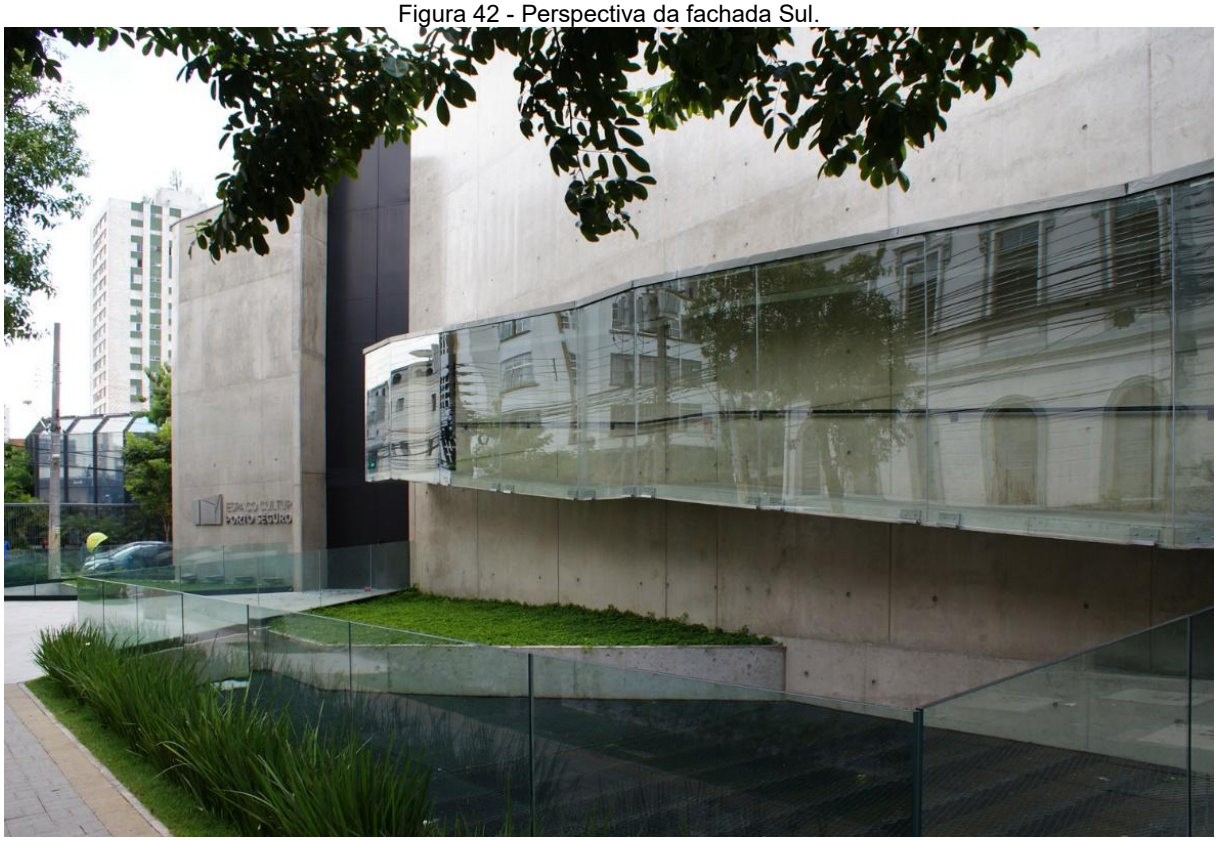
Figura 41 - Fachada Sul.



Fonte: *Archdaily* (2020).

Essa solução favorece a entrada de luz natural no ambiente, tornando o percurso mais agradável e iluminado, além de proporcionar ao usuário uma experiência mais dinâmica durante a circulação. Ao mesmo tempo, a transparência do vidro contribui para integrar o interior com o entorno, reforçando a conexão entre o edifício e o espaço urbano (Figura *42*).

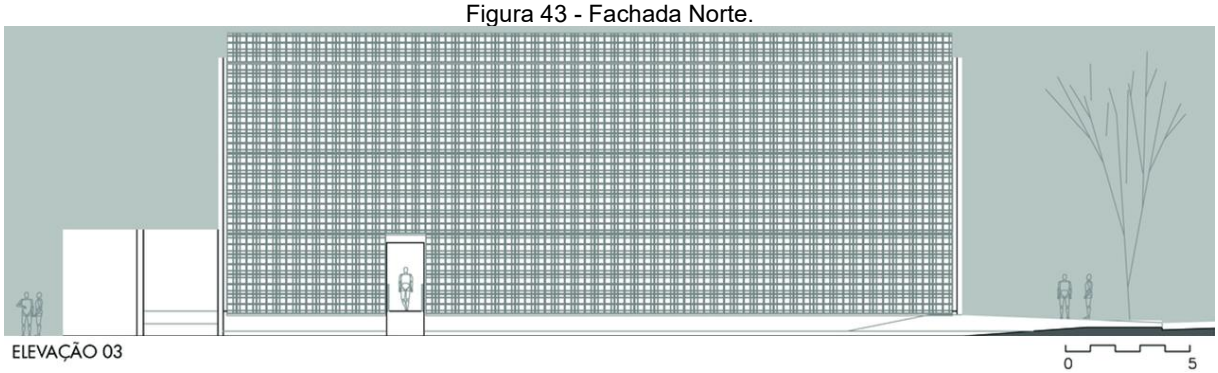
Figura 42 - Perspectiva da fachada Sul.



Fonte: *Archdaily* (2020).

Na fachada norte, onde há maior necessidade de aberturas para iluminação e ventilação naturais, foram adotadas esquadrias amplas de vidro, permitindo a entrada abundante de luz e a renovação do ar nos ambientes internos. Essas aberturas são protegidas por um elemento vazado em concreto e madeira, que atua como filtro, controlando a incidência solar e reduzindo o impacto direto da radiação (Figura *43*).

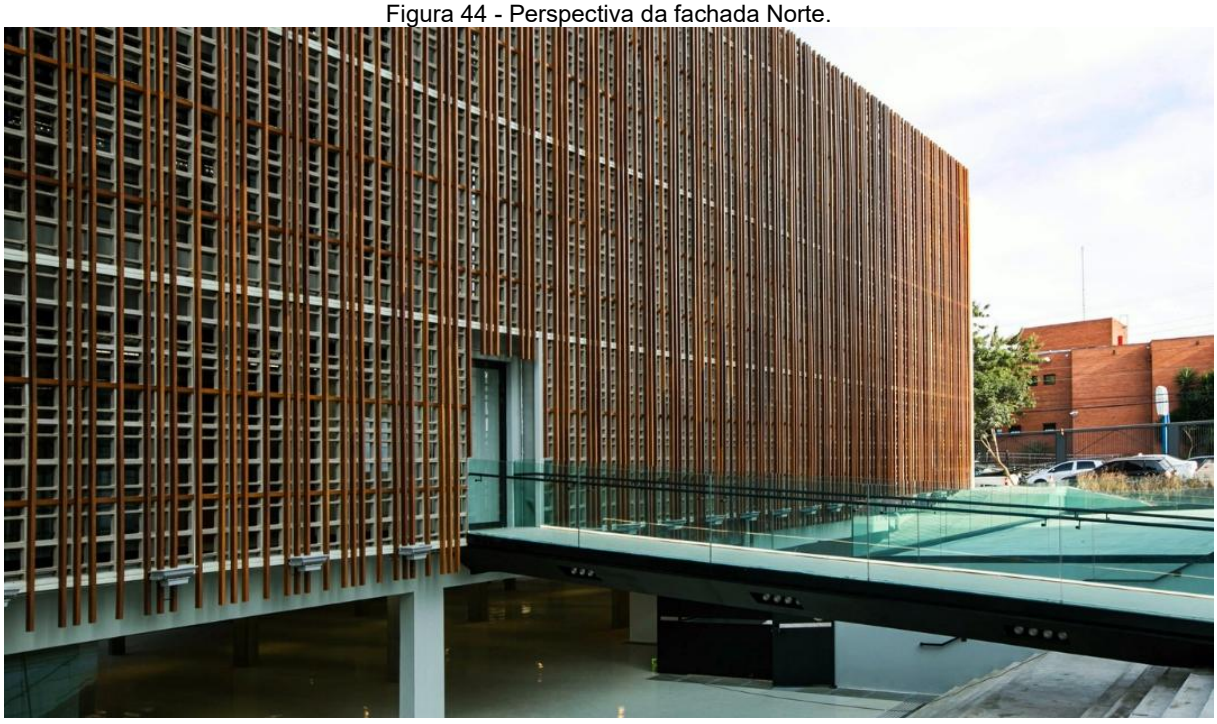
Figura 43 - Fachada Norte.



Fonte: *Archdaily* (2020).

Além de contribuir para o conforto térmico e lumínico, esse elemento também agrega valor estético à fachada, criando um jogo de luz e sombra e reforçando a identidade do projeto. Dessa forma, a solução equilibra desempenho ambiental e expressão arquitetônica, garantindo ambientes mais agradáveis e eficientes (Figura *44*).

Figura 44 - Perspectiva da fachada Norte.

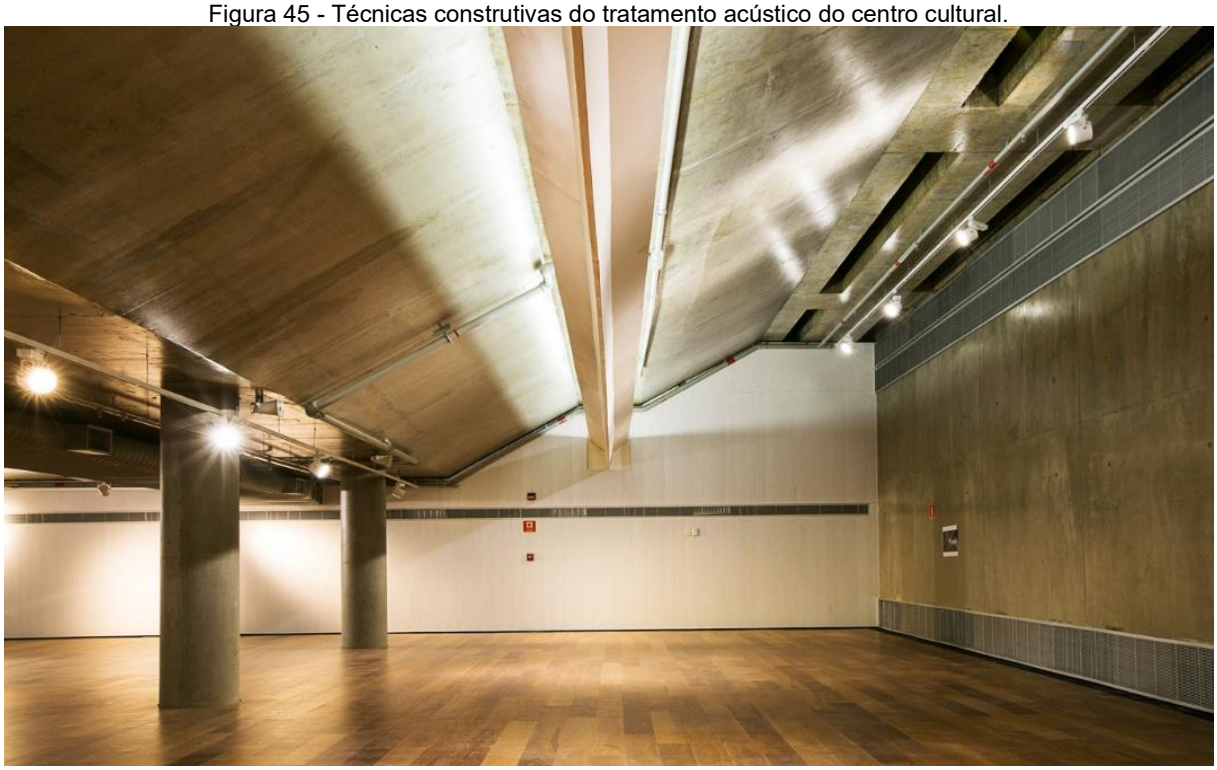


Fonte: *Archdaily* (2020).

A disposição das paredes foi pensada de forma a atender às exigências acústicas do espaço cultural, sendo organizadas de maneira não paralela. Essa solução evita a formação de ecos indesejados e contribui para uma melhor dispersão das ondas sonoras no ambiente.

Dessa forma, a própria geometria dos espaços auxilia no desempenho acústico, reduzindo a necessidade de intervenções com revestimentos específicos. Com isso, garante-se maior qualidade na propagação do som, favorecendo atividades como apresentações, exposições e eventos, além de proporcionar mais conforto acústico aos usuários (Figura *45*).

Figura 45 - Técnicas construtivas do tratamento acústico do centro cultural.



Fonte: *Archdaily* (2020).

4.3.6. Estrutura e Materiais

Os materiais utilizados na construção foram: concreto, vidro e madeira. O concreto utilizado foi trabalhado de uma maneira mais cuidadosa para não afetar demais na temperatura dos ambientes, já que esse material contém baixo coeficiente térmico para aquecer, mas ao acontecer ele continua emanando calor (Thais Matuzaki, 2021).

4.3.7. Conclusão

De maneira geral, o Centro Cultural Porto Seguro apresenta uma ótima técnica construtiva, aliado ao seu programa. Tudo isso foi possível devido a capacidade e ao cuidado que o escritório teve ao desenvolver o projeto que é tão importante para a comunidade da cidade de São Paulo. As fachadas e materiais preenchem o espaço de forma que todo o centro se conecta. O fluxo é de maneira contínuo e os espaços de exposições são dispostos de modo a proporcionar a melhor leitura e visualização das obras de arte.

4.4. Quadro-síntese dos correlatos

A partir da análise dos três projetos correlatos apresentados, foi possível identificar e absorver diversos pontos que contribuirão de maneira positiva para a elaboração deste trabalho. Desse modo, verifica-se que espaços públicos como centros culturais e praças apresentam características e funções distintas; entretanto, conforme evidenciado no Quadro *1*, a seleção desses projetos baseou-se em critérios específicos de análise. Mesmo diante dessas diferenças, quando integrados, tais espaços estabelecem conexões coerentes, fortalecendo sua relação com a paisagem e com o contexto urbano.

Quadro 1 - Critérios de escolha dos projetos correlatos para análise

CENTRO HEYDAR ALIYEV	**PIAZZA FONTANA**	**CENTRO CULTURAL PORTO SEGURO**
Caracteriza-se pela integração entre dois espaços públicos, que se unificam em um único conjunto por meio de uma forma curva e volumetria marcante, promovendo continuidade espacial e fluidez entre os usos.	Apresenta diversidade de usos por meio de espaços multiuso definidos a partir das demandas da população, resultando em um ambiente acolhedor e dinâmico. Destaca-se ainda pela implantação dos elementos, vegetação, paginação de piso e esculturas, organizada a partir de geometrias triangulares associadas à proporção áurea.	Evidencia a requalificação de uma área central anteriormente degradada, promovendo sua valorização urbana e social. Ressalta-se a implantação do centro cultural em dois blocos e a organização do programa de necessidades, garantindo funcionalidade e clareza espacial.

Fonte: Autor (2026).

5. ESTUDO PRELIMINAR

Neste capítulo são analisados os principais aspectos do objeto de estudo, por meio de mapas temáticos que identificam pontos de interesse, áreas de influência, uso e ocupação do solo, cheios e vazios e o fluxo viário. Também são abordadas a topografia, as condicionantes climáticas e as legislações vigentes. Por fim, apresenta-se um estudo mais aprofundado da área da praça, considerando a infraestrutura existente, de modo a subsidiar e fundamentar a proposta de requalificação projetual.

5.1. Terreno

O terreno escolhido para a elaboração projetual deste trabalho está localizado na cidade de Patos, Paraíba, onde serão implantados dois projetos: a requalificação da Praça Francisco da Silva Guedes e o anteprojeto de um Centro Cultural, conforme a Figura *46*.

Figura 46 - Mapa de localização da Praça e Centro Cultural.

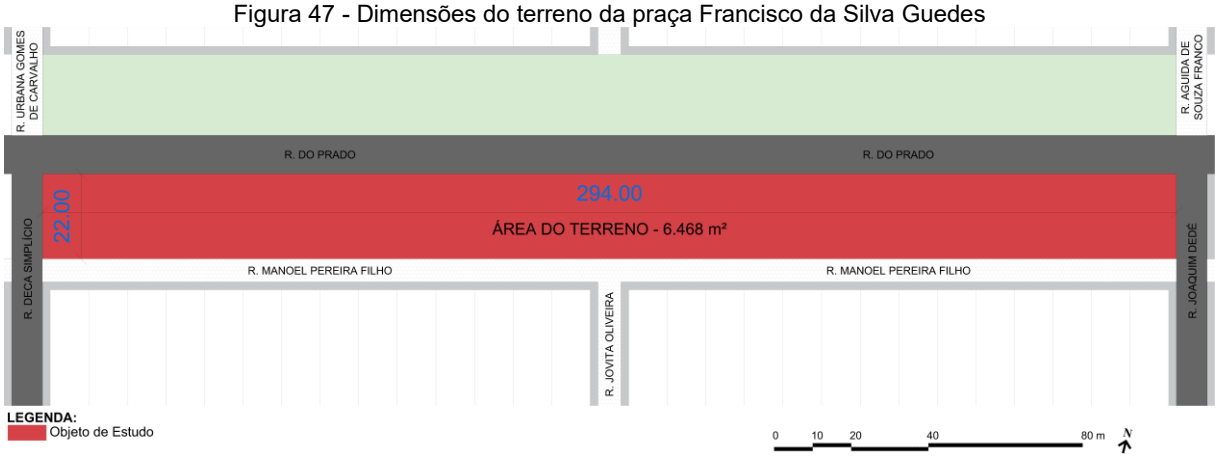


Fonte: Autor (2026).

A Praça Francisco da Silva Guedes, popularmente conhecida como Praça do Bivar, está localizada no bairro Bivar Olinto, caracterizado como uma área de classe média-baixa, com população estimada em 3.890 habitantes, conforme dados do IBGE (2010). Está situada entre as ruas Dr. Romero Nóbrega, Joaquim Dedé, Manoel Pereira Filho e Deca Simplício, configurando-se como um importante espaço de referência local.

A praça apresenta aproximadamente 294 metros de extensão linear e área total de 6.468 m². Em função de sua configuração espacial alongada e da disposição de seus mobiliários urbanos, pode ser classificada como uma praça linear (Figura *47*), característica que influencia diretamente na forma de uso e apropriação do espaço pelos usuários.

Figura 47 - Dimensões do terreno da praça Francisco da Silva Guedes



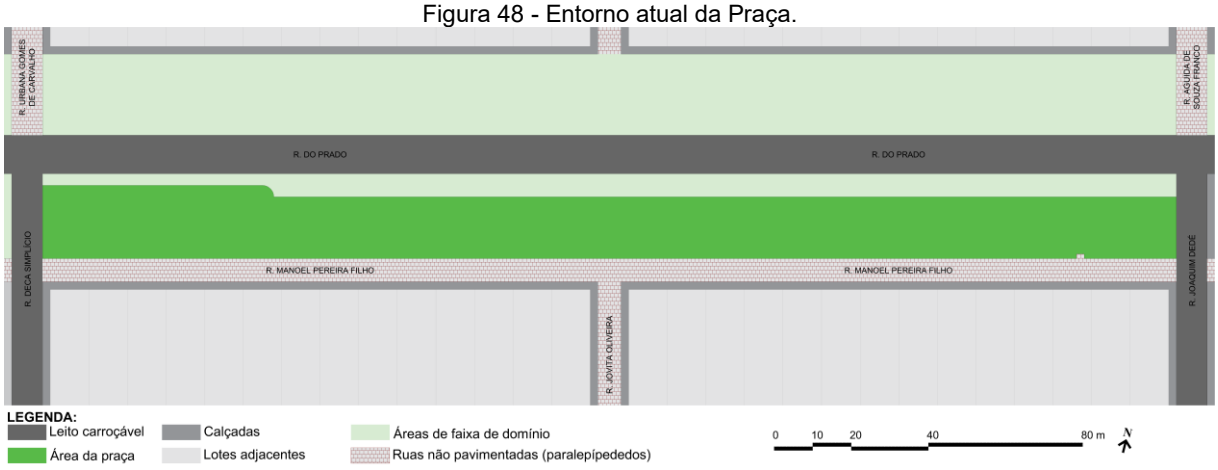
Fonte: Autor (2026).

O bairro Bivar Olinto foi selecionado como área de implantação da proposta projetual em função de sua localização periférica em relação ao centro urbano, o que evidencia a necessidade de estratégias que promovam maior visibilidade e valorização da localidade. Nesse contexto, a inserção de um equipamento cultural configura-se como elemento indutor de dinamização social e urbana, ampliando as possibilidades de uso e apropriação do espaço pela população.

A praça existente constituiu o ponto de partida para as análises desenvolvidas, uma vez que apresenta potencial significativo para intervenções de requalificação urbana. Suas características físicas e funcionais indicam a viabilidade de transformação em um espaço mais qualificado, conforme será detalhado no tópico 5.7 deste trabalho.

O terreno da praça está inserido em uma área de faixa de domínio (Figura *48*), sendo destinado a esse uso em função da necessidade de implantação de um equipamento público de lazer na localidade, bem como pela sua localização estratégica dentro do bairro.

Figura 48 - Entorno atual da Praça.



Fonte: Autor (2026).

Essa condição, aliada à proposta de integração entre a praça e um centro cultural, constituiu um dos principais critérios para a escolha do terreno destinado à implantação do equipamento. Assim, o espaço cultural será inserido no contexto da praça, ainda que localizado em um bairro distinto, reforçando a estratégia de articulação entre áreas urbanas e a ampliação do acesso a atividades culturais.

5.2. Entorno

Para o desenvolvimento deste tópico, foram adotadas diretrizes de análise do entorno baseadas na metodologia proposta por Simone Gatti, apresentada na obra *"Espaços públicos: diagnóstico e metodologia de projeto"* (2013), a qual estabelece critérios relevantes para a compreensão e avaliação de espaços públicos urbanos.

Os bairros Bivar Olinto e Morada do Sol apresentam uso predominantemente residencial, com a presença de pequenos comércios e serviços de caráter local, voltados ao atendimento das demandas cotidianas da população. Essa configuração pode ser observada no mapa de uso e ocupação do solo (Figura *49*), evidenciando uma dinâmica urbana de baixa complexidade e forte caráter de vizinhança.

Figura 49 - Mapa de uso e ocupação do solo.

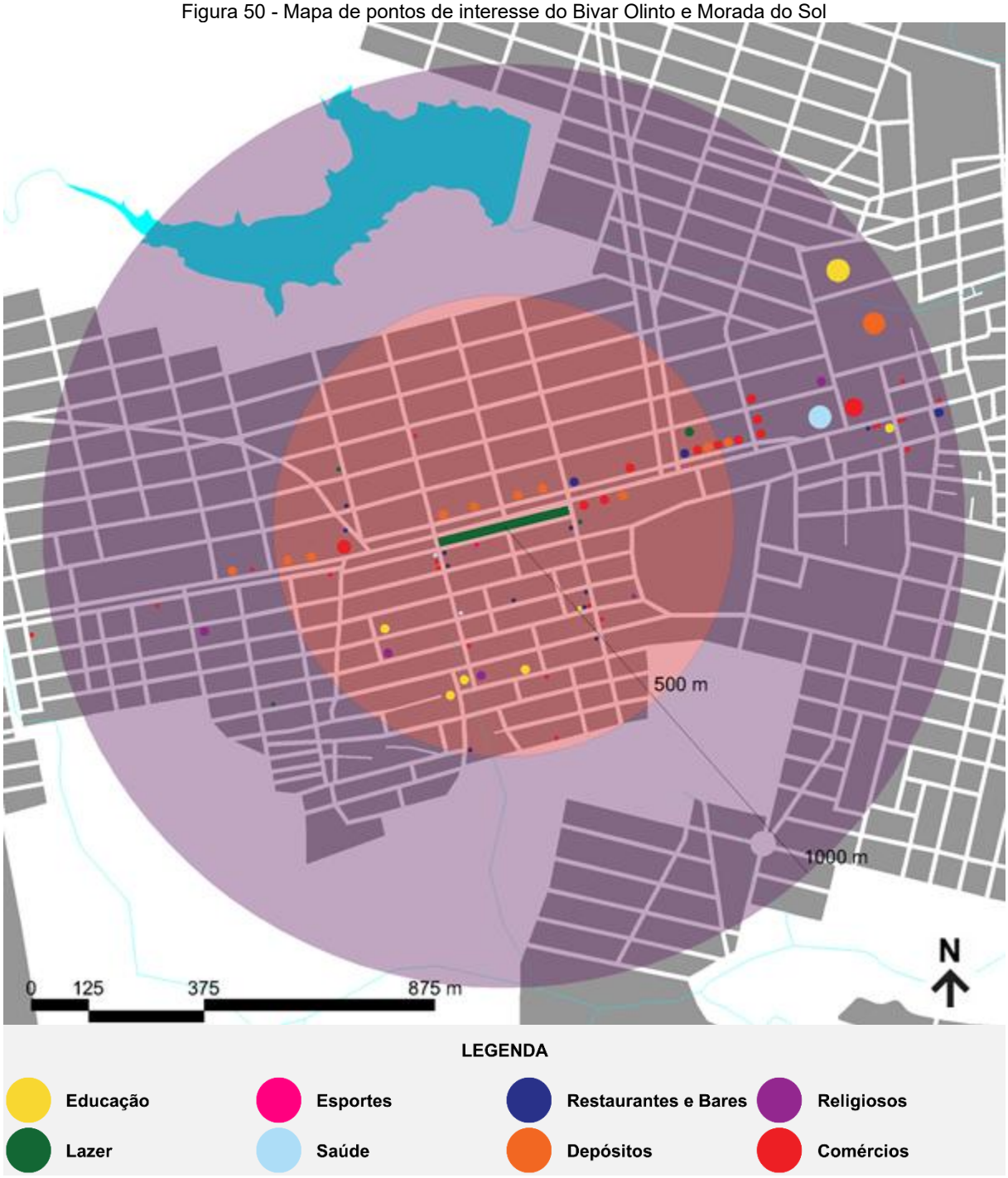


Fonte: Autor (2026).

Dessa forma, foi realizado o mapeamento dos pontos de interesse da região por meio da aplicação de buffers, considerando um raio de 500 metros para o entorno imediato e 1.000 metros para o entorno mediato, ambos a partir do centro do objeto de estudo.

Dentro dessas áreas de abrangência, foram identificados e analisados oito tipos de pontos, distribuídos nas seguintes categorias: educação, lazer, esportes, saúde, alimentação (restaurantes e bares), depósitos, equipamentos religiosos e estabelecimentos comerciais. Essa análise permitiu compreender a oferta de serviços e a dinâmica funcional do entorno, contribuindo para uma leitura mais abrangente da área de intervenção (Figura *50*).

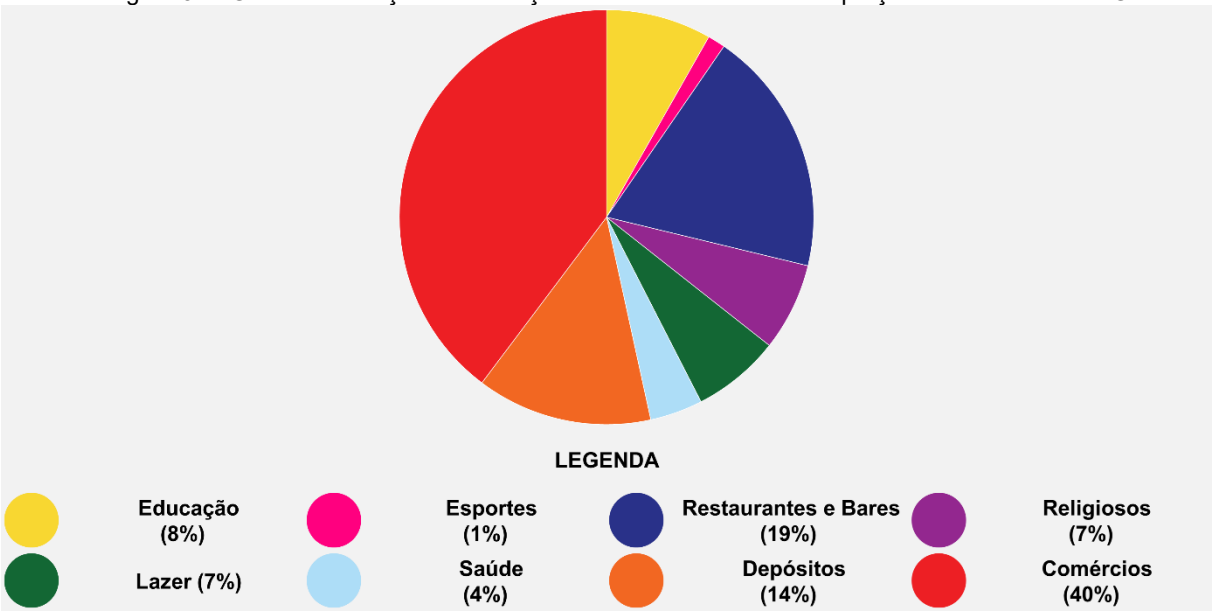
Figura 50 - Mapa de pontos de interesse do Bivar Olinto e Morada do Sol



Fonte: Autor (2026).

Com base nisso é possível observar que há uma grande variedade de equipamentos e serviços oferecidos para a população, com grande destaque para o comércio, que apresenta cerca de 40% dos pontos de interesses da região, além de serviços de bares e restaurante, com uma porcentagem de 19%, de acordo com o gráfico abaixo (Figura *51*).

Figura 51 - Gráfico da relação dos serviços existentes no entorno da praça Francisco da Silva Guedes.

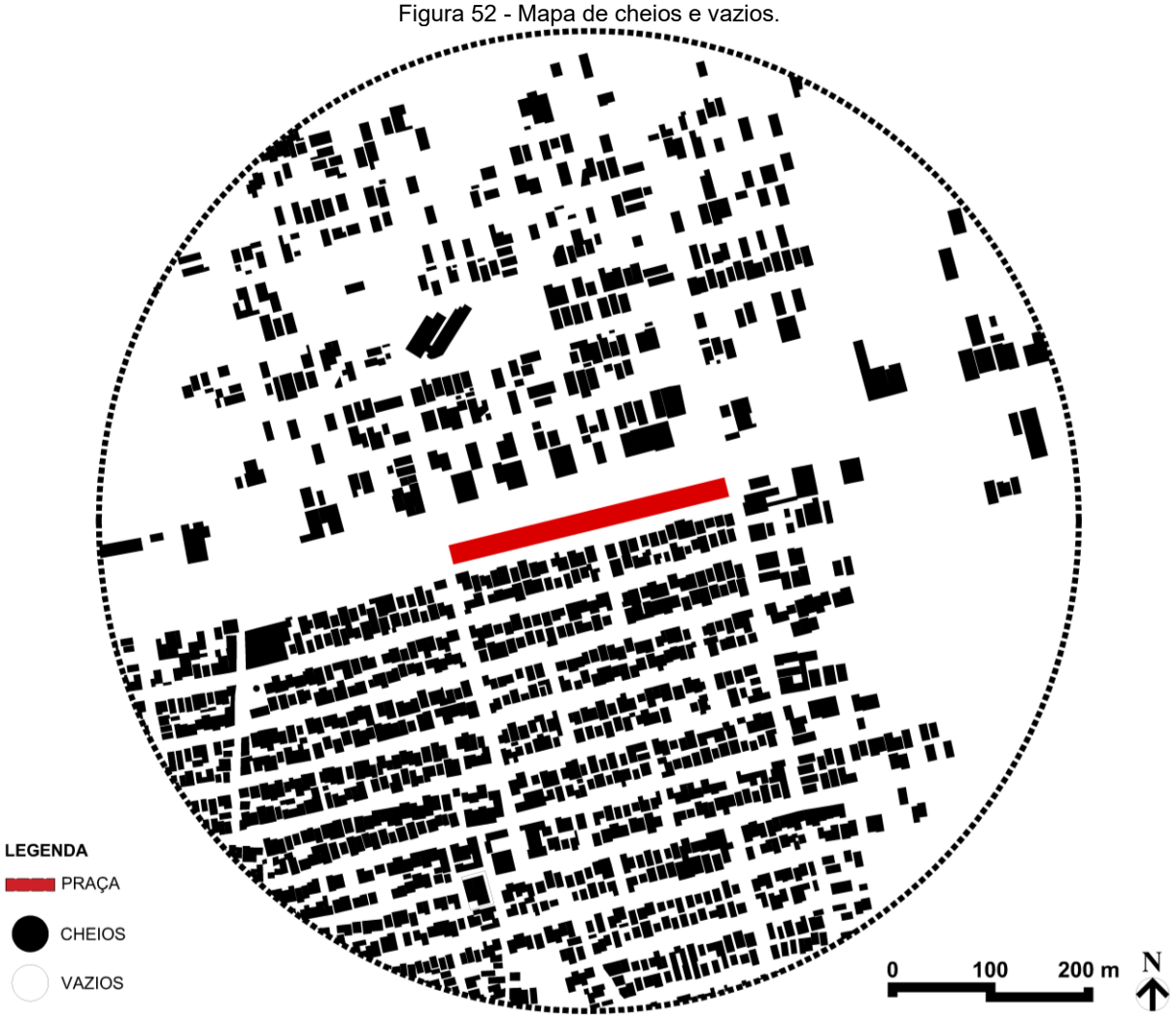


Fonte: Autor (2026).

Desse modo, observa-se que a área apresenta uma diversidade significativa de equipamentos e serviços voltados às demandas cotidianas e sociais da população, contribuindo para o atendimento de necessidades básicas e para a dinâmica urbana local. Entretanto, evidencia-se a insuficiência de espaços destinados à cultura e ao lazer público, uma vez que a praça existente se configura como o único ambiente de convivência coletiva disponível na região. Essa limitação reduz as possibilidades de uso, permanência e apropriação do espaço, restringindo o desenvolvimento de atividades culturais, recreativas e de integração social, fundamentais para a qualidade de vida da comunidade.

Adicionalmente, a análise de cheios e vazios contribui para uma compreensão mais aprofundada da área de estudo. Conforme ilustrado na Figura *52*, nota-se a presença significativa de vazios urbanos, tanto no bairro Bivar Olinto quanto no bairro Morada do Sol. Trata-se de uma área com baixo adensamento, influenciado pela ocorrência de formações rochosas e cumes, bem como pelo fato de ambos os bairros ainda se encontrarem em processo de desenvolvimento. Tal condição revela um cenário favorável à implantação de novos equipamentos de lazer e cultura, configurando-se como uma importante potencialidade para a qualificação urbana da região.

Figura 52 - Mapa de cheios e vazios.

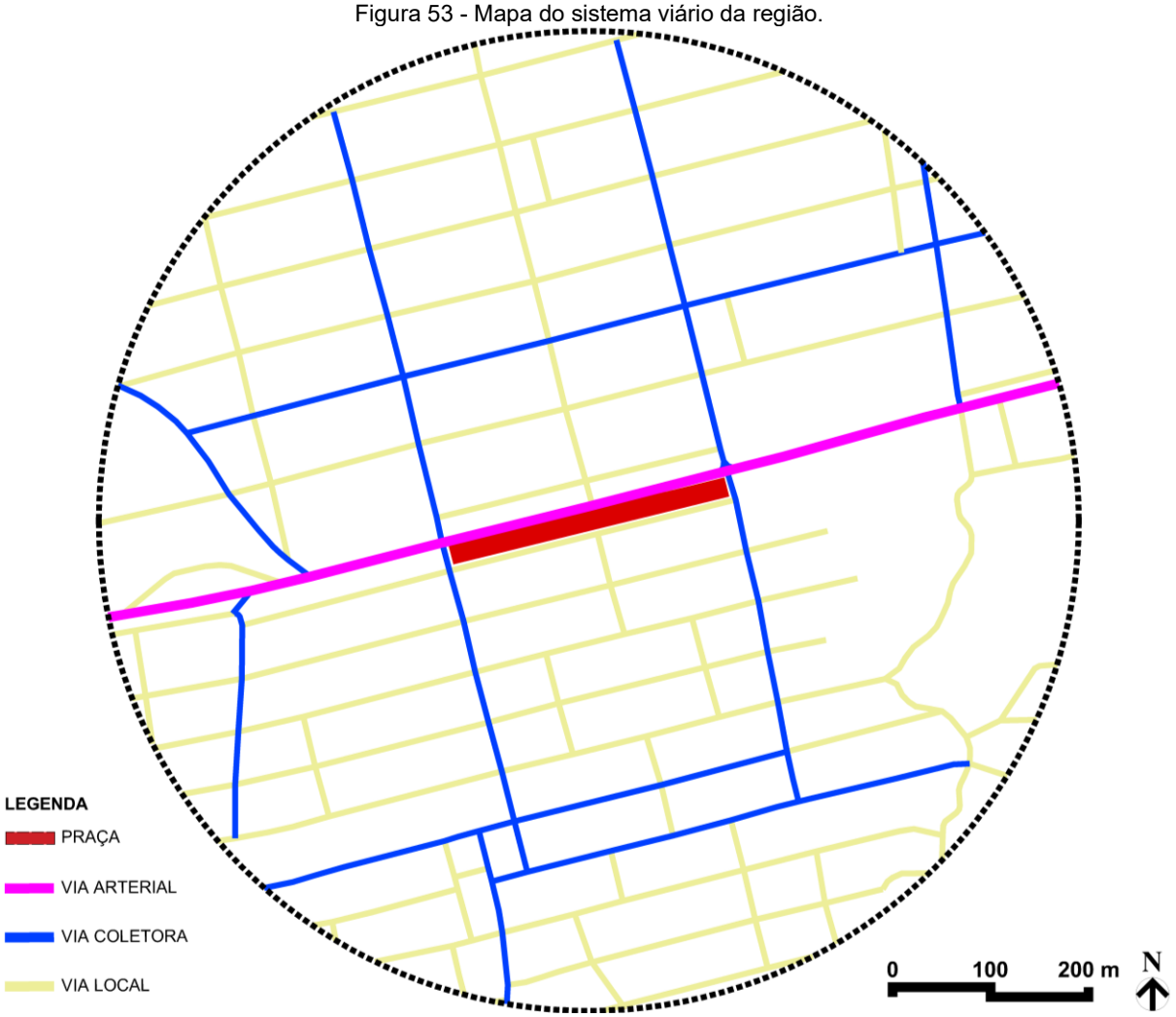


Fonte: Autor (2026).

5.3. Fluxos e Acessos

O sistema viário da região apresenta uma estrutura bem definida, sendo composto por três hierarquias de vias: arterial, coletora e local, conforme ilustrado na Figura *53*. O principal acesso à área ocorre pela Rua do Prado, classificada como via arterial, que atravessa os bairros Bivar Olinto e Morada do Sol. Trata-se de uma via de intenso fluxo, por estabelecer conexão direta entre a porção oeste da cidade e o centro urbano, além de funcionar como importante eixo de ligação com municípios vizinhos, como Santa Terezinha, na Paraíba.

Figura 53 - Mapa do sistema viário da região.



Fonte: Autor (2022).

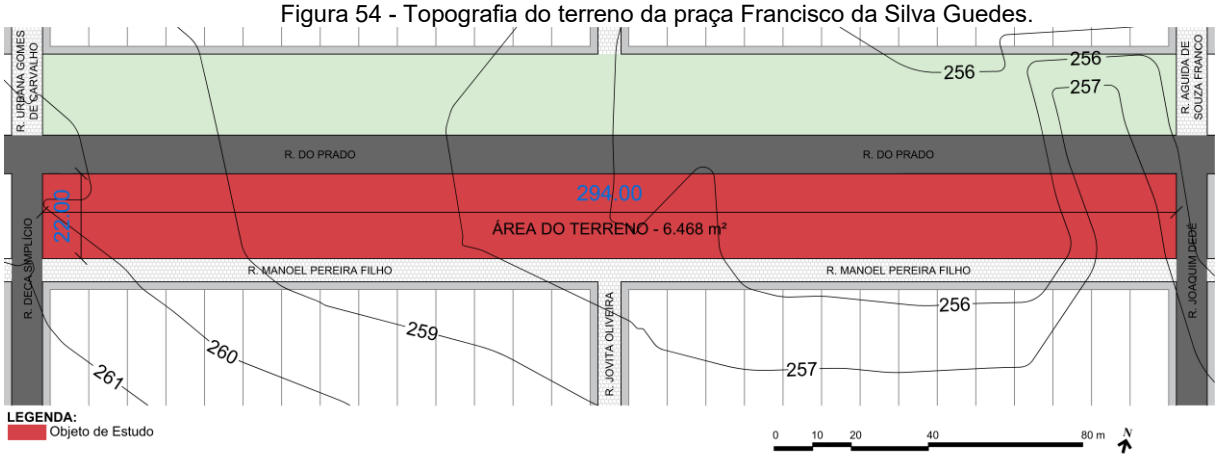
As vias coletoras, por sua vez, conectam-se diretamente à Rua do Prado e desempenham papel fundamental na distribuição do tráfego interno, atravessando os bairros e promovendo significativa mobilidade local. Embora sejam pavimentadas, observa-se que a maior parte das calçadas apresenta condições precárias, com ausência de acessibilidade adequada.

Por fim, as vias locais predominam na área devido ao caráter residencial dos bairros, porém apresentam os mesmos problemas das vias coletoras, como calçadas irregulares, descontinuidades e falta de acessibilidade, comprometendo a circulação segura de pedestres.

5.4. Topografia

No que se refere à topografia e às elevações da área de estudo, ambos os terrenos apresentam relevo com pequenas variações altimétricas. A praça possui área de 6.468 m² e extensão aproximada de 294 metros de largura; contudo, a diferença de nível entre suas extremidades é inferior a 2 metros, conforme ilustrado na Figura *54*.

Figura 54 - Topografia do terreno da praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

Dessa forma, considerando suas dimensões, a área não apresenta declividades significativas, podendo ser caracterizada como predominantemente plana na maior parte de sua extensão.

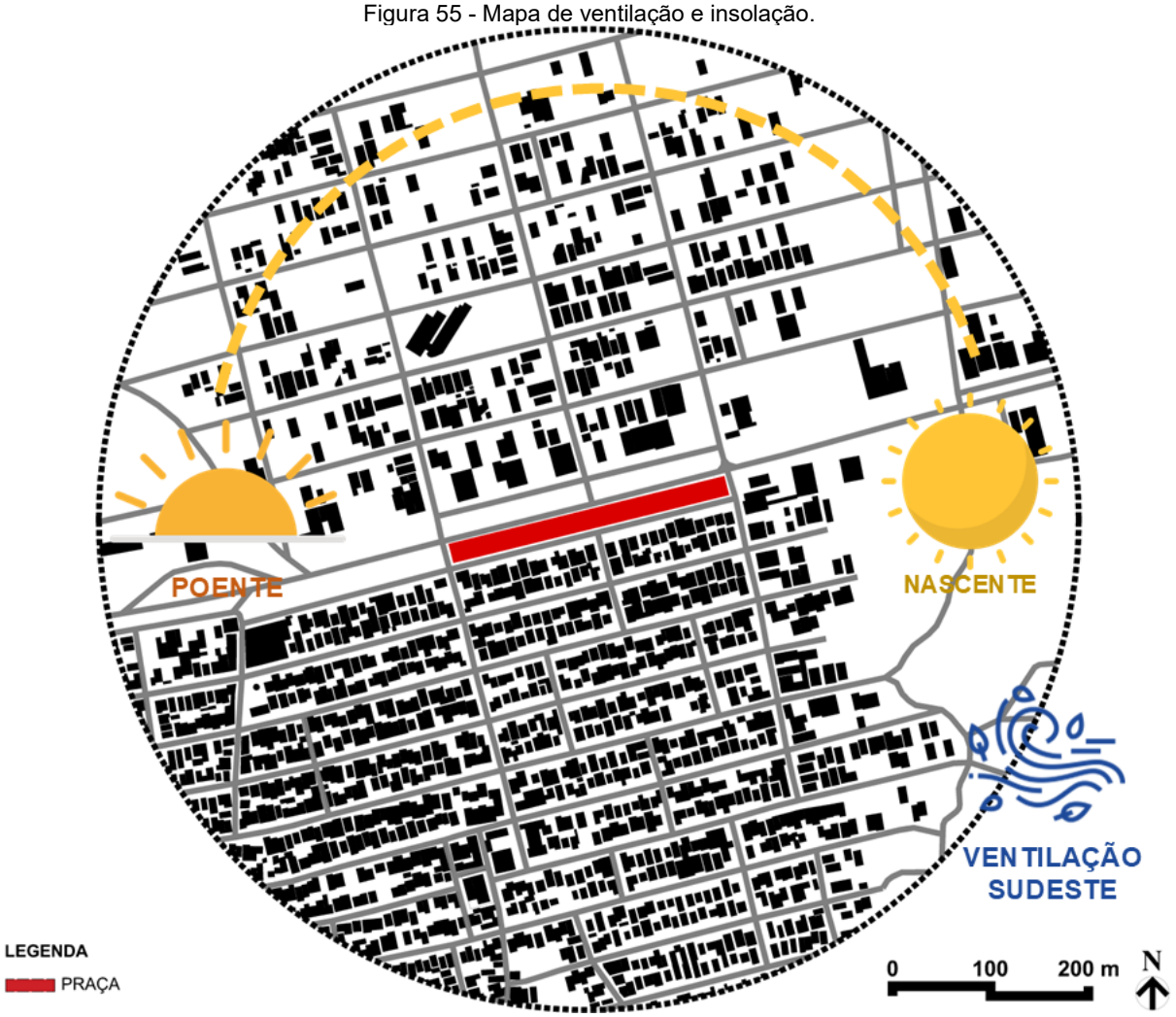
5.5. Condicionantes climáticas

A cidade de Patos, no estado da Paraíba, insere-se em uma região de clima semiárido, caracterizado por condições predominantemente quentes e secas. As temperaturas máximas podem atingir entre 38°C e 40°C nos dias mais quentes, enquanto no período noturno ocorre redução térmica, com valores variando entre 19°C e 22°C. A temperatura média anual é de aproximadamente 27°C, e a umidade relativa do ar pode alcançar até 80% durante os períodos chuvosos (IBGE, 2018).

No que se refere à ventilação predominante, estudos baseados em gráficos de rosas dos ventos elaborados pelo INMET (2016), conforme compilado pelo Projeteee (2021), indicam maior incidência de ventos provenientes das direções leste e sudeste, com velocidades mais elevadas associadas à direção leste.

Com base nessas informações, foi elaborado um mapa simplificado das condições de ventilação e insolação da área de estudo (Figura *55*). Essa análise possibilita a proposição de estratégias projetuais que visem ao melhor aproveitamento dos recursos naturais, contribuindo para soluções mais eficientes, sustentáveis e adequadas ao contexto climático local.

Figura 55 - Mapa de ventilação e insolação.



Fonte: Autor (2026).

5.6. Legislações e Normativas

Para subsidiar o desenvolvimento da proposta projetual, adotou-se como referência o Código de Urbanismo da cidade de João Pessoa, por apresentar maior atualização e abrangência no que se refere às diretrizes urbanísticas. A partir dessa base normativa, definiu-se que o uso proposto para os terrenos se enquadra na Zona Residencial (ZR1). No lote destinado à praça, por se tratar de um espaço já

consolidado, foram consideradas suas dimensões preexistentes para a definição das intervenções. Já no lote destinado à implantação do centro cultural, o uso do solo foi classificado como Institucional Local (IL), por se tratar de um equipamento de caráter cultural (Figura *56*).

Figura 56 - Legislação para Zona Residencial de acordo com o Código de Urbanismo de João Pessoa.

ZONA RESIDENCIAL 1 (ZR1)							
USOS	LOTE (*)		EDIFICAÇÃO (A)				
PERMITIDOS	ÁREA MÍNIMA	FRENTE MÍNIMA	OCUPAÇ. MÁXIMA	ALTURA MÁXIMA (B)	AFASTAMENTOS		
					FRENTE	LATERAL	FUNDOS
IL	600,00	15.00	50	2 PV	5.00	1.50	3.00

Fonte: Código de Urbanismo de João Pessoa (2001).

Visando ao embasamento técnico do desenvolvimento projetual, foram adotadas como referência as Normas Brasileiras (NBR), estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), dentre as quais destacam-se:

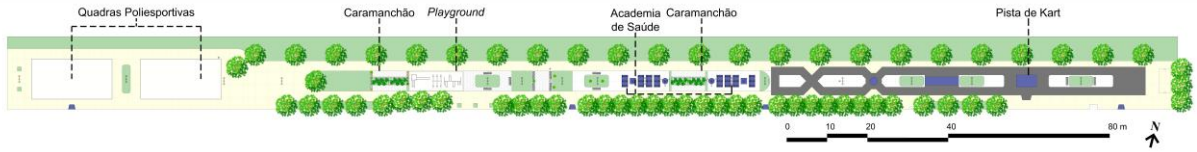
- ABNT NBR 9077/2001, que estabelece critérios para saídas de emergência em edificações;
- ABNT NBR 9050/2020, que trata da acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos;
- ABNT NBR 15220/2003, que aborda o desempenho térmico de edificações;
- ABNT NBR 15575/2021, que dispõe sobre o desempenho de edificações habitacionais
- Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito (CONTRAN, 2007), que apresenta, em diferentes volumes, as diretrizes relativas às sinalizações viárias e seus respectivos posicionamentos no território brasileiro.

5.7. Análise da praça Francisco da Silva Guedes

Para a obtenção de resultados consistentes na análise estrutural da praça, considerando tanto os elementos de mobiliário e as estruturas existentes quanto a composição paisagística, torna-se necessário o exame detalhado de seus componentes.

A praça apresenta traçado linear, com os equipamentos organizados ao longo de seu eixo central, conforme ilustrado na Figura *57*. Nesse eixo, estão dispostas duas quadras de areia, um *playground* e dois espaços destinados à academia ao ar livre. No setor leste, observa-se a presença de uma pista pintada no pavimento, simulando um circuito de kart. Intercalados a esses usos, encontram-se espaços de convivência com caramanchões e áreas de estar. Em função de sua grande extensão, o espaço também é amplamente utilizado para caminhadas.

Figura 57 - Planta Baixa atual da praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

Dessa forma, procedeu-se à análise qualitativa e quantitativa da Praça Francisco da Silva Guedes. Com base nos critérios estabelecidos por De Angelis, Castro e De Angelis Neto (2004), apresentados nas Tabela *1* e Tabela *2*, foi possível verificar tanto a presença quanto o estado de conservação da infraestrutura existente no local.

5.7.1. Análise quantitativa dos equipamentos e estruturas

Para a presente análise, buscou-se considerar os mobiliários e as infraestruturas comumente presentes em praças, conforme proposto por De Angelis, Castro e De Angelis Neto (2004), além da inclusão dos elementos identificados na Praça Francisco da Silva Guedes.

Dessa forma, apresenta-se o quadro a seguir (Tabela *1*):

Tabela 1 - Levantamento quantitativo dos equipamentos e estruturas existentes.

	EQUIPAMENTOS/ESTRUTURAS	SIM	NÃO	QUANTIDADE
1.	Bancos - material: concreto	x		23
2.	Iluminação - alta (x) - baixa ( )	x		14
3.	Lixeiras	x		4
4.	Banheiros		x	-
5.	Bebedouros		x	-

6.	Caminhos - material: placas cimentícias pintadas e intertravado	x		-
7.	Palco/coreto		x	-
8.	Monumento		x	-
9.	Caramanchão	x		4
10.	Vasos para vegetação	x		2
11.	Espelho d'água/chafariz/fonte		x	-
12.	Caixa d'água para irrigação		x	-
13.	Estacionamento		x	-
14.	Ponto de ônibus		x	-
15.	Ponto de mototáxi	x		1
16.	Quadra esportiva	x		2
17.	Equipamentos para prática de exercícios físicos	x		12
18.	Equipamentos do parque infantil	x		3
19.	Banca de revista		x	-
20.	Quiosques de alimentação e/ou similar		x	-
21.	Placa de identificação		x	-
22.	Edificação institucional		x	-
23.	Templo religioso		x	-

Fonte: De Angelis, Castro e De Angelis Neto (2004), adaptado pelo autor (2026).

A Praça Francisco da Silva Guedes apresenta uma de suas dimensões com aproximadamente 294 metros lineares e área total em torno de 6.468 m², sendo, portanto, classificada como uma praça de grande porte. No contexto urbano de Patos (PB), destaca-se como a segunda maior praça da cidade, ficando atrás apenas da Praça Gilberto da Silva Oliveira, localizada no bairro Noé Trajano.

Nesse sentido, observa-se que, apesar de sua dimensão, o espaço apresenta carências quanto à quantidade e diversidade de mobiliários urbanos, como bancos e lixeiras, bem como à oferta de equipamentos e serviços de caráter cultural, a exemplo de concha acústica e pontos destinados à leitura, como bancas de revistas ou livros. Tais ausências evidenciam uma limitação, sobretudo no que se refere ao uso cultural do espaço.

Ainda assim, a praça possui uso significativo pela população, especialmente nos períodos da manhã e no final da tarde, quando é frequentemente utilizada para caminhadas e práticas de atividades físicas nos equipamentos disponíveis. Ademais, o parque infantil existente é amplamente utilizado por crianças residentes no entorno, reforçando sua importância como espaço de convivência local.

5.7.2. Análise qualitativa e quantitativa dos tipos de vegetação

Conforme mencionado anteriormente, a vegetação desempenha papel fundamental no contexto urbano, especialmente em praças situadas em regiões de clima quente, como é o caso de Patos (PB). Nesse sentido, foi realizado um levantamento da vegetação existente na Praça Francisco da Silva Guedes, considerando os diferentes tipos vegetais presentes no local.

A Tabela *2*, apresentada a seguir, demonstra a relação quantitativa da vegetação identificada.

Tabela 2 - Levantamento quantitativo dos tipos de vegetação.

TIPO DE VEGETAÇÃO	SIM	NÃO	QUANTIDADE
Árvores	x		90
Arbustos	x		6
Trepadeiras	x		4
Herbáceas	x		30
Palmeiras	x		1
Cactos	x		2
Suculentas	x		14

Fonte: Autor (2026).

De modo geral, a diversidade e a quantidade de vegetação presentes no local mostram-se satisfatórias, com destaque para a arborização, que constitui o principal elemento estruturador da paisagem. As árvores são responsáveis pela maior parte do sombreamento proporcionado ao espaço, contribuindo diretamente para o conforto térmico, a qualificação ambiental e a melhoria das condições microclimáticas. Por outro lado, observa-se a presença de arbustos, herbáceas e suculentas, espécies de pequeno porte que, embora desempenhem papel complementar na composição paisagística, apresentam contribuição limitada no que se refere à geração de sombra.

Na imagem (Figura *58*), observa-se que a vegetação está disposta de forma linear ao longo das extremidades da praça, mantendo o eixo central destinado à implantação dos equipamentos. No lado esquerdo, predominam árvores adultas, majoritariamente da espécie *Azadirachta indica* (nim), cujas copas amplas proporcionam sombreamento contínuo sobre a via e parte das áreas de circulação. Por outro lado, no lado direito, identificam-se exemplares mais jovens, ainda em fase

de desenvolvimento, com menor densidade de copa e, consequentemente, menor oferta de sombra. Essa diferença etária sugere a ocorrência de um processo recente de replantio ou renovação da vegetação no local.

Figura 58 - Arborização da praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

De modo geral, a disposição das árvores configura um eixo verde que reforça a linearidade do espaço, contribuindo para a qualificação ambiental e a valorização estética da praça.

5.7.3. Análise qualitativa dos equipamentos e mobiliários

Em complemento às análises quantitativas da infraestrutura e da vegetação, realizou-se também uma avaliação qualitativa desses elementos, com o objetivo de verificar seu estado de conservação. A partir de visitas *in loco*, foram identificados diversos aspectos positivos e negativos na Praça Francisco da Silva Guedes.

No que se refere ao mobiliário urbano, a praça apresenta uma boa variedade de espaços destinados ao descanso, com a presença de bancos e assentos. Contudo, observa-se que esses elementos não estão, em sua maioria, posicionados em áreas sombreadas, como sob a copa das árvores, o que compromete sua utilização, especialmente no período da tarde, quando as temperaturas são mais elevadas. Além disso, parte dos bancos apresenta encostos desconfortáveis ou inexistentes, e alguns

encontram-se danificados, conforme ilustrado na Figura *59*, evidenciando a necessidade de manutenção e requalificação desses equipamentos.

Figura 59 - Situação de alguns bancos da praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

No que se refere à iluminação, a praça apresenta um sistema eficiente e bem distribuído, contribuindo significativamente para a segurança e o conforto dos usuários no período noturno. Os postes estão implantados ao longo do eixo central, garantindo uma distribuição homogênea da luz em grande parte da área. A iluminação possui tonalidade branca, característica que favorece a visibilidade e proporciona maior conforto visual aos frequentadores.

Observa-se ainda que os elementos de iluminação se encontram em bom estado de conservação, sem indícios aparentes de falhas ou degradação. Cada poste é equipado com duas hastes luminosas, o que amplia o alcance da iluminação e reduz a formação de áreas de sombra. Esse conjunto, aliado à quantidade de postes distribuídos ao longo da praça, assegura níveis adequados de iluminância, favorecendo a utilização do espaço durante a noite.

Além de sua função prática, a iluminação também contribui para a valorização estética do ambiente, destacando percursos e áreas de permanência. Dessa forma, configura-se como um elemento fundamental para a apropriação do espaço público em horários noturnos, incentivando atividades como caminhadas, encontros e práticas recreativas (Figura *60*).

Figura 60 - A iluminação da praça Francisco da Silva Guedes durante o turno da noite.



Fonte: Autor (2026).

A praça dispõe de dois espaços destinados à prática de exercícios físicos, ambos localizados ao longo do eixo central e equipados com diferentes aparelhos voltados à atividade física da população. No entanto, durante o período diurno, a intensa incidência solar, associada à ausência de sombreamento adequado, compromete significativamente a utilização desses equipamentos, tornando-os desconfortáveis e, em muitos casos, inviáveis para uso.

Além disso, observa-se um estado de conservação insatisfatório desses aparelhos, evidenciado pela falta de manutenção periódica. Parte significativa dos equipamentos apresenta falhas de funcionamento ou encontra-se danificada, o que limita sua efetividade e reduz as possibilidades de uso pela população. Tal condição compromete não apenas a prática de atividades físicas, mas também a qualidade do espaço público como um todo, indicando a necessidade de intervenções voltadas à

requalificação, manutenção e melhoria das condições de conforto ambiental (Figura *61*).

Figura 61 - Situação atual dos aparelhos para prática de exercícios físicos.



Fonte: Autor (2026).

Além disso, há um espaço destinado ao *playground* infantil, voltado ao uso pelas crianças. Entretanto, assim como os demais equipamentos da praça, esse ambiente está localizado no canteiro central e não dispõe de sombreamento adequado, o que limita sua utilização, especialmente no período da tarde, devido às altas temperaturas e à intensa incidência solar.

No que se refere ao estado de conservação, os equipamentos do parque encontram-se em condições razoáveis de uso. Em termos de segurança, destaca-se a presença de um cercamento em tela metálica, que atua como elemento de proteção, separando o espaço infantil da BR-361, localizada nas proximidades, reduzindo, assim, os riscos de acidentes (Figura *62*).

Figura 62 - *Playgrounds* existentes da praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

Um elemento de destaque na praça é a presença de quatro caramanchões, distribuídos ao longo das porções centrais do espaço. Embora desempenhem, em princípio, uma função predominantemente estética, esses elementos passam a assumir também papel funcional nos períodos em que a vegetação floresce.

Localizados entre os equipamentos de *playground* e as academias ao ar livre, os caramanchões configuram-se como pontos estratégicos de permanência, sendo utilizados pelos frequentadores para descanso, contemplação ou acompanhamento das atividades realizadas nesses espaços, como a prática de exercícios físicos e o uso do parque infantil (Figura *63*).

Figura 63 - Caramanchões presente na praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

No setor esportivo da praça, localizado na porção oeste, as duas quadras de areia apresentam limitações significativas de uso ao longo do dia. Sua orientação no sentido leste–oeste contribui para o desconforto visual dos usuários, em função da incidência direta do sol nos períodos matutino e vespertino, além de intensificar a sensação térmica no local. Soma-se a isso a insuficiência de arborização no entorno imediato, que não garante sombreamento adequado para a prática esportiva.

Em termos de segurança, as quadras contam com cercamento em tela metálica, solução semelhante à adotada no *playground*, que contribui para a delimitação e proteção do espaço (Figura *64*). No entanto, quanto ao piso, embora a utilização de areia seja comum para esse tipo de equipamento, observa-se um impacto negativo para o entorno, uma vez que a ação dos ventos transporta partículas de areia para as residências vizinhas, gerando incômodos e demandando medidas mitigadoras.

Figura 64 - Quadras de areia da praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

No que se refere à paginação de piso e aos caminhos, a praça apresenta condições favoráveis para passeio e caminhada, dispondo de um traçado diferenciado que estimula o deslocamento ao longo de toda a sua extensão de forma confortável (Figura *65*). A organização do desenho do piso contribui para a orientação do usuário, promovendo percursos contínuos e convidativos.

Figura 65 - Traçado e paginação de piso da praça Francisco da Silva Guedes.



Fonte: Autor (2026).

O revestimento é composto por blocos intertravados no eixo central da praça, associados a placas cimentícias distribuídas ao longo dos percursos, as quais apresentam quatro variações cromáticas, azul, preto, amarelo e cinza, conferindo dinamismo visual ao espaço. No entanto, quanto ao estado de conservação, observa-se condição apenas razoável, com presença de falhas na pintura e pontos de degradação, como fissuras e buracos em determinados trechos, indicando a necessidade de manutenção.

A praça possui três rampas de acesso destinadas a pessoas com deficiência, todas implantadas na porção sul, o que restringe a acessibilidade aos demais setores do espaço (Figura *66*). Além disso, verificou-se, durante a análise, que nenhuma das rampas existentes atende integralmente aos parâmetros estabelecidos pela ABNT NBR 9050, comprometendo a segurança, a autonomia e a adequada circulação dos usuários com mobilidade reduzida.

Figura 66 - Rampa central da praça Francisco da Silva Guedes localizada na parte sul.



Fonte: Autor (2026).

Na porção norte, observa-se a ausência de infraestrutura adequada, com predominância de solo exposto e inexistência de calçadas ou caminhos que permitam o acesso qualificado ao interior da praça. Tal configuração está associada à proximidade com uma via de alto fluxo, tendo sido adotada como medida de mitigação de riscos de acidentes. No entanto, existem alternativas que poderiam ser implementadas para esse fim, como a implantação de sinalização adequada, a definição de canteiros arborizados e a inserção de outros elementos de ordenamento e proteção. Ademais, verifica-se a ausência de piso tátil ao longo dos percursos, evidenciando limitações no que se refere à acessibilidade.

Dessa forma, conclui-se que a Praça Francisco da Silva Guedes apresenta tanto aspectos positivos quanto negativos. Contudo, as fragilidades identificadas mostram-se passíveis de solução por meio de um projeto de requalificação, o que possibilitaria melhorias significativas na acessibilidade, no conforto e, consequentemente, no bem-estar da população usuária do espaço.

5.7.4. Quadro-síntese da análise da praça Francisco da Silva Guedes

Com base nas análises qualitativas e quantitativas da Praça Francisco da Silva Guedes, elaborou-se um quadro analítico com o objetivo de sintetizar os principais

aspectos, permitindo uma leitura crítica das potencialidades e fragilidades do espaço. O Quadro *2* organiza os elementos em categorias, destacando suas condições, potencialidades e fragilidades.

Quadro 2 - Quadro-síntese dos aspectos qualitativos e quantitativos da praça Francisco da Silva Guedes.

Elemento analisado	**Condição atual**	**Potencialidades**	**Fragilidades**
Traçado e configuração espacial	Linear, com eixo central bem definido	Organização clara dos usos e facilidade de leitura espacial	Limitação na diversidade de percursos e apropriações
Equipamentos e mobiliários	Presença de equipamentos básicos (quadras, *playground*, academia de saúde)	Uso frequente pela população, especialmente para atividades físicas	Baixa diversidade de mobiliários e ausência de equipamentos culturais
Vegetação	Quantidade significativa de árvores, dispostas linearmente	Contribuição para sombreamento e qualificação ambiental	Distribuição desigual e sombreamento insuficiente em áreas de permanência
Iluminação	Sistema eficiente e bem distribuído	Favorece segurança e uso noturno	Ausência de integração com outros elementos de ambiência
Conforto ambiental	Parcialmente satisfatório	Presença de áreas sombreadas pontuais	Alta incidência solar em equipamentos e áreas de uso intenso
Estado de conservação	Variável entre os elementos	Alguns equipamentos em bom estado	Falta de manutenção em mobiliários e equipamentos de exercício
Acessibilidade	Presença de rampas de acesso	Existência de infraestrutura inicial	Não atendimento à NBR 9050 e distribuição inadequada das rampas
Caminhos e pavimentação	Traçado contínuo e funcional	Estímulo à caminhada e boa orientação espacial	Desgaste do piso e necessidade de manutenção
Uso e apropriação	Uso frequente pela população local	Forte caráter de convivência e prática esportiva	Limitação de usos culturais e permanência prolongada
Segurança	Presença de iluminação e gradeamentos	Redução de riscos em áreas específicas (*playground* e quadras)	Proximidade com via de alto fluxo e falta de elementos de proteção em alguns setores

Fonte: Autor (2026).

A partir da sistematização apresentada, observa-se que a praça possui relevante potencial de uso e apropriação pela população, especialmente no que se refere às atividades de lazer e práticas esportivas. No entanto, as fragilidades identificadas, sobretudo relacionadas à acessibilidade, conforto ambiental, manutenção e diversidade de usos, evidenciam a necessidade de intervenções voltadas à sua requalificação.

Dessa forma, o quadro analítico se configura como instrumento fundamental para subsidiar as diretrizes projetuais, orientando decisões que visem à melhoria da qualidade espacial, funcional e social da Praça Francisco da Silva Guedes, conforme apontado nas análises realizadas.

6. PROPOSTA PROJETUAL

6.1. Conceito e Partido

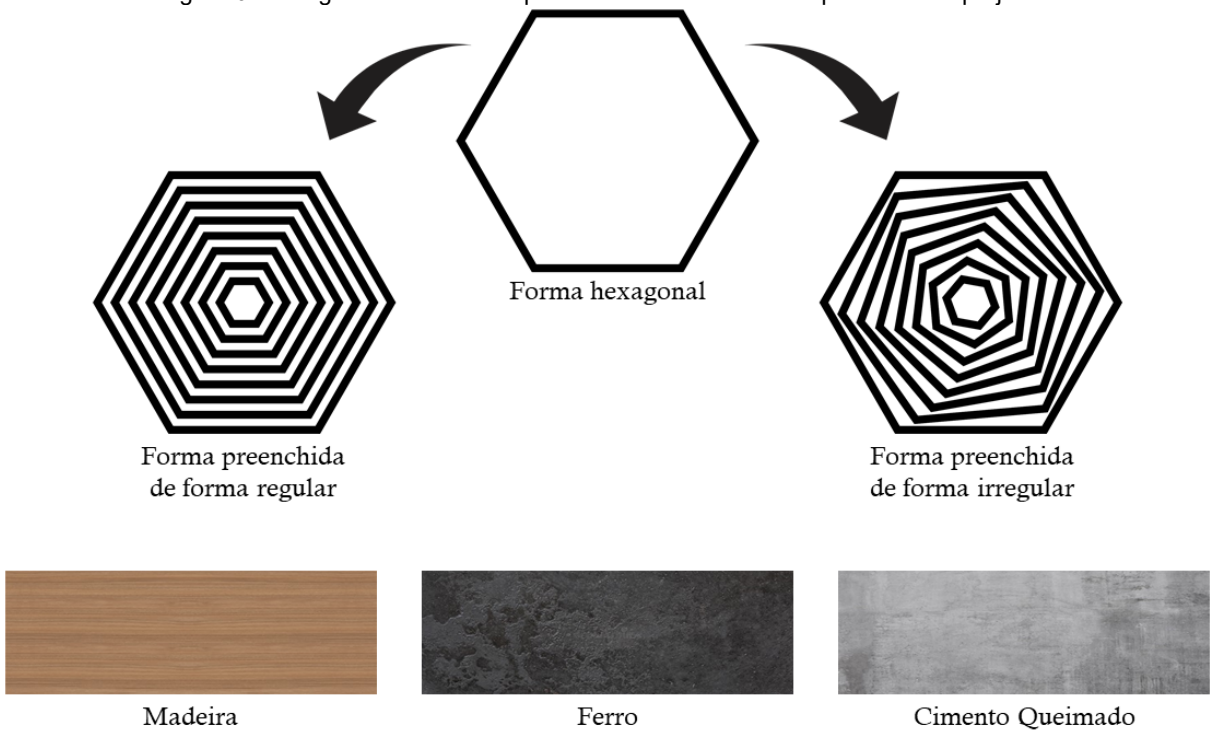
A premissa deste trabalho consiste na requalificação da Praça Francisco da Silva Guedes, associada à implantação de um Centro Cultural, com o objetivo de suprir a carência de espaços destinados à cultura e ao lazer na região dos bairros Bivar Olinto e Morada do Sol, no município de Patos. Embora a praça já apresente uso significativo ao longo do dia, observa-se a necessidade de uma intervenção que amplie suas potencialidades, promovendo sua ocupação contínua em diferentes horários e consolidando-a como um espaço qualificado de permanência, convivência e interação social.

Nesse contexto, o Centro Cultural surge como elemento potencializador da proposta, atuando de forma integrada à praça e contribuindo diretamente para a melhoria da qualidade de vida da população. Ao ampliar o acesso às atividades culturais, educativas e recreativas, o equipamento fortalece o papel do espaço público como suporte para o desenvolvimento social e cultural, além de estimular a diversidade de usos e a permanência dos usuários ao longo do dia e da noite.

Dessa forma, o processo conceitual do projeto fundamenta-se na ideia de integração entre os dois programas, entendidos como complementares e interdependentes. O termo integrar, derivado do latim *integrare*, refere-se à união, assimilação e articulação entre elementos distintos, resultando em um conjunto coeso e funcional. No âmbito urbanístico, essa integração busca promover a convergência de fluxos e atividades, incentivando a apropriação do espaço público como local de encontro, aprendizado e lazer.

Quanto ao partido arquitetônico, o projeto adota o hexágono como elemento estruturador da proposta, configurando-se como base formal e organizadora do conjunto. Sua geometria favorece a flexibilidade compositiva, possibilita múltiplas conexões espaciais e reforça a ideia de integração entre os diferentes usos e setores. Além disso, a utilização de materiais como madeira, aço e cimento queimado contribui para a construção de uma identidade contemporânea, conferindo unidade estética, durabilidade e destaque visual ao conjunto arquitetônico (Figura *67*).

Figura 67 - Diagrama da forma arquitetônica e dos materiais aplicados aos projetos.



Fonte: Autor (2026).

A escolha do hexágono também se relaciona à organização dos principais usos dos equipamentos propostos, totalizando seis funções predominantes, distribuídas de forma equilibrada entre o Centro Cultural e a praça. No edifício, destacam-se o auditório, as áreas de exposição e os ateliês. Já na praça, os usos principais correspondem aos equipamentos pré-existentes, à área de alimentação e à fonte central. O diagrama apresentado (Figura *68*) tem como objetivo evidenciar essa relação, utilizando o hexágono como elemento de síntese da integração entre os usos e da articulação espacial entre o edifício e o espaço público.

Figura 68 - Diagrama dos principais usos do projeto inseridos na composição hexagonal.



Fonte: Autor (2026).

6.2. Programa de necessidades e Pré-dimensionamento

Por se tratar da integração entre dois espaços públicos, o programa de necessidades deste trabalho é dividido em duas frentes: a requalificação de uma praça e o desenvolvimento projetual de um centro cultural. Nesse sentido, a proposta foi elaborada com base nos estudos provenientes da análise de projetos correlatos e referenciais teóricos, aliados às demandas identificadas no objeto de estudo durante as visitas de campo. A partir disso, define-se um conjunto de espaços e usos, com a inclusão de áreas capazes de atender de forma adequada às necessidades de ambos os projetos.

6.2.1. A Praça

A Praça Francisco da Silva Guedes possui uma área de 6.468 m², sendo que 6349,25 m² são passíveis de ocupação, em função do estacionamento e do arredondamento das áreas destinadas às calçadas. O espaço contará com um programa que contempla o uso de equipamentos pré-existentes, para os quais será proposta a requalificação, com o objetivo de promover melhorias, além da inserção de novos usos, como mesas de jogos, área de alimentação e o centro cultural. Conforme aborda Gatti (2013), é necessário que os usos atribuídos ao espaço estejam diretamente relacionados às demandas do terreno e da população que irá usufruí-lo. Com base nisso, foi elaborado um estudo dos espaços existentes e daqueles a serem propostos para o desenvolvimento do projeto (Quadro *3*).

Quadro 3 - Programa de necessidades e pré-dimensionamento da praça.

Tipo	Quant.	Ambiente	Área (m²)
Esportivo	02	Quadra de esporte	432 cada
	02	*Playground*	65 cada
	02	Academia de saúde	65 cada
	-	Espaço para caminhada	3467,75
Lazer	01	Mesa para jogos	117
	01	Área de alimentação	117
	-	Espaço livre/grama/canteiro	923,50
	1	Centro Cultural	600
Área total			6349,25

Fonte: Autor (2026).

6.2.2. O Centro cultural

O centro cultural será implantado em um terreno com área de 600 m², organizado nos setores social, de serviços, administrativo e de apoio (Quadro *4*). Para o desenvolvimento do programa de necessidades, foram adotadas como referências as obras *Arte de projetar em arquitetura* (Neufert, 2013) e *Manual do arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto* (Buxton, 2017), além das monografias de Rodrigues (2020) e Dutra (2020).

Quadro 4 - Programa de necessidades e pré-dimensionamento do centro cultural.

Tipo	Quant.	Ambiente	Área (m²)
Social	01	Área de exposição pavimento inferior	118
	01	Área de exposição pavimento superior	39,75
	01	Auditório	167
	01	Biblioteca	68,50
	01	Café	37,50
	01	Lounge	34,75
	01	Loja temporária	20,25
	01	Recepção	75
	02	Sala multiuso	32,50
Adm.	01	Curadoria	18
	01	Sala administrativa	17,50
	01	Sala de reunião	12,50
	01	Sala de segurança	12
Apoio/Serviço	01	Almoxarifado	12
	01	Banheiro camarim	5,25
	04	Bateria de banheiros (incluso PCD)	12,25
	01	Cabine técnica/sala de som (auditório)	5,50
	02	Camarim	14,75
	01	Copa	30,25
	01	Cozinha do café	10,50
	01	Depósito camarim	7,25
	01	Depósito de lixo	7,25
	01	Depósito de material de limpeza	5,50
	01	Estoque da Loja	5,50
	01	Sala de ensaios	30,25
	02	Vestiários (Funcionários)	12,25
Area total			908

Fonte: Autor (2026).

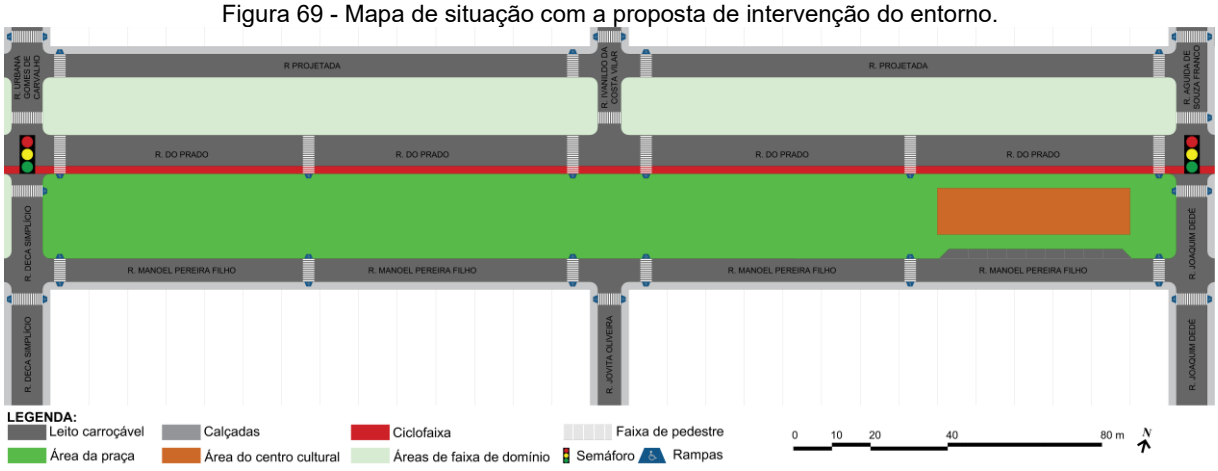
6.3. Setorização

Para abordar este tópico, é fundamental destacar que o presente trabalho tem como objetivo a requalificação da Praça Francisco da Silva Guedes, aliada à implantação de um Centro Cultural. A proposta será desenvolvida por meio de um estudo de integração, buscando atender de forma eficiente às demandas da população do bairro Bivar Olinto e de seu entorno imediato.

Nesse contexto, propõe-se a revitalização da área da praça, que possui 6.468 m², bem como de seus espaços adjacentes, com o intuito de qualificar o ambiente urbano e melhorar a circulação de pedestres.

Na Figura *69*, apresenta-se o mapa de situação das áreas contempladas pela intervenção, evidenciando as principais propostas de requalificação. Destacam-se a integração de faixas de pedestres, a criação de novas vias para organização e hierarquização do sistema viário, além da implantação de sinalizações verticais e horizontais, visando aprimorar a mobilidade urbana, a acessibilidade e a segurança dos usuários no espaço público.

Figura 69 - Mapa de situação com a proposta de intervenção do entorno.



Fonte: Autor (2026).

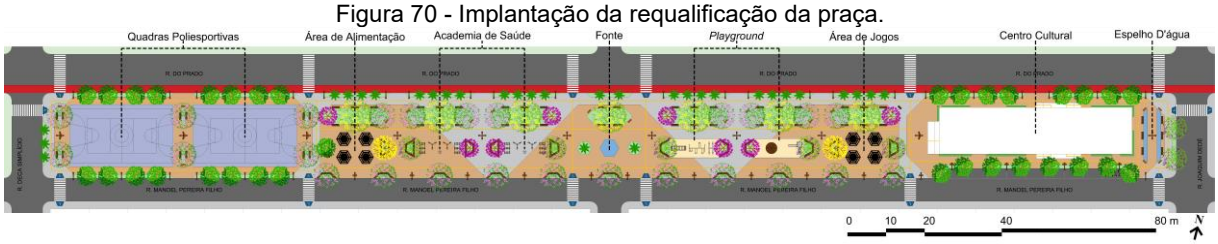
6.3.1. A praça

A Praça Francisco da Silva Guedes, apresentada a seguir, passou por transformações significativas em sua composição, abrangendo o traçado, os materiais empregados, a distribuição do mobiliário urbano, a vegetação e a organização dos usos. Apesar dessas intervenções, sua configuração formal foi preservada, assim

como a localização dos equipamentos já existentes, como as quadras, o *playground* e a academia de saúde.

A reorganização dos usos buscou qualificar e otimizar os espaços internos da praça, mantendo os elementos pré-existentes e incorporando novas áreas, como a praça de alimentação, o espaço de jogos e o centro cultural. A implantação desses novos equipamentos segue a orientação linear já consolidada, garantindo unidade compositiva e evitando interferências na faixa de domínio da rodovia (Figura *70*).

Figura 70 - Implantação da requalificação da praça.



Fonte: Autor (2026).

Na área destinada às quadras poliesportivas, não foi possível adotar a orientação no eixo norte–sul, considerada a mais adequada para o uso ao longo de todo o dia, tanto no período diurno quanto noturno. Diante dessa limitação, optou-se por uma solução paisagística, utilizando a vegetação como elemento estruturador, de modo a envolver o espaço e proporcionar sombreamento ao longo de sua extensão (Figura *71*).

Figura 71 - Ampliação na área das quadras poliesportivas.



Fonte: Autor (2026).

O mobiliário foi disposto estrategicamente para garantir conforto aos usuários, com todos os bancos posicionados em áreas sombreadas. Além disso, esses

elementos assumem também a função de arquibancada, possibilitando a contemplação e o acompanhamento das atividades esportivas realizadas nas quadras, conforme Figura *72*.

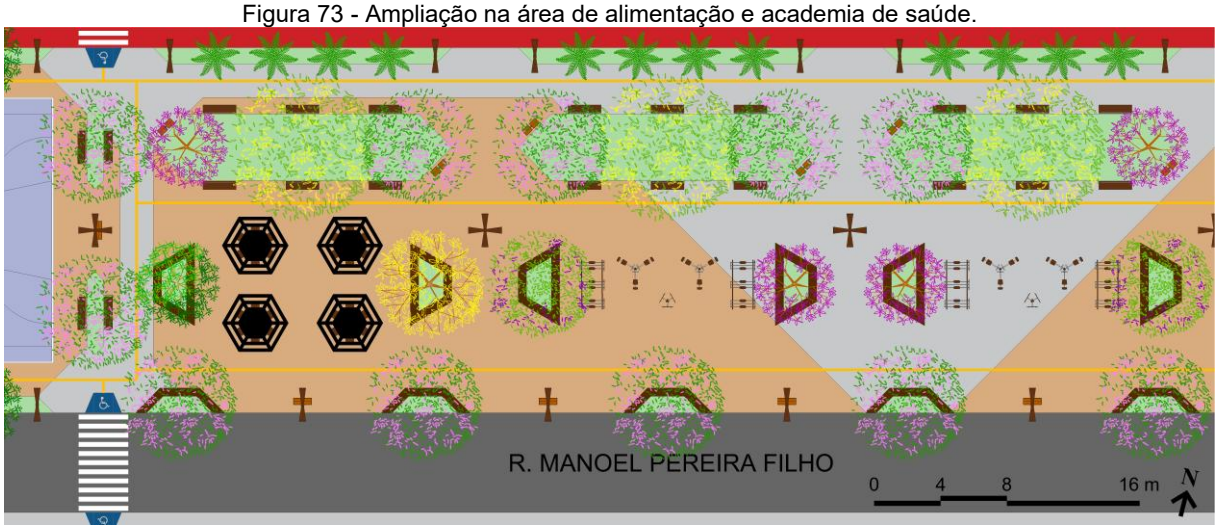
Figura 72 - Vista do meio das quadras poliesportivas.



Fonte: Autor (2026).

Logo ao lado da área destinada às quadras poliesportivas, encontra-se o setor de alimentação e convivência, seguido pela área voltada à academia de saúde. A implantação desses usos buscou fortalecer a permanência e a diversidade de atividades na praça, promovendo maior dinamismo ao espaço e incentivando sua utilização em diferentes períodos do dia (Figura *73*).

Figura 73 - Ampliação na área de alimentação e academia de saúde.



Fonte: Autor (2026).

Na área de alimentação, a proposta consistiu no desenvolvimento de um espaço composto por mesas associadas a estruturas de cobertura, garantindo proteção contra a incidência solar e proporcionando maior conforto aos usuários. Em conjunto com a vegetação, esses elementos contribuem para a melhoria das condições de permanência e bem-estar no local. Considerando ainda a forte presença de *food trucks* na dinâmica atual da praça, foi prevista a possibilidade de estacionamento desses veículos ao longo da lateral sul, favorecendo a comercialização e fortalecendo a relação com o público (Figura *74*).

Figura 74 - Proposta da área de alimentação.



Fonte: Autor (2026).

Adjacente a esse setor, localiza-se a área destinada aos equipamentos da academia de saúde, ampliando as possibilidades de uso e incentivando a prática de atividades físicas ao ar livre. Para complementar esse espaço, foram inseridos bancos de apoio entre os canteiros, permitindo momentos de descanso, contemplação e convivência entre os usuários, como pode ser observado na Figura *75*.

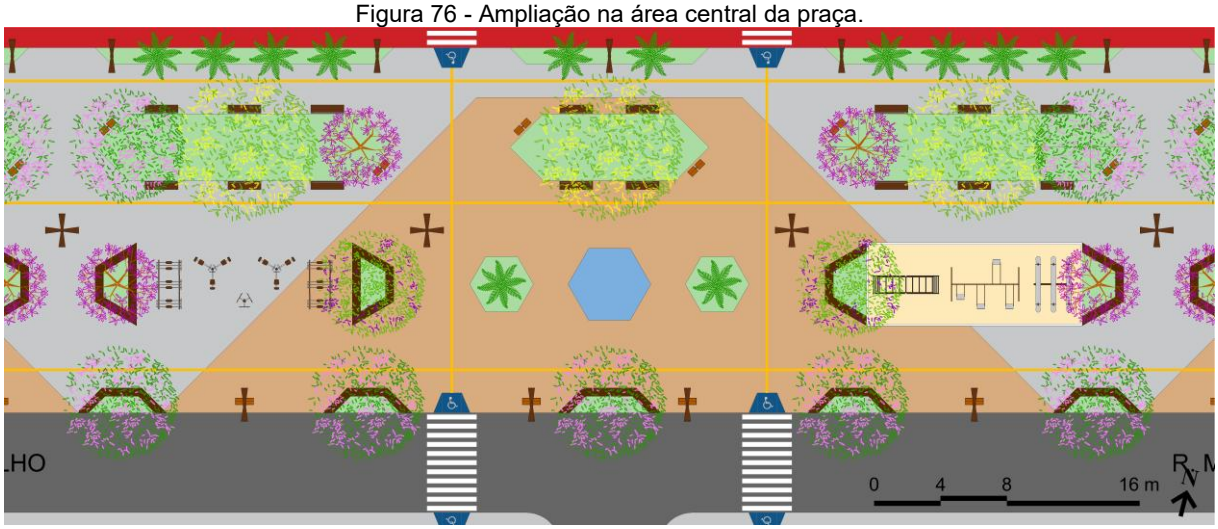
Figura 75 - Proposta da nova área destinada a academia de saúde.



Fonte: Autor (2026).

Na área central, foi concebido um espaço voltado à convivência e à realização de atividades ao ar livre. Por se tratar de um ponto de convergência, tanto dos fluxos internos provenientes dos diferentes equipamentos da praça quanto dos acessos externos conectados às vias do entorno, essa porção adquire naturalmente maior relevância dentro da composição geral (Figura *76*).

Figura 76 - Ampliação na área central da praça.



Fonte: Autor (2026).

Diante disso, buscou-se qualificá-la como um elemento de permanência e atração, estruturando-a como um núcleo articulador dos demais setores. Para reforçar esse caráter, foi implantada uma fonte com jatos de baixa intensidade, que contribui

para a ambiência do espaço ao proporcionar conforto térmico, sonoro e visual, além de funcionar como elemento de contemplação e identidade paisagística (Figura *77*). A configuração do espaço também favorece a flexibilidade de usos, permitindo desde encontros informais até pequenas atividades coletivas, consolidando-se como um ponto de referência e centralidade dentro da praça.

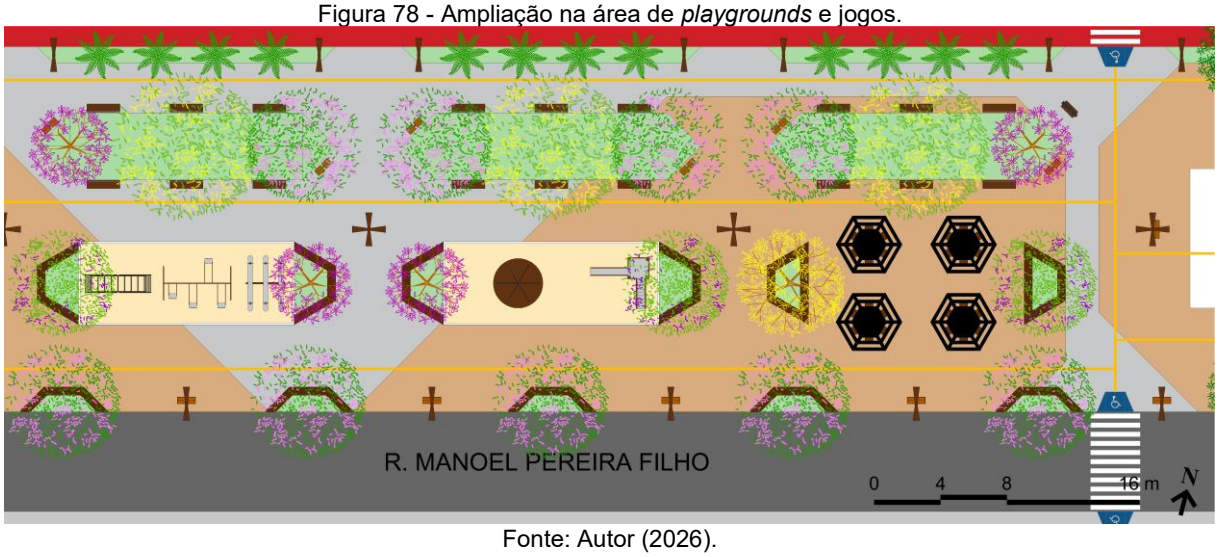
Figura 77 - Proposta da fonte central.



Fonte: Autor (2026).

Próximo à fonte central, localizam-se o playground e a área de jogos, espaços voltados ao lazer, à convivência e à permanência dos usuários. A disposição desses setores busca fortalecer a dinâmica social da praça, promovendo ambientes capazes de atender diferentes faixas etárias e incentivando a ocupação contínua do espaço ao longo do dia (Figura *78*).

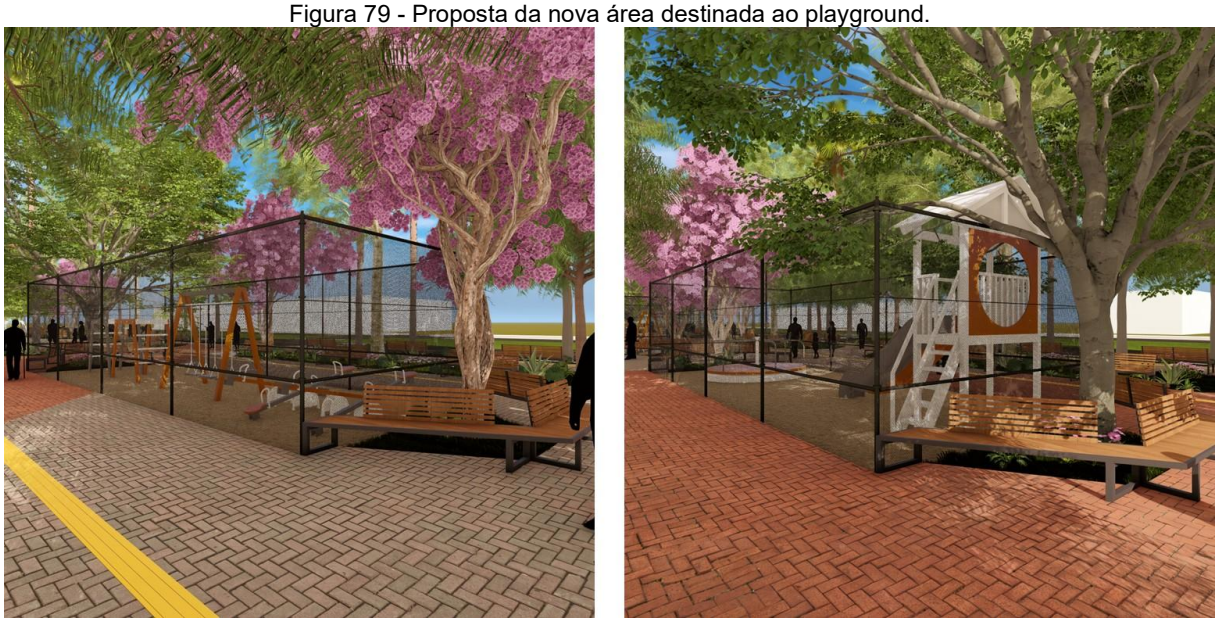
Figura 78 - Ampliação na área de *playgrounds* e jogos.



Fonte: Autor (2026).

A área do playground manteve apenas sua configuração espacial original, preservando a proposta de um ambiente cercado para garantir maior segurança às crianças. Entretanto, toda a estrutura e os equipamentos foram renovados, sendo incorporados novos brinquedos, como balanços, gangorras e escorregadores, ampliando as possibilidades de uso e estimulando atividades lúdicas. Foram dispostos bancos ao redor do espaço, permitindo que pais e responsáveis possam acompanhar e observar as crianças durante as atividades, ao mesmo tempo em que dispõem de um ambiente confortável para descanso e permanência (Figura *79*).

Figura 79 - Proposta da nova área destinada ao playground.



Fonte: Autor (2026).

Adjacente a esse setor, encontra-se a área de jogos, pensada especialmente para atender ao público idoso, bastante presente nas praças, sem restringir seu uso aos demais frequentadores. O espaço será composto por mesas semelhantes às da área de alimentação, com superfícies que incorporam tabuleiros, possibilitando a prática de jogos como damas, xadrez, dominó e cartas. Além disso, essa área também poderá funcionar como apoio complementar à praça de alimentação e ao café presente no centro cultural, ampliando as possibilidades de uso, convivência e permanência no local (Figura *80*).

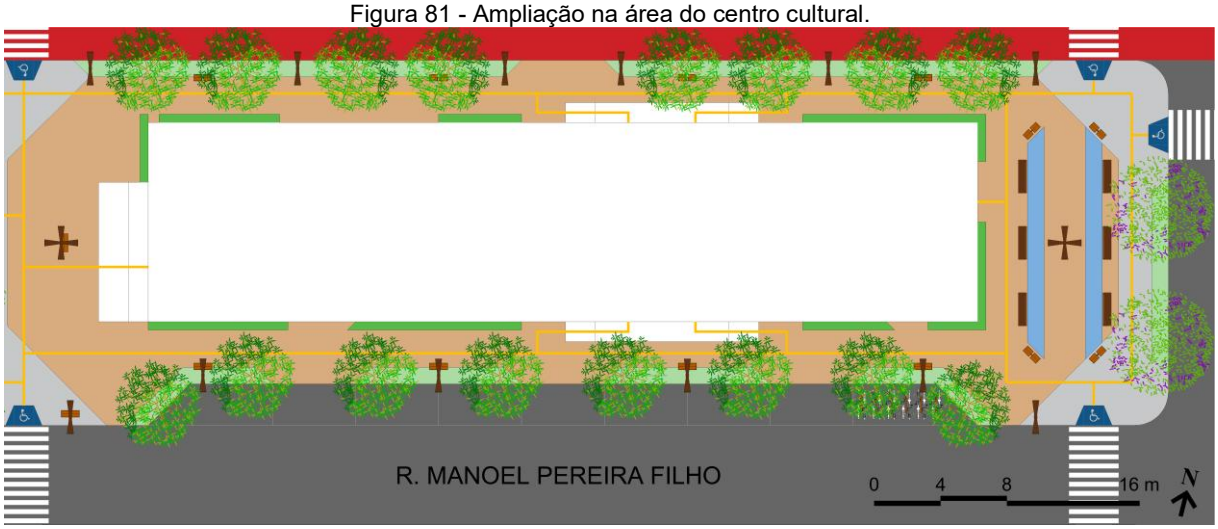
Figura 80 - Proposta da área de jogos.



Fonte: Autor (2026).

Na porção mais a leste da praça, localiza-se o centro cultural, concebido de forma integrada ao espaço público, com o objetivo de ampliar e diversificar os usos existentes. Sua implantação busca estabelecer uma relação direta com o entorno imediato, favorecendo a continuidade dos fluxos, a permeabilidade visual e a apropriação do espaço pelos usuários (Figura *81*).

Figura 81 - Ampliação na área do centro cultural.



Fonte: Autor (2026).

O edifício é envolvido por vegetação de baixo porte, estrategicamente posicionada para não comprometer sua visibilidade e, ao mesmo tempo, contribuir para o sombreamento e o conforto ambiental. Essa composição busca integrar o

centro cultural à paisagem da praça, equilibrando a presença do elemento construído com os espaços livres e as áreas verdes do entorno (Figura *82*).

Figura 82 - Proposta do Centro Cultural.



Fonte: Autor (2026).

Adjacente a esse setor, foram previstos dois espelhos d’água, posicionados de forma a potencializar a ação dos ventos predominantes e colaborar para a melhoria do conforto térmico dos usuários. Além de sua função climática, esses elementos também agregam valor estético e sensorial ao ambiente, qualificando a experiência de permanência e contemplação no espaço (Figura *83*).

Figura 83 - Proposta dos espelhos d'água.



Fonte: Autor (2026).

Além disso, foram distribuídas lixeiras de forma estratégica ao longo de toda a praça, considerando os principais fluxos de circulação e as áreas de maior permanência, o que contribui para a manutenção da limpeza e para o incentivo a práticas adequadas de uso do espaço público.

A iluminação foi planejada para atender toda a extensão da praça de maneira eficiente, garantindo segurança, visibilidade e valorização dos ambientes também no período noturno. A disposição dos pontos de luz busca reforçar os percursos, destacar os principais setores e promover uma ambiência agradável, ampliando o tempo de uso do espaço pela população.

No que se refere à acessibilidade, foram implantadas 14 rampas distribuídas ao longo da praça, assegurando o acesso democrático e facilitado a todos os usuários, incluindo pessoas com mobilidade reduzida. Essa estratégia permite uma integração mais fluida entre os diferentes níveis e setores, reforçando o caráter inclusivo do projeto e garantindo melhores condições de apropriação do espaço. Complementarmente, foi incorporado o uso de piso tátil ao longo dos principais percursos, contribuindo para a orientação e segurança de pessoas com deficiência visual, sobretudo em áreas de circulação e pontos de transição.

O mobiliário urbano foi concebido com enfoque inclusivo, sendo composto por bancos com encosto, mesas acessíveis para cadeirantes e lixeiras posicionadas estrategicamente de modo a não interferir nos fluxos de circulação. As rotas acessíveis foram dimensionadas com largura mínima de 1,50 m, permitindo o deslocamento confortável e o cruzamento entre usuários. Ressalta-se ainda que a topografia predominantemente plana da praça favorece a mobilidade, reduzindo a necessidade de intervenções mais complexas e contribuindo para a continuidade dos percursos, em conformidade com os princípios estabelecidos pela NBR 9050 (ABNT, 2020).

6.3.2. O centro cultural

No terreno destinado ao Centro Cultural, adotou-se uma configuração retangular como estratégia para organizar o programa de necessidades de forma clara, funcional e eficiente, permitindo uma distribuição racional dos ambientes e facilitando a compreensão dos fluxos internos. Essa escolha contribui para uma leitura

espacial mais objetiva, além de possibilitar maior flexibilidade de uso e adaptação dos espaços ao longo do tempo.

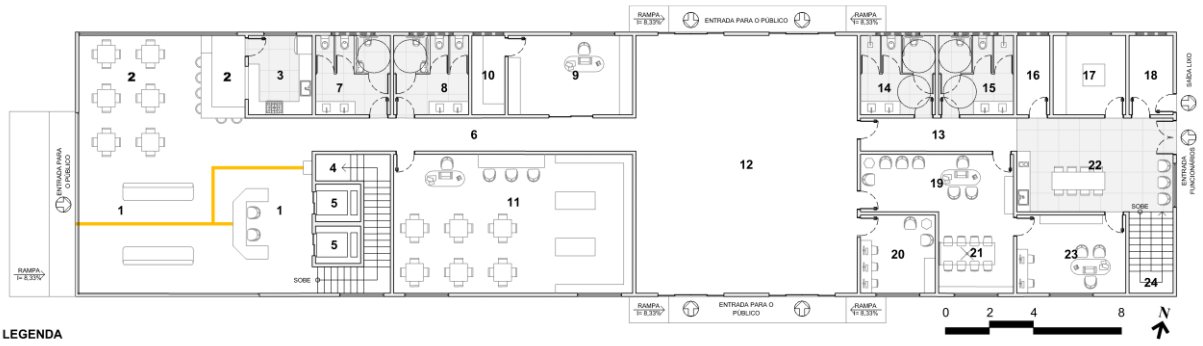
No pavimento inferior, localiza-se a recepção, responsável por organizar os fluxos e orientar os visitantes tanto para o pavimento superior quanto para os demais ambientes disponíveis, como biblioteca, café/bar e sanitários. A biblioteca atua como espaço de apoio ao conhecimento, à leitura e à pesquisa, enquanto o café/bar incentiva a permanência e a convivência, qualificando a experiência dos usuários e estimulando o uso prolongado do equipamento cultural.

Ainda nesse pavimento, a área expositiva foi concebida como um espaço dinâmico e flexível, destinado a exposições temporárias, instalações interativas, intervenções artísticas e ações culturais diversas. O ambiente também incorpora áreas de permanência e circulação que favorecem o encontro, a convivência e a participação ativa dos usuários, reforçando o caráter acessível e inclusivo do equipamento.

Além disso, a loja temporária foi planejada como apoio às exposições, possibilitando a comercialização de produtos, obras e souvenires relacionados aos artistas e expositores. Sua proximidade com a área expositiva fortalece a relação entre produção cultural e público, além de incentivar a valorização de artistas locais e da economia criativa.

O acesso de funcionários também ocorre nesse pavimento, por meio da face leste do edifício, concentrando ambientes administrativos e de serviço necessários ao funcionamento eficiente e organizado do centro cultural (Figura *84*).

Figura 84 - Planta baixa do pavimento térreo do Centro Cultural.



LEGENDA

1	RECEPÇÃO	7	BANHEIRO MASCULINO INFERIOR	13	CIRC. ÁREA FUNCIONÁRIOS	19	CURADORIA
2	BAR/CAFÉ	8	BANHEIRO FEMININO INFERIOR	14	VESTIÁRIO MASC. FUNCIONÁRIOS	20	SALA DE SEGURANÇA
3	COZINHA DO CAFÉ	9	LOJA TEMPORÁRIA	15	VESTIÁRIO FEM. FUNCIONÁRIOS	21	SALA DE REUNIÕES
4	ESCADA ÁREA SOCIAL	10	ESTOQUE LOJA	16	DEPÓSITO MATERIAL DE LIMPEZA	22	COPA/ÁREA DE FUNCIONÁRIOS
5	ELEVADOR (capacidade 8 pessoas)	11	BIBLIOTECA	17	ALMOXARIFADO	23	ADMINISTRAÇÃO
6	CIRCULAÇÃO SOCIAL INFERIOR	12	ÁREA DE EXPOSIÇÃO INFERIOR	18	DEPÓSITO DE LIXO	24	ESCADA ÁREA FUNCIONÁRIOS

Fonte: Autor (2026).

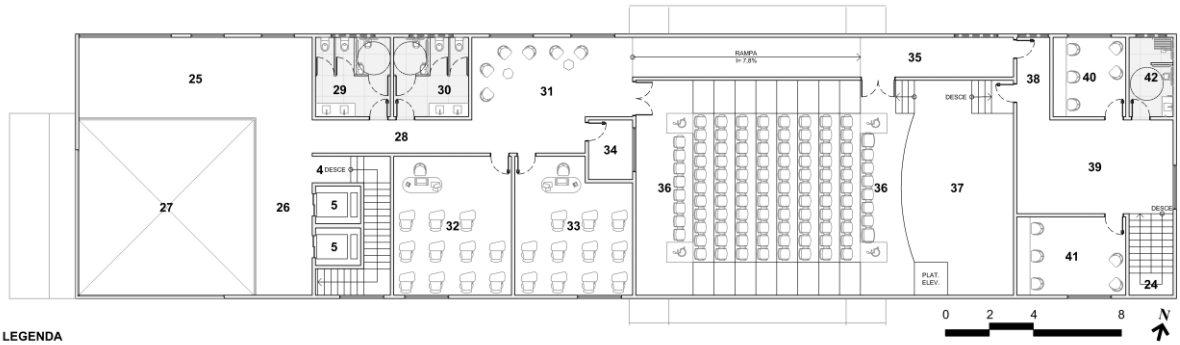
No segundo pavimento, o programa é estruturado a partir do auditório como elemento principal, concebido para comportar mais de 100 pessoas. O espaço foi projetado com atenção à acessibilidade e ao conforto, contemplando assentos adequados para pessoas com mobilidade reduzida e usuários com diferentes biotipos, garantindo inclusão e qualidade de uso. Sua configuração também busca proporcionar boa visibilidade e adequada distribuição dos fluxos internos durante apresentações e eventos culturais.

Na porção posterior do edifício, localizam-se os ambientes de apoio ao auditório, como camarins e salas de ensaio, fundamentais para o funcionamento das atividades culturais. Esses espaços foram organizados para assegurar praticidade e autonomia aos artistas e à equipe técnica, evitando interferências nos fluxos destinados ao público.

O pavimento conta ainda com áreas de estar configuradas como lounges, localizados no mezanino e próximos ao auditório, funcionando como espaços de convivência, descanso e interação entre os usuários. Além disso, foi incorporado um segundo espaço expositivo situado no mezanino, destinado prioritariamente a exposições permanentes e atividades voltadas à mediação cultural e valorização de acervos.

O acesso ao pavimento ocorre por meio de escadas e elevadores próximos à recepção, enquanto o acesso de serviço acontece de maneira independente, conectado diretamente aos ambientes técnicos e de apoio aos funcionários (Figura *85*).

Figura 85 - Planta baixa do pavimento superior do centro cultural.



LEGENDA

4	ESCADA ÁREA SOCIAL	28	CIRCULAÇÃO SOCIAL SUPERIOR	34	CABINE DE ÁUDIO	40	CAMARIM 1
5	ELEVADOR (capacidade 8 pessoas)	29	BANHEIRO MASCULINO SUPERIOR	35	CIRCULAÇÃO RAMPA AUDITÓRIO	41	CAMARIM 2
24	ESCADA ÁREA FUNCIONÁRIOS	30	BANHEIRO FEMININO SUPERIOR	36	AUDITÓRIO	42	BANHEIRO ACESSÍVEL CAMARIM
25	ÁREA DE EXPOSIÇÃO SUPERIOR	31	LOUNGE	37	PALCO		
26	MEZANINO	32	SALA MULTIUSO 1	38	CIRCULAÇÃO CAMARINS		
27	VAZIO	33	SALA MULTIUSO 2	39	ÁREA DE ENSAIOS		

Fonte: Autor (2026).

6.4. Materiais e soluções técnico-construtivas

6.4.1. A praça

No que se refere aos materiais empregados na praça, optou-se pela utilização do piso intertravado como principal elemento de pavimentação. Essa escolha justifica-se tanto pela sua versatilidade estética quanto pelo seu desempenho funcional, uma vez que o material apresenta ampla variedade de cores e paginações, permitindo a criação de composições visuais que contribuem para a identidade do espaço. No projeto, foram adotadas as cores cinza e marrom, aplicadas de forma a conferir unidade visual à praça (Figura *86*). Além disso, o piso intertravado favorece a permeabilidade do solo, contribuindo para a drenagem superficial e para a redução do escoamento pluvial.

Figura 86 - Proposta da composição dos pisos intertravados



Fonte: Autor (2026).

Os elementos de mobiliário urbano foram definidos com base na durabilidade, resistência e integração estética com o conjunto da praça. Os bancos foram especificados no modelo estrutura metálica com madeira, garantindo conforto térmico e visual aos usuários. As lixeiras seguem o padrão de coleta seletiva, com separação entre resíduos orgânicos e recicláveis, promovendo práticas sustentáveis no espaço público (Figura *87*).

Figura 87 - Elementos de mobiliário inseridos na cena, evidenciando bancos, lixeiras e totem de identificação.



Fonte: Autor (2026).

Os equipamentos de lazer e atividade física, como playground e academia de saúde, foram padronizados nas cores cinza e marrom, assegurando harmonia com a linguagem geral do projeto. Para o cercamento das áreas esportivas e recreativas, foram utilizados tubos metálicos pintados na cor marrom, associados à aplicação de tela de alambrado, garantindo segurança sem comprometer a permeabilidade visual dos espaços (Figura *88*).

Figura 88 - Padronização de cores nos equipamentos do parque infantil a esquerda e na academia de saúde a direita.



Fonte: Autor (2026).

A iluminação pública foi projetada com postes metálicos na cor cinza, distribuídos de forma estratégica ao longo da praça. No eixo central, foram utilizados postes com quatro hastes, proporcionando maior abrangência luminosa nas áreas de maior permanência. Já nas extremidades norte e sul, foram adotados postes com duas hastes, adequados às áreas de circulação, garantindo eficiência energética e segurança no período noturno (Figura *89*).

Figura 89 - Distribuição dos postes na praça ao qual se repete por todo o restante do espaço.

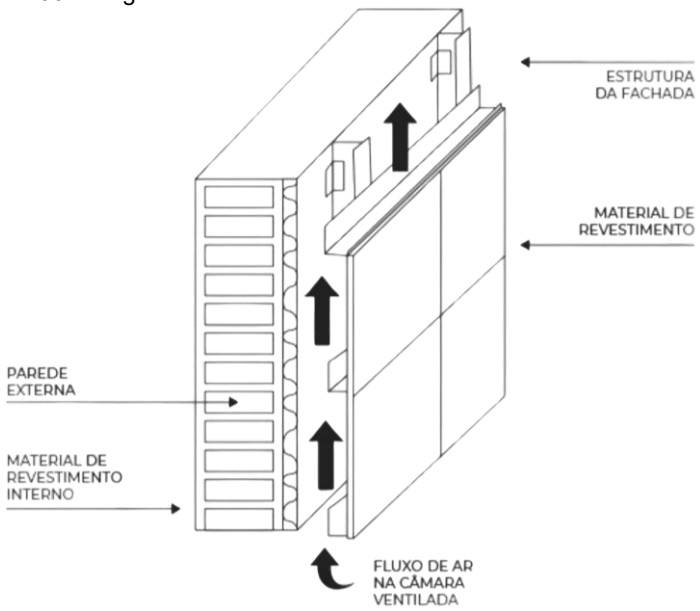


Fonte: Autor (2026).

6.4.2. O centro cultural

A principal estratégia adotada para a fachada foi a utilização do sistema de fachada ventilada, solução amplamente empregada na arquitetura contemporânea devido ao seu desempenho térmico e à eficiência energética. Esse sistema consiste na criação de uma câmara de ar entre o fechamento externo e a vedação da edificação, permitindo a circulação contínua do ar (Figura *90*). Tal característica contribui para a redução da carga térmica incidente sobre o edifício, minimizando a absorção de calor pelas superfícies externas e, consequentemente, melhorando as condições de conforto térmico no interior.

Figura 90 - Diagrama do sistema de funcionamento da fachada ventilada.



Fonte: Axia (2021).

Como elemento de fechamento externo, optou-se pela utilização de painéis de ACM na cor branca e marrom, em substituição a materiais convencionais como o porcelanato. A escolha do alumínio justifica-se pela sua leveza, durabilidade, baixa necessidade de manutenção e resistência às intempéries. Além disso, o material possibilita maior flexibilidade compositiva na fachada (Figura *91*).

Figura 91 - Composição da fachada sul.



Fonte: Autor (2026).

Parte desses painéis foi concebida com configurações vazadas, funcionando como elementos de filtragem da luz solar e promovendo ventilação natural. Essa

solução contribui para o controle da incidência direta de radiação solar, reduzindo o ganho térmico excessivo, ao mesmo tempo em que permite a entrada de iluminação natural difusa, favorecendo o conforto ambiental e diminuindo a dependência de sistemas artificiais de climatização e iluminação (Figura *92*).

Figura 92 - Painéis de alumínio vazados.



Fonte: Autor (2026).

Dessa forma, a adoção da fachada ventilada associada aos painéis ACM vazados configura-se como uma solução técnico-construtiva eficiente, alinhada às estratégias bioclimáticas e ao conceito do projeto, ao mesmo tempo em que reforça a identidade contemporânea da edificação.

6.5. Memorial Botânico

O memorial botânico tem como objetivo descrever os critérios adotados para a seleção e implantação da vegetação na requalificação da Praça Francisco da Silva Guedes, compreendendo-a como elemento fundamental para a qualificação ambiental e funcional do espaço. Considerando as condições climáticas do semiárido, marcadas por elevadas temperaturas e intensa incidência solar ao longo do ano, a vegetação assume papel essencial na promoção do conforto térmico, na criação de

áreas sombreadas e na melhoria do microclima urbano, contribuindo diretamente para a permanência e o uso contínuo da praça pela população.

A escolha das espécies arbóreas foi orientada por critérios técnicos e ambientais, priorizando vegetações nativas ou adaptadas ao clima local, com boa resistência à seca, baixa exigência de manutenção e potencial de sombreamento adequado. Nesse contexto, foram selecionadas as seguintes espécies: pau-ferro (*Libidibia ferrea*), sombreiro (*Clitoria fairchildiana*), aroeira (*Schinus terebinthifolius*), craibeira (*Tabebuia aurea*), ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus*), angico (*Anadenanthera colubrina*) e buriti (*Mauritia flexuosa*), conforme Quadro *5*.

Quadro 5 - Memorial Botânica das árvores inseridas no projeto.

Ilustração	Nome popular	Nome científico	Porte	Copa (diâmetro)	Altura
	Pau-ferro	*Libidibia ferrea*	Grande	6 a 10 metros	10 a 15 metros
	Sombreiro	*Clitoria fairchildiana*	Grande	8 a 12 metros	8 a 12 metros
	Aroeira	*Schinus terebinthifo-lius*	Médio	4 a 6 metros	5 a 8 metros
	Craibeira	*Tabebuia aurea*	Médio	5 a 8 metros	6 a 10 metros
	Ipê-roxo	*Handroan-thus impetigi-nosus*	Médio	5 a 8 metros	8 a 12 metros
	Angico	*Anadenan-thera colubrina*	Grande	6 a 10 metros	8 a 12 metros

	Buriti	*Mauritia flexuosa*	Grande	3 a 5 metros	15 a 25 metros

Fonte: Autor (2026).

A implantação da vegetação foi concebida de forma estratégica, considerando a organização espacial dos usos e a dinâmica de circulação do projeto. As árvores foram posicionadas prioritariamente em áreas de permanência, como espaços de alimentação, áreas de convivência e entorno dos equipamentos, bem como ao longo dos percursos principais, de modo a proporcionar sombreamento contínuo ao longo do dia. Nas quadras esportivas, a arborização atua como elemento principal na mitigação da incidência solar, enquanto nas áreas de lazer infantil foram adotadas espécies que não comprometam a segurança das crianças.

Complementarmente, foi adotada a grama esmeralda (*Zoysia japonica*) como forração vegetal nas áreas livres da praça. Trata-se de uma espécie exótica amplamente utilizada no paisagismo brasileiro, caracterizada por sua boa adaptação a diferentes condições climáticas, incluindo regiões de clima quente, além de apresentar resistência ao pisoteio, baixa necessidade de manutenção e boa capacidade de cobertura do solo. Sua utilização contribui para a melhoria da permeabilidade, redução da temperatura superficial e qualificação estética do espaço.

Além disso, a distribuição das espécies contribui para a definição de hierarquias espaciais e para a criação de diferentes ambiências dentro da praça, associando áreas mais sombreadas e acolhedoras a espaços de maior permanência, e mantendo maior abertura visual em áreas destinadas à circulação e atividades dinâmicas. Dessa forma, a vegetação não se configura apenas como elemento paisagístico, mas como componente estruturador do projeto, articulando aspectos ambientais, funcionais e estéticos.

Por fim, ressalta-se que os parâmetros de porte, altura e diâmetro de copa adotados no projeto correspondem a condições médias de desenvolvimento em meio urbano, podendo variar de acordo com fatores como manejo, espaçamento e condições ambientais específicas. Assim, o conjunto vegetal proposto contribui para a construção de um espaço público mais confortável, funcional e adaptado às características locais, incentivando seu uso em diferentes períodos do dia e promovendo maior qualidade de vida à população.

6.6. Estudo volumétrico

No que se refere à configuração volumétrica do conjunto, observa-se que, no âmbito da praça, essa questão é definida tanto pela organização das quadras e dos equipamentos urbanos quanto pela presença do Centro Cultural, elemento edificado inserido em sua área. Assim, a leitura volumétrica do espaço livre se estabelece pela articulação entre cheios e vazios, estruturada pela disposição dos usos e pela implantação da edificação (Figura *93*).

Figura 93 - Integração da Praça com o Centro Cultural.



Fonte: Autor (2026).

A volumetria assume maior protagonismo no Centro Cultural, concebido como elemento de destaque no conjunto. Sua implantação foi estrategicamente definida na entrada do bairro Bivar Olinto, conferindo-lhe caráter de marco urbano e reforçando sua função como ponto de referência e atração. Além disso, o edifício foi projetado de modo a respeitar o gabarito do entorno, evitando contrastes excessivos e garantindo uma inserção harmoniosa na paisagem urbana existente.

O edifício, implantado em um espaço da praça com dimensões de 12 x 50 metros, adota uma configuração volumétrica predominantemente retangular, estratégia que responde de forma eficiente à geometria alongada do terreno e à organização linear do programa de necessidades. Essa solução favorece a racionalização dos fluxos e a clareza na setorização dos ambientes.

A volumetria é composta por dois pavimentos, com cobertura em platibanda, reforçando a leitura de um volume contínuo e bem definido no contexto urbano. No entanto, essa forma inicial é intencionalmente tensionada por meio da inserção de planos inclinados e elementos destacados (Figura *94*).

Figura 94 - Proposta da fachada que faz a integração com a praça evidenciando os elementos inclinados e sistema de fachadas ventiladas.



Fonte: Autor (2026).

Tais planos inclinados não se configuram apenas como recursos formais, mas derivam do conceito adotado no projeto, que remete à geometria do hexágono. A partir dessa referência, são incorporados ângulos e inclinações que reinterpretam essa forma geométrica de maneira abstrata, promovendo dinamismo à composição volumétrica e rompendo com a rigidez do prisma ortogonal inicial (Figura *95*).

Figura 95 - Proposta da fachada Sul ao qual pode ser observado as placas de alumínio com elementos vazados do sistema de fachada ventilada.



Fonte: Autor (2026).

Esses recortes e inclinações também contribuem para a hierarquização dos espaços e para a marcação dos acessos, orientando o usuário e conferindo maior expressividade ao edifício enquanto equipamento cultural. Dessa forma, o conceito geométrico não se limita a uma inspiração formal, mas atua como elemento estruturador da linguagem arquitetônica (Figura *96*).

Figura 96 - Proposta da fachada Leste destacando a entrada para funcionários.



Fonte: Autor (2026).

Os volumes e planos que se destacam do corpo principal recebem tratamento em fachada ventilada, agregando desempenho térmico à edificação e reforçando visualmente os elementos que materializam o conceito. Essa estratégia evidencia a articulação entre forma, técnica e função, conforme a metodologia adotada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados ao longo deste trabalho, foi possível compreender a importância dos espaços públicos e dos equipamentos culturais para a dinâmica urbana e para a qualidade de vida da população. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo desenvolver um anteprojeto arquitetônico de um centro cultural integrado à requalificação da Praça Francisco da Silva Guedes, na cidade de Patos-PB, buscando promover maior integração entre cultura, lazer, convivência e espaço público.

Para alcançar esse objetivo, foram realizados estudos teóricos, análises urbanísticas, levantamentos qualitativos e quantitativos, além da análise de projetos correlatos, permitindo compreender tanto as necessidades da população quanto as potencialidades e problemáticas existentes na área de intervenção. A partir desses estudos, tornou-se possível desenvolver uma proposta que integra arquitetura e urbanismo de forma conjunta, considerando aspectos relacionados à acessibilidade, mobilidade, conforto ambiental, permanência urbana e valorização do espaço público.

Os resultados alcançados demonstram que a integração entre a praça e o centro cultural possibilita a criação de um espaço mais dinâmico, inclusivo e atrativo para a população, fortalecendo a relação entre os usuários e o ambiente urbano. A proposta busca ampliar as possibilidades de uso da praça ao longo do dia, oferecendo não apenas áreas voltadas ao esporte e lazer, mas também espaços destinados à cultura, convivência e atividades coletivas, contribuindo para maior vitalidade urbana e fortalecimento das relações sociais no bairro Bivar Olinto e em seu entorno.

Além disso, o trabalho evidencia a relevância da implantação de equipamentos culturais em áreas periféricas da cidade, considerando a carência desses serviços em determinados setores urbanos de Patos. Dessa forma, a proposta contribui para a democratização do acesso à cultura e para a valorização do espaço público como elemento fundamental na construção de cidades mais humanas, acessíveis e socialmente ativas. A articulação entre arquitetura e espaço urbano mostrou-se essencial para potencializar a apropriação coletiva do lugar, promovendo maior integração entre os diferentes usos e usuários.

Outro aspecto importante observado durante o desenvolvimento do trabalho foi a possibilidade de utilizar a arquitetura e o urbanismo como instrumentos de transformação social e qualificação urbana. A proposta desenvolvida demonstra que

espaços públicos bem planejados, aliados a equipamentos culturais, podem estimular a permanência, a convivência e o sentimento de pertencimento da população, contribuindo diretamente para a melhoria da qualidade urbana e da experiência dos usuários na cidade.

Por fim, ressalta-se que o presente trabalho se limita ao desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico e urbanístico, não contemplando detalhamentos executivos, estudos estruturais aprofundados ou análises técnicas complementares, como viabilidade econômica e execução da proposta. Assim, sugere-se que pesquisas futuras possam aprofundar essas questões, além de investigar os possíveis impactos sociais, culturais e urbanos decorrentes da implantação de equipamentos culturais integrados aos espaços públicos em cidades de médio porte.

Dessa maneira, conclui-se que a integração entre centro cultural e praça pública configura-se como uma estratégia relevante de requalificação urbana, capaz de fortalecer o uso coletivo dos espaços, incentivar a produção cultural e promover ambientes urbanos mais democráticos, qualificados e acessíveis para a população.

REFERÊNCIAS

AG&P GREENSCAPE. **Heydar Aliyev center park**. [s.d.]. Disponível em: <https://agep.it/progetti/heydar-aliyev-center-park/?lang=en>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

ALVES, A. W. C. **Espaço Celestino Gomes**: **anteprojeto arquitetônico de um centro cultural energeticamente eficiente.** 2014. 136 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFRN, Natal, RN, 2014.

ARCHDAILY BRASIL. **Centro cultural Porto Seguro / Yuri Vital.** 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786322/porto-seguro-cultural-center-sao-paulo-arquitetura?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

ARCHDAILY BRASIL. **Centro Heydar Aliyev / Zaha Hadid Architects.** 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-154169/centro-heydar-aliyev-zaha-hadid-architects>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

BAKER, G. H. **Analisys de la forma arquitectônica.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BOVO, M. C.; HAHN, F. A.; RÉ, T. M. A praça como objeto de estudo de uma pequena cidade**. Fronteiras**, [S.l.], v. 18, n. 31, p. 431 - 456, 2016.

BRASIL. Presidência da República, 1911. **Lei N°8.313, de 23 de dezembro de 1991.**

BRASIL. Presidência da República. 1911. **Lei N°12.343, de 2 de dezembro de 2010.**

BRUZ, I. M. **Análise de livros didáticos de língua inglesa sob o viés da interculturalidade.** Curitiba, 2012. p. 6.

CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira - trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. 2007. 423 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CALDEIRA, J. M. A praça colonial brasileira. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 19-39, 2010.

CARNEIRO, T. W. A. **Um centro cultural em Taquaralto**. 2019. 150 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFTO, Palmas, TO, 2019.

DE ANGELIS, B. L. D.; CASTRO, R. M.; DE ANGELIS NETO, G. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. **Engenharia Civil**, v.4, n.1, p.57 - 70, 2004.

DUTRA, D. P. **Anteprojeto arquitetônico de um museu de história e da cultura para a cidade de São Bento - PB**. 2020. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unifip, Patos, PB, 2020.

ESPOLADOR, T. C.; BORGES, F. D. C. M. F. Centro cultural: evolução e importância no Brasil. **Colloquium Socialis**, Presidente Prudente, v. 02, n. Especial 2, p.636-641, 2018.

FELDHAUS, B. D. **Centro cultural Rio Fortuna**. 2019. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unisul, Tubarão, SC, 2019.

FIORAVANTI JUNIOR, J. C.; MADUREIRA, E. M. P. **Parâmetros para a relevância e procedimentos projetuais para centros culturais**. 13º Encontro Científico Cultural Interinstitucional, 2015.

GARCIA, N. S.; GULINELLI, É. L. **Praças públicas: estudos de caso das praças de Barra Bonita/SP.** In: Simpósio nacional de gerenciamento de cidades, 5., 2017, Várzea Grande. Várzea Grande: SNGC, 2017. p. 776 - 790.

GATTI, S. **Espaços públicos: diagnóstico e metodologia de projeto.** São Paulo: ABCP, 2013.

GEHL, J. **Cidades para pessoas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GHIACCI, S. **Nuovo parco urbano a Rozzano - Labics**. Arketipo. 2014. Disponível em: <https://www.arketipomagazine.it/nuovo-parco-urbano-a-rozzano-labics/>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIOVANNINI, J. **Heydar Aliyev Cultural Center, Designed by Zaha Hadid Architects.** Architect Magazine. 2013. Disponível em: <https://www.architectmagazine.com/design/buildings/heydar-aliyev-cultural-center-designed-by-zaha-hadid-architects_o>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

GOMES, M. A. S. De largo a jardim: praças públicas no Brasil - algumas aproximações. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 101-120, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada, 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/patos/panorama>. Acesso em: 18 de abr. de 2025.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JUCHEM, L. **Arquitetura de espaços abertos - Piazza Fontana.** Genoa - Maquetes Eletrônicas. 2013. Disponível em: <http://genoa-arq.blogspot.com/2013/12/arquitetura-de-espacos-abertos-piazza.html>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

LABICS. **Fontana square.** Disponível em: <https://www.labics.it/project/91>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

LIMA, T. H. S. As praças: história, usos e funções. **Estudos - Revista de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Unimar,** n. 12, p. 97-110, 2008.

LUCENA, D. Patos em revista: edição especial. **Patos em Revista.** Patos: Gráfica JB, p. 72-74, 2005.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MATUZAKI, T. **Espaço Cultural Porto Seguro - Educação e cultura**. Galeria da Arquitetura. 2021. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/sao-paulo-arquitetura_yuri-vital_/espaco-cultural-porto-seguro/2868>. Acesso em: 6 de dez. de 2025.

MELO, R. R.; LIRA FILHO, J. A.; RODOLFO JUNIOR, F. Diagnóstico quantitativo e qualitativo da arborização urbana no bairro bivar olinto, Patos, Paraíba. **Revista Da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, v. 2, n. 1, p. 64-80, 2007.

MILANESI, L. **A casa da invenção: biblioteca, centro de cultura.** 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

NEVES, L. P. **Adoção do partido na arquitetura.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

PINTO, R. I. B. P. S. A praça na história da cidade, o caso da praça da sé: suas faces durante o século XX (1933/1999). In: Hugo Gama; Jaime Nascimento. (Org.). **A Urbanização de Salvador em Três Tempos - Colônia, Império e República**. 1 ed. Salvador: Fast Design, v. II, p. 241-285, 2003.

RODRIGUES, H. G. **Anteprojeto de um centro cultural para a cidade de Pombal - PB. "Terra de Maringá"**. 2020. 125 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unifip, Patos, PB, 2020.

SOUZA, E. **Centro Cultural São Paulo / Eurico Prado Lopes e Luiz Telles.** ArchDaily Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/872196/classicos-da-arquitetura-centro-cultural-sao-paulo-eurico-prado-lopes-e-luiz-telles>. Acesso em: 27 de abr. de 2026.

SANTANA, M. I. **Descobrimento da América**. InfoEscola. 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/descobrimento-da-america/>. Acesso em: 15 de abr. de 2025.

SILVA, R. M. **Análise histórica e paisagística da praça Edivaldo Mota na cidade de Patos-PB.** 2010. 39 f. Monografia (Graduação em Engenharia Florestal) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Patos, 2010.

SOUSA, R. O.; OLIVEIRA, C. E. **A praça como lugar da diversidade cultural**. 2010.

YAU, S. S.; FILHO, G. N. R. **Centro Cultural Jabaquara / Shieh Arquitetos Associados**. ArchDaily Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/870322/classicos-da-arquitetura-centro-cultural-jabaquara-shieh-arquitetos-associados>. Acesso em: 27 de abr. de 2026.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Prancha 1

APÊNDICE B – Prancha 2

APÊNDICE C – Prancha 3

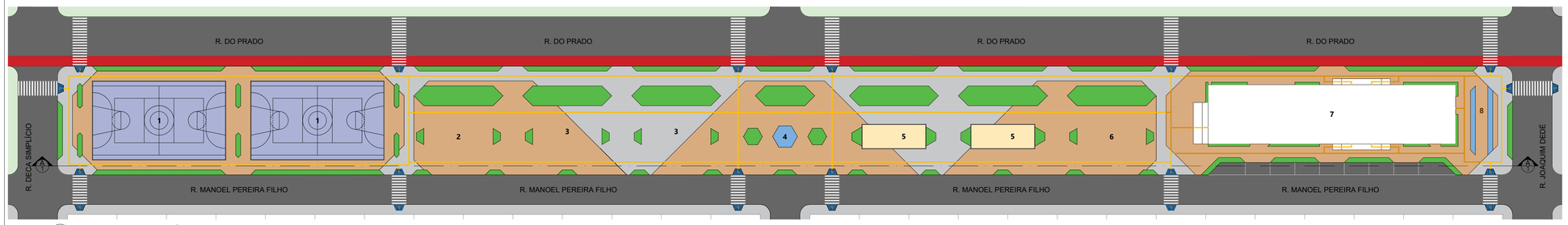
APÊNDICE D – Prancha 4

TABELA DE PISOS	
NOME	PLANTA BAIXA
PISO INTERTRAVADO NA COR CINZA	
PISO INTERTRAVADO NA COR MARROM	
AREIA	
PISO MODULAR DE POLIPROPILENO	
VOLUMES DE ÁGUA	
CICLOFAIXA	
LEITO CARROÇÁVEL	
PISO TÁTIL	

MEMORIAL BOTÂNICO		
NOME	PLANTA BAIXA	CORTE
PAU-FERRO		
SOMBREIRO		
AROEIRA		
CRAIBEIRA		
IPÊ-ROXO		
ANGICO		
BURITI		
GRAMA ESMERALDA		

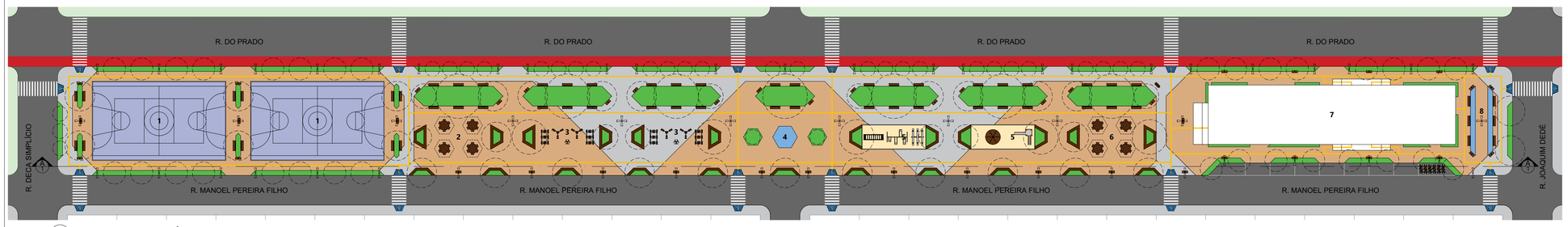
TABELA DE MOBILIÁRIOS		
NOME	PLANTA BAIXA	CORTE
POSTE 4 HASTES		
POSTE 2 HASTES		
BANCO		
BANCO AO REDOR DE CANTEIROS		
LIXEIRA		
PARACICLO		
MESA COM SOMBREIRO		
PLACA DE IDENTIFICAÇÃO		

TABELA DE MOBILIÁRIOS		
NOME	PLANTA BAIXA	CORTE
RODA		
ELÍPTICO		
LEG PRESS		
ESCORREGADOR		
GANGORRA		
BALANÇO		
GIRA-GIRA		
PASSARELA		



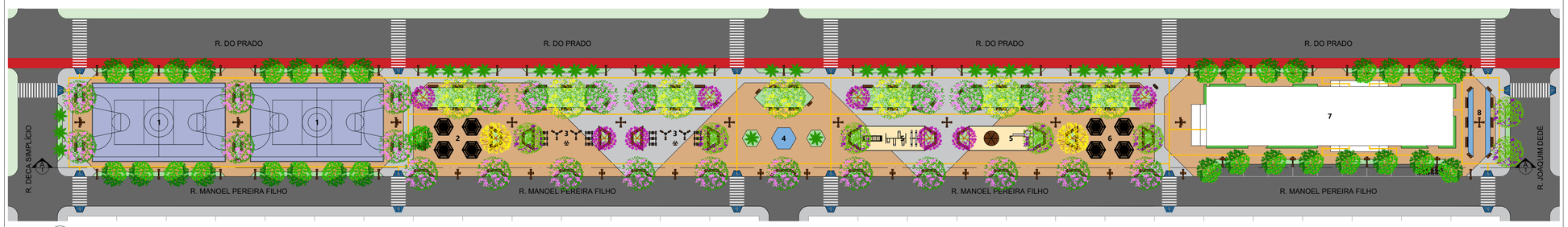
2 Planta de Paginação de Piso
Escala: 1/500

0 5 10 20 40m



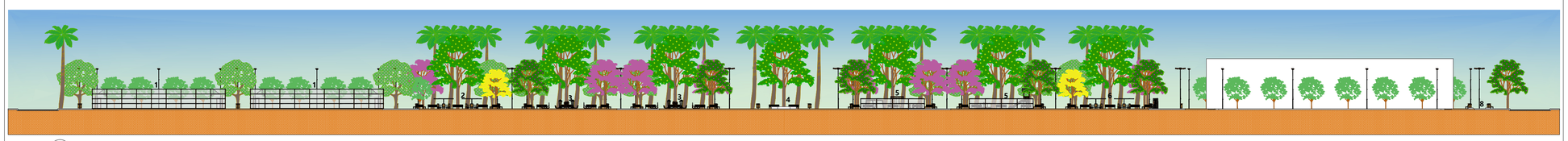
3 Planta Baixa
Escala: 1/500

0 5 10 20 40m



4 Vista Superior
Escala: 1/500

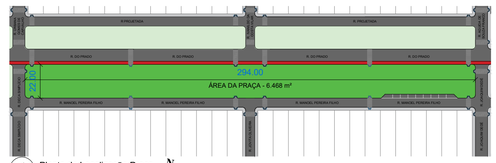
0 5 10 20 40m



5 CORTE AA
Escala: 1/500

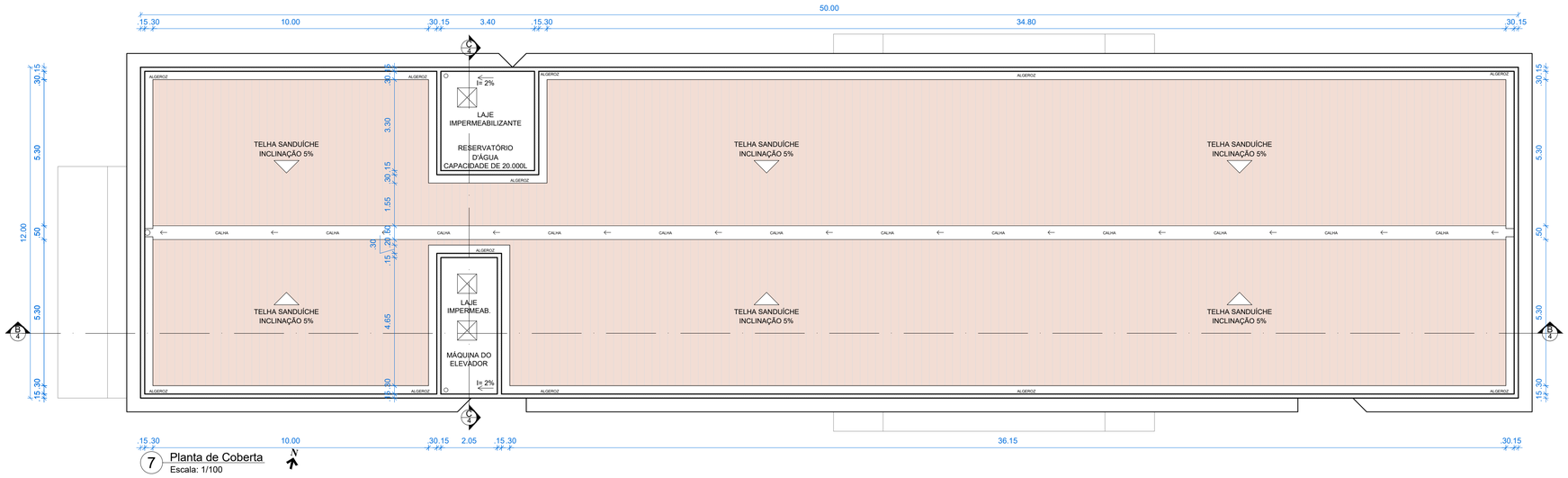
0 5 10 20 40m

SETORIZAÇÃO					
SETOR	NOME DO AMBIENTE	QUANT.	NÍVEL	ÁREA	ÁREA TOTAL
1	QUADRA POLIESPORTIVA	2	0,15	432 m²	864 m²
2	ÁREA DE ALIMENTAÇÃO	1	0,15	117 m²	117 m²
3	ACADEMIA DE SAÚDE	2	0,15	65 m²	130 m²
4	FONTE CENTRAL	1	0,15	16,25 m²	16,25 m²
5	*PLAYGROUND*	2	0,15	65 m²	130 m²
6	ÁREA DE JOGOS	1	0,15	117 m²	117 m²
7	CENTRO CULTURAL	1	0,15	600 m²	600 m²
8	ESPELHO D'ÁGUA	2	0,15	13 m²	26 m²

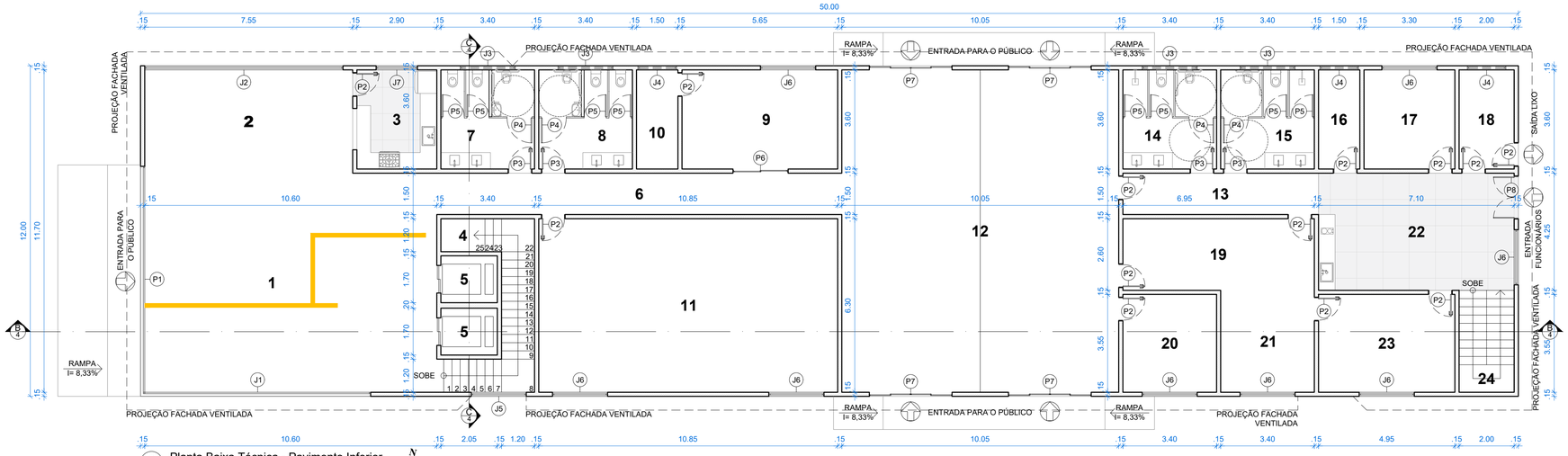


1 Planta de Localização Praça
Escala: 1/2000

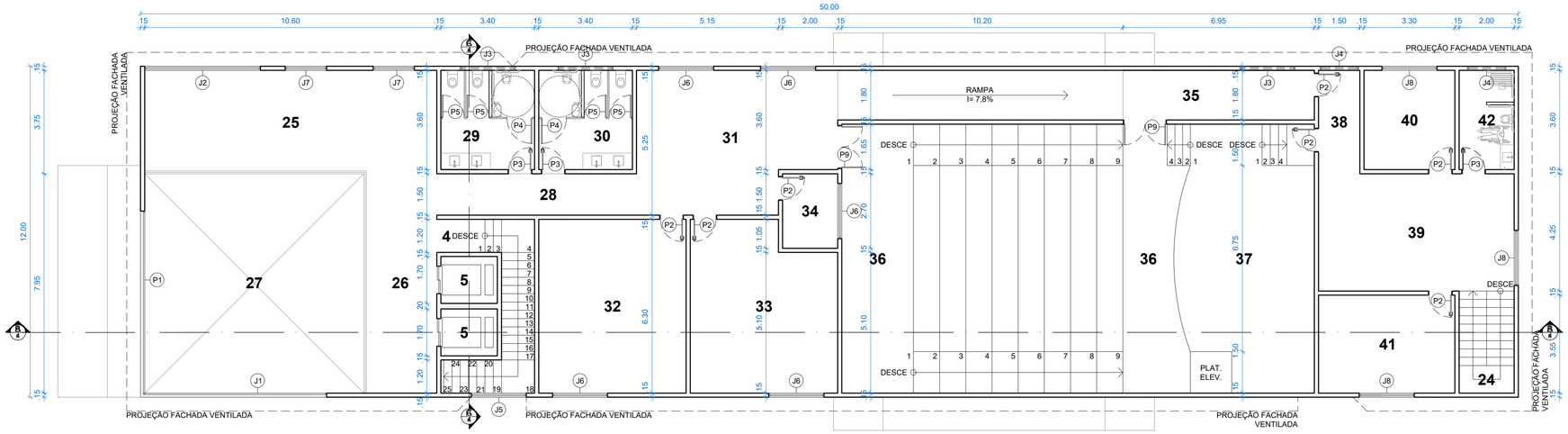
Projeto	Anteprojeto Arquitetônico – Centro Cultural		01/04
Local	Bairro Bivar Olinto		
Propietário	Uso acadêmico		
Autoria	Lucas Gomes Diniz	Área do terreno	- Praça: 6468m² - Centro Cultural: 600m²
Escalas	Indicadas	Área construída	- Pavimento Inferior: 493,47m² - Pavimento Superior: 431,33m² - Area total: 924,80m²
Desenhos:	Planta de Localização da Praça Planta de Paginação de Piso Planta Baixa Vista Superior Corte AA		Índice de aproveitamento: 0,143 Taxa de ocupação: 7,63% Área de projeção: 600m² Área permeável: 5004m² - 77,36%
Data:	18 de Maio de 2026		



7 Planta de Coberta
Escala: 1/100



8 Planta Baixa Técnica - Pavimento Inferior
Escala: 1/100



9 Planta Baixa Técnica - Pavimento Superior
Escala: 1/100

SETORIZAÇÃO

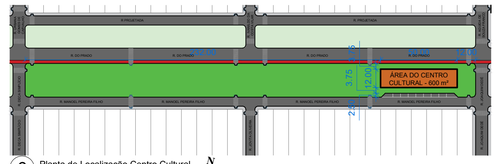
SETOR	NOME DO AMBIENTE	NÍVEL	ÁREA
1	RECEPÇÃO	+0,30	64,92 m²
2	BAR/CAFÉ	+0,30	43,09 m²
3	COZINHA DO CAFÉ	+0,30	10,44 m²
4	ESCADA ÁREA SOCIAL	+0,30~+4,30 m Espelho=16cm	13,02 m²
5	ELEVADOR (capacidade 8 pessoas)	+0,30 elevador pavimento +4,30 segundo pavimento	2 de 3,49 m² 6,98 m² total
6	CIRCULAÇÃO SOCIAL INFERIOR	+0,30	26,62 m²
7	BANHEIRO MASCULINO INFERIOR	+0,30	12,24 m²
8	BANHEIRO FEMININO INFERIOR	+0,30	12,24 m²
9	LOJA TEMPORÁRIA	+0,30	20,34 m²
10	ESTOQUE LOJA	+0,30	5,40 m²
11	BIBLIOTECA	+0,30	68,36 m²
12	ÁREA DE EXPOSIÇÃO INFERIOR	+0,30	117,59 m²
13	CIRC. ÁREA FUNCIONÁRIOS	+0,30	10,65 m²
14	VESTIÁRIO MASC. FUNCIONÁRIOS	+0,30	12,24 m²
15	VESTIÁRIO FEM. FUNCIONÁRIOS	+0,30	12,24 m²
16	DEPÓSITO MATERIAL DE LIMPEZA	+0,30	5,40 m²
17	ALMOXARIFADO	+0,30	11,88 m²
18	DEPÓSITO DE LIXO	+0,30	7,20 m²
19	CURADORIA	+0,30	18,07 m²
20	SALA DE SEGURANÇA	+0,30	12,07 m²
21	SALA DE REUNIÕES	+0,30	12,58 m²

SETORIZAÇÃO

SETOR	NOME DO AMBIENTE	NÍVEL	ÁREA
22	COPA/ÁREA DE FUNCIONÁRIOS	+0,30	30,18 m²
23	ADMINISTRAÇÃO	+0,30	17,58 m²
24	ESCADA ÁREA FUNCIONÁRIOS	+0,30~+3,50 m Espelho=16cm	7,40 m²
25	ÁREA DE EXPOSIÇÃO SUPERIOR	+4,30	39,75 m²
26	MEZANINO	+4,30	21,07 m²
27	VAZIO	+4,30	63,20 m²
28	CIRCULAÇÃO SOCIAL SUPERIOR	+4,30	18,60 m²
29	BANHEIRO MASCULINO SUPERIOR	+4,30	12,24 m²
30	BANHEIRO FEMININO SUPERIOR	+4,30	12,24 m²
31	LOUNGE	+4,30	26,28 m²
32	SALA MULTIUSO 1	+4,30	33,71 m²
33	SALA MULTIUSO 2	+4,30	31,13 m²
34	CABINE DE ÁUDIO	+4,30	5,40 m²
35	CIRCULAÇÃO RAMPA AUDITÓRIO	+3,50~+4,30 m Rampa=7,8%	31,14 m²
36	AUDITÓRIO	+3,50~4,30 m Espelho=0,09cm	119,36 m²
37	PALCO	+3,50~4,10 m Altura=60cm	47,85 m²
38	CIRCULAÇÃO CAMARINS	+3,50	5,63 m²
39	ÁREA DE ENSAIOS	+3,50	30,18 m²
40	CAMARIM 1	+3,50	11,88 m²
41	CAMARIM 2	+3,50	17,57 m²
42	BANHEIRO ACESSÍVEL CAMARIM	+3,50	7,20 m²

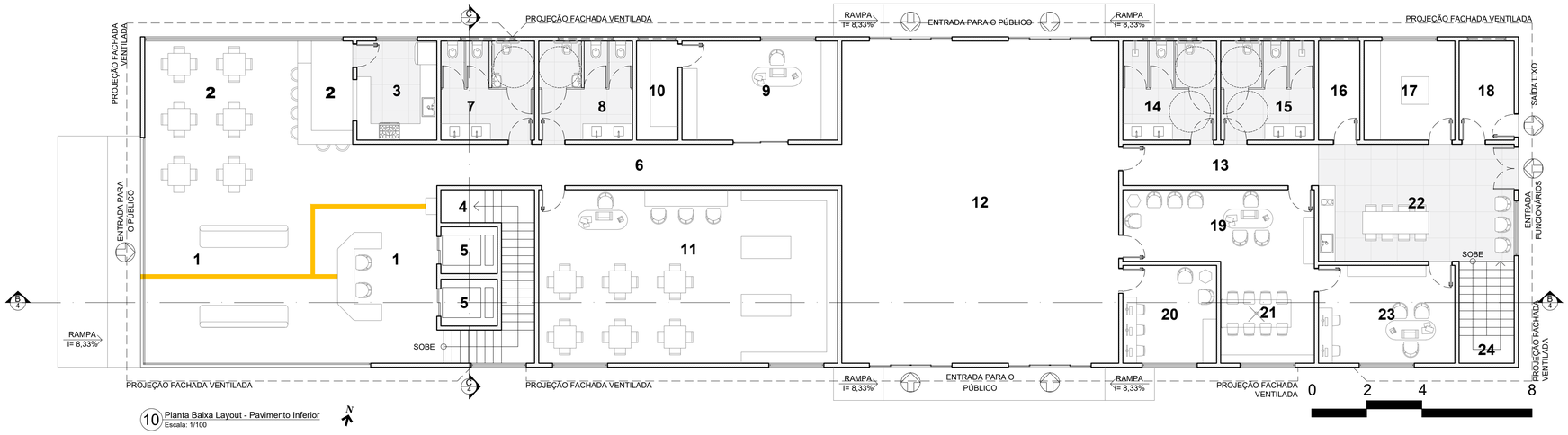
QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	QUANT.	DIMENSÕES			DESCRIÇÃO
		LARGURA	ALTURA	PEITORIL	
P1	1	8,20/4,85	6,70	-	Esquadria em alumínio preto e vidro, composta por porta de correr central com 2 folhas (1,60 x 2,90 m) e painéis fixos modulados. Estrutura trapezoidal com fechamento inclinado. Dimensões totais de inferior 8,20 m e topo de 4,85 m.
P2	21	0,80	2,10	-	Porta de giro em madeira com 1 folha, acabamento amadeirado.
P3	7	0,80	2,10	-	Porta de giro em madeira com 1 folha, acabamento amadeirado, equipada com barra horizontal de apoio para abertura acessível.
P4	6	0,80	1,90	-	Porta de giro em alumínio branco, com folha elevada 20 cm em relação ao piso, equipada com barra horizontal para abertura acessível.
P5	12	0,80	1,90	-	Porta de giro em alumínio branco, com folha elevada 20 cm em relação ao piso.
P6	1	2,00	2,10	-	Porta de correr de vidro com 2 folhas e estrutura em alumínio preto.
P7	4	3,00	2,10	-	Porta de vidro com 4 folhas, sendo 2 fixas e 2 de correr e estrutura em alumínio preto.
P8	1	1,50	2,10	-	Porta de giro em madeira com 2 folhas, acabamento amadeirado.
P9	2	1,50	2,10	-	Porta de giro em madeira com 2 folhas, acabamento amadeirado, equipada com barra horizontal para abertura acessível.
J1	1	8,20/4,85	6,70	-	Janela basculante em alumínio preto e vidro, com painéis modulados, estrutura trapezoidal e fechamento inclinado. Dimensões totais de inferior 8,20 m e topo de 4,85 m.
J2	1	7,20/3,85	6,70	-	Janela basculante em alumínio preto e vidro, com painéis modulados, estrutura trapezoidal e fechamento inclinado. Dimensões totais de inferior 7,20 m e topo de 3,85 m.
J3	7	2,00	0,40	1,70	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J4	5	1,50	0,40	1,70	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J5	2	2,00	5,50	1,20	Janela basculante de vidro com estrutura em alumínio preto.
J6	15	2,00	1,10	1,00	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J7	3	1,50	1,10	1,00	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J8	3	2,00	1,90	1,00	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto

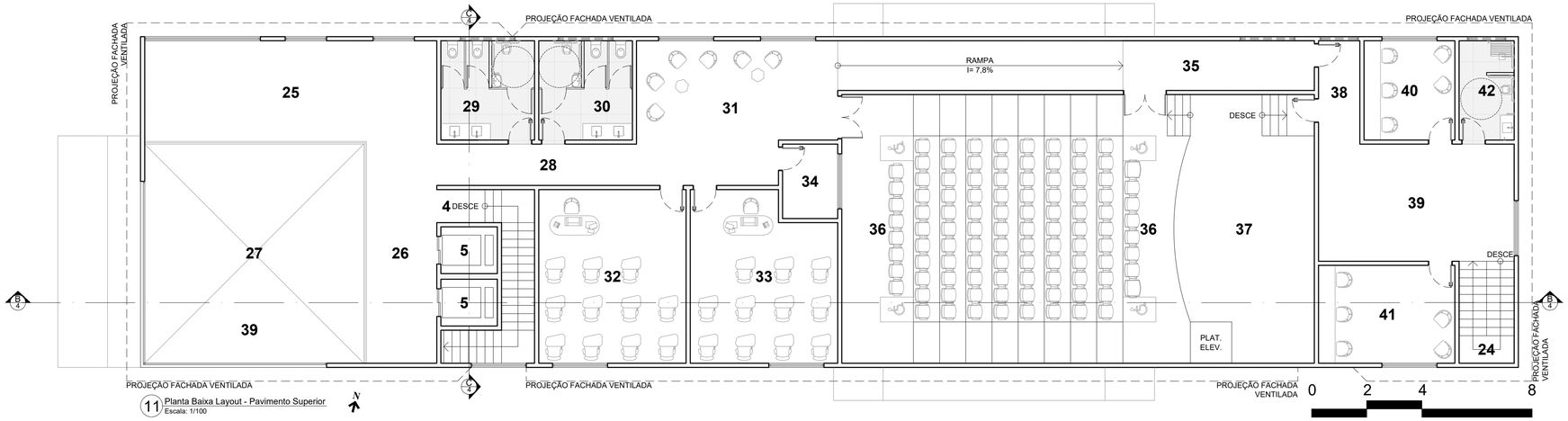


6 Planta de Localização Centro Cultural
Escala: 1/2000

Projeto	Anteprojeto Arquitetônico – Centro Cultural		02/04
Local	Bairro Bivar Olinto		
Propietário	Uso acadêmico		
Autoria	Lucas Gomes Diniz	Área do terreno	- Praça: 6468m² - Centro Cultural: 600m²
Escalas	Indicadas	Área construída	- Pavimento Inferior: 493,47m² - Pavimento Superior: 431,33m² - Area total: 924,80m²
Desenhos:	Planta Localização Centro Cultural Planta de Coberta Planta Baixa Técnica - Primeiro Pavimento Planta Baixa Técnica - Segundo Pavimento		Índice de aproveitamento: 0,143 Taxa de ocupação: 7,63% Área de projeção: 600m² Área permeável: 5004m² - 77,36%
Data:	17 de Maio de 2026		



10 Planta Baixa Layout - Pavimento Inferior
Escala: 1/100



11 Planta Baixa Layout - Pavimento Superior
Escala: 1/100

SETORIZAÇÃO

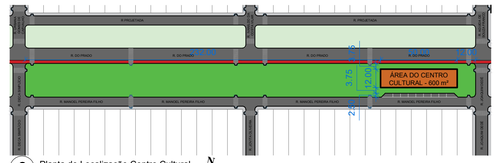
SETOR	NOME DO AMBIENTE	NÍVEL	ÁREA
1	RECEPÇÃO	+0,30	64,92 m²
2	BAR/CAFÉ	+0,30	43,09 m²
3	COZINHA DO CAFÉ	+0,30	10,44 m²
4	ESCADA ÁREA SOCIAL	+0,30~+4,30 m Espelho=16cm	13,02 m²
5	ELEVADOR (capacidade 8 pessoas)	H=30 m/min 4 paradas (+0,30 +1,50 +2,70 +4,30 segundo pavimento)	2 de 3,49 m² 6,98 m² total
6	CIRCULAÇÃO SOCIAL INFERIOR	+0,30	26,62 m²
7	BANHEIRO MASCULINO INFERIOR	+0,30	12,24 m²
8	BANHEIRO FEMININO INFERIOR	+0,30	12,24 m²
9	LOJA TEMPORÁRIA	+0,30	20,34 m²
10	ESTOQUE LOJA	+0,30	5,40 m²
11	BIBLIOTECA	+0,30	68,36 m²
12	ÁREA DE EXPOSIÇÃO INFERIOR	+0,30	117,59 m²
13	CIRC. ÁREA FUNCIONÁRIOS	+0,30	10,65 m²
14	VESTIÁRIO MASC. FUNCIONÁRIOS	+0,30	12,24 m²
15	VESTIÁRIO FEM. FUNCIONÁRIOS	+0,30	12,24 m²
16	DEPÓSITO MATERIAL DE LIMPEZA	+0,30	5,40 m²
17	ALMOXARIFADO	+0,30	11,88 m²
18	DEPÓSITO DE LIXO	+0,30	7,20 m²
19	CURADORIA	+0,30	18,07 m²
20	SALA DE SEGURANÇA	+0,30	12,07 m²
21	SALA DE REUNIÕES	+0,30	12,58 m²

SETORIZAÇÃO

SETOR	NOME DO AMBIENTE	NÍVEL	ÁREA
22	COPA/ÁREA DE FUNCIONÁRIOS	+0,30	30,18 m²
23	ADMINISTRAÇÃO	+0,30	17,58 m²
24	ESCADA ÁREA FUNCIONÁRIOS	+0,30~+3,50 m Espelho=16cm	7,40 m²
25	ÁREA DE EXPOSIÇÃO SUPERIOR	+4,30	39,75 m²
26	MEZANINO	+4,30	21,07 m²
27	VAZIO	+4,30	63,20 m²
28	CIRCULAÇÃO SOCIAL SUPERIOR	+4,30	18,60 m²
29	BANHEIRO MASCULINO SUPERIOR	+4,30	12,24 m²
30	BANHEIRO FEMININO SUPERIOR	+4,30	12,24 m²
31	LOUNGE	+4,30	26,28 m²
32	SALA MULTIUSO 1	+4,30	33,71 m²
33	SALA MULTIUSO 2	+4,30	31,13 m²
34	CABINE DE ÁUDIO	+4,30	5,40 m²
35	CIRCULAÇÃO RAMPA AUDITÓRIO	+3,50~+4,30 m Rampa=7,8%	31,14 m²
36	AUDITÓRIO	+3,50~4,30 m Espelho=0,09cm	119,36 m²
37	PALCO	+3,50~4,10 m Altura=60cm	47,85 m²
38	CIRCULAÇÃO CAMARINS	+3,50	5,63 m²
39	ÁREA DE ENSAIOS	+3,50	30,18 m²
40	CAMARIM 1	+3,50	11,88 m²
41	CAMARIM 2	+3,50	17,57 m²
42	BANHEIRO ACESSÍVEL CAMARIM	+3,50	7,20 m²

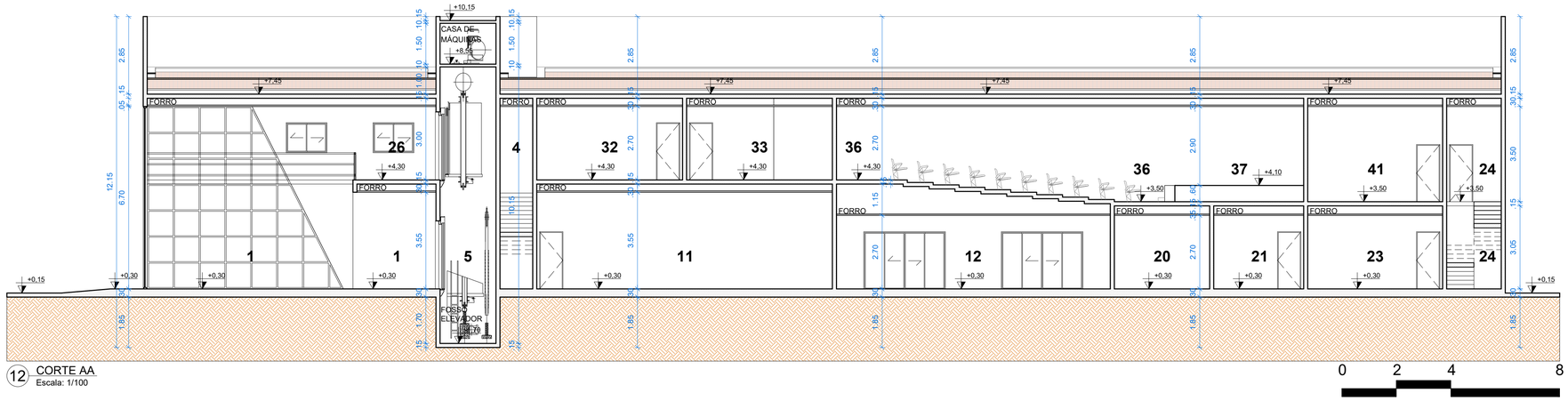
QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	QUANT.	DIMENSÕES			DESCRIÇÃO
		LARGURA	ALTURA	PEITORIL	
P1	1	8,20/4,85	6,70	-	Esquadria em alumínio preto e vidro, composta por porta de correr central com 2 folhas (1,60 x 2,90 m) e painéis fixos modulados. Estrutura trapezoidal com fechamento inclinado. Dimensões totais de inferior 8,20 m e topo de 4,85 m.
P2	21	0,80	2,10	-	Porta de giro em madeira com 1 folha, acabamento amadeirado.
P3	7	0,80	2,10	-	Porta de giro em madeira com 1 folha, acabamento amadeirado, equipada com barra horizontal de apoio para abertura acessível.
P4	6	0,80	1,90	-	Porta de giro em alumínio branco, com folha elevada 20 cm em relação ao piso, equipada com barra horizontal para abertura acessível.
P5	12	0,80	1,90	-	Porta de giro em alumínio branco, com folha elevada 20 cm em relação ao piso.
P6	1	2,00	2,10	-	Porta de correr de vidro com 2 folhas e estrutura em alumínio preto.
P7	4	3,00	2,10	-	Porta de vidro com 4 folhas, sendo 2 fixas e 2 de correr e estrutura em alumínio preto.
P8	1	1,50	2,10	-	Porta de giro em madeira com 2 folhas, acabamento amadeirado.
P9	2	1,50	2,10	-	Porta de giro em madeira com 2 folhas, acabamento amadeirado, equipada com barra horizontal para abertura acessível.
J1	1	8,20/4,85	6,70	-	Janela basculante em alumínio preto e vidro, com painéis modulados, estrutura trapezoidal e fechamento inclinado. Dimensões totais de inferior 8,20 m e topo de 4,85 m.
J2	1	7,20/3,85	6,70	-	Janela basculante em alumínio preto e vidro, com painéis modulados, estrutura trapezoidal e fechamento inclinado. Dimensões totais de inferior 7,20 m e topo de 3,85 m.
J3	7	2,00	0,40	1,70	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J4	5	1,50	0,40	1,70	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J5	2	2,00	5,50	1,20	Janela basculante de vidro com estrutura em alumínio preto.
J6	15	2,00	1,10	1,00	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J7	3	1,50	1,10	1,00	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto
J8	3	2,00	1,90	1,00	Janela de vidro com 2 folhas de correr com estrutura em alumínio preto



6 Planta de Localização Centro Cultural
Escala: 1/2000

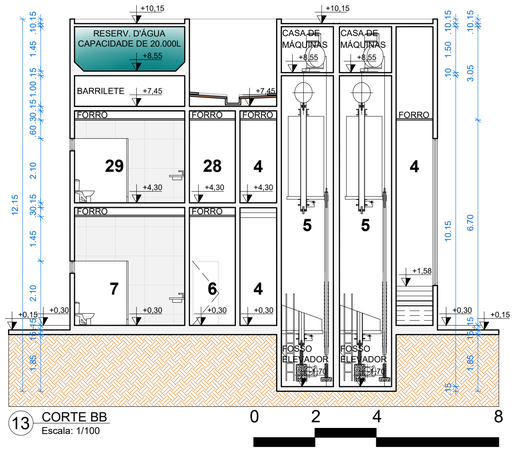
Projeto	Anteprojeto Arquitetônico – Centro Cultural		03/04
Local	Bairro Bivar Olinto		
Propietário	Uso acadêmico		
Autoria	Lucas Gomes Diniz	Área do terreno	- Praça: 6468m² - Centro Cultural: 600m²
Escalas	Indicadas	Área construída	- Pavimento Inferior: 493,47m² - Pavimento Superior: 431,33m² - Área total: 924,80m²
Desenhos:	Planta Localização Centro Cultural Planta Baixa Layout - Primeiro Pavimento Planta Baixa Layout - Segundo Pavimento		Índice de aproveitamento: 0,143 Taxa de ocupação: 7,63% Área de projeção: 600m² Área permeável: 5004m² - 77,36%
Data:	17 de Maio de 2026		



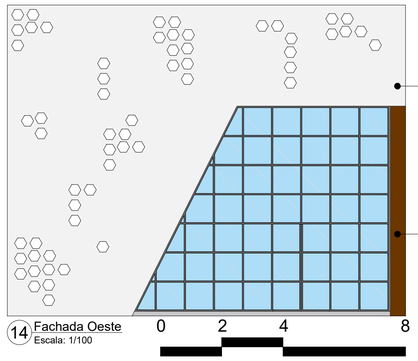
12 CORTE AA
Escala: 1/100

SETORIZAÇÃO			
SETOR	NOME DO AMBIENTE	NÍVEL	ÁREA
1	RECEPÇÃO	+0,30	64,92 m²
2	BAR/CAFÉ	+0,30	43,09 m²
3	COZINHA DO CAFÉ	+0,30	10,44 m²
4	ESCADA ÁREA SOCIAL	+0,30~+4,30 m Espelho=16cm 7 Pisos	13,02 m²
5	ELEVADOR (capacidade 8 pessoas)	H=30 m/min H.30 segundos pavimento	2 de 3,49 m² 6,98 m² total
6	CIRCULAÇÃO SOCIAL INFERIOR	+0,30	26,62 m²
7	BANHEIRO MASCULINO INFERIOR	+0,30	12,24 m²
8	BANHEIRO FEMININO INFERIOR	+0,30	12,24 m²
9	LOJA TEMPORÁRIA	+0,30	20,34 m²
10	ESTOQUE LOJA	+0,30	5,40 m²
11	BIBLIOTECA	+0,30	68,36 m²
12	ÁREA DE EXPOSIÇÃO INFERIOR	+0,30	117,59 m²
13	CIRC. ÁREA FUNCIONÁRIOS	+0,30	10,65 m²
14	VESTIÁRIO MASC. FUNCIONÁRIOS	+0,30	12,24 m²
15	VESTIÁRIO FEM. FUNCIONÁRIOS	+0,30	12,24 m²
16	DEPÓSITO MATERIAL DE LIMPEZA	+0,30	5,40 m²
17	ALMOXARIFADO	+0,30	11,88 m²
18	DEPÓSITO DE LIXO	+0,30	7,20 m²
19	CURADORIA	+0,30	18,07 m²
20	SALA DE SEGURANÇA	+0,30	12,07 m²
21	SALA DE REUNIÕES	+0,30	12,58 m²

SETORIZAÇÃO			
SETOR	NOME DO AMBIENTE	NÍVEL	ÁREA
22	COPA/ÁREA DE FUNCIONÁRIOS	+0,30	30,18 m²
23	ADMINISTRAÇÃO	+0,30	17,58 m²
24	ESCADA ÁREA FUNCIONÁRIOS	+0,30~+3,50 m Espelho=16cm	7,40 m²
25	ÁREA DE EXPOSIÇÃO SUPERIOR	+4,30	39,75 m²
26	MEZANINO	+4,30	21,07 m²
27	VAZIO	+4,30	63,20 m²
28	CIRCULAÇÃO SOCIAL SUPERIOR	+4,30	18,60 m²
29	BANHEIRO MASCULINO SUPERIOR	+4,30	12,24 m²
30	BANHEIRO FEMININO SUPERIOR	+4,30	12,24 m²
31	LOUNGE	+4,30	26,28 m²
32	SALA MULTIUSO 1	+4,30	33,71 m²
33	SALA MULTIUSO 2	+4,30	31,13 m²
34	CABINE DE ÁUDIO	+4,30	5,40 m²
35	CIRCULAÇÃO RAMPA AUDITÓRIO	+3,50~+4,30 m Rampa=7,8%	31,14 m²
36	AUDITÓRIO	+3,50~4,30 m Espelho=0,09cm	119,36 m²
37	PALCO	+3,50~4,10 m Altura=60cm	47,85 m²
38	CIRCULAÇÃO CAMARINS	+3,50	5,63 m²
39	ÁREA DE ENSAIOS	+3,50	30,18 m²
40	CAMARIM 1	+3,50	11,88 m²
41	CAMARIM 2	+3,50	17,57 m²
42	BANHEIRO ACESSÍVEL CAMARIM	+3,50	7,20 m²



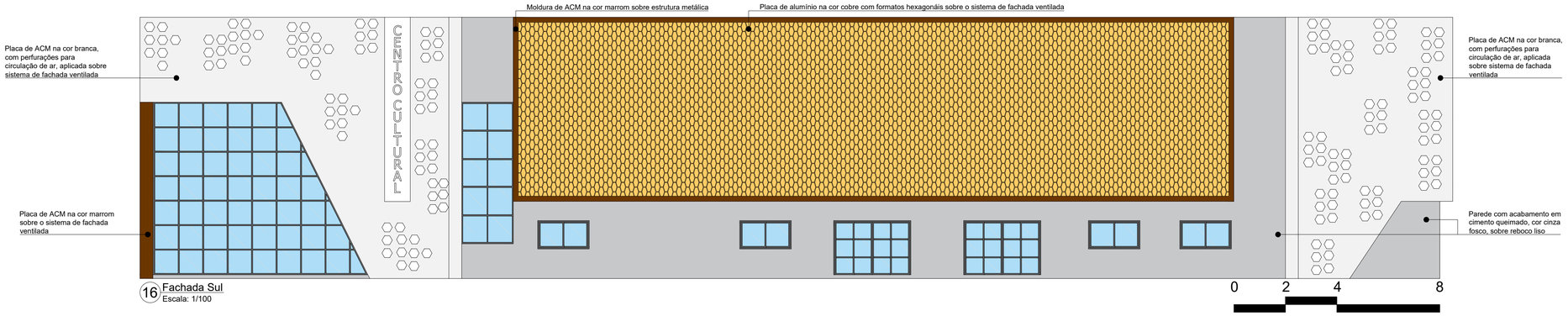
13 CORTE BB
Escala: 1/100



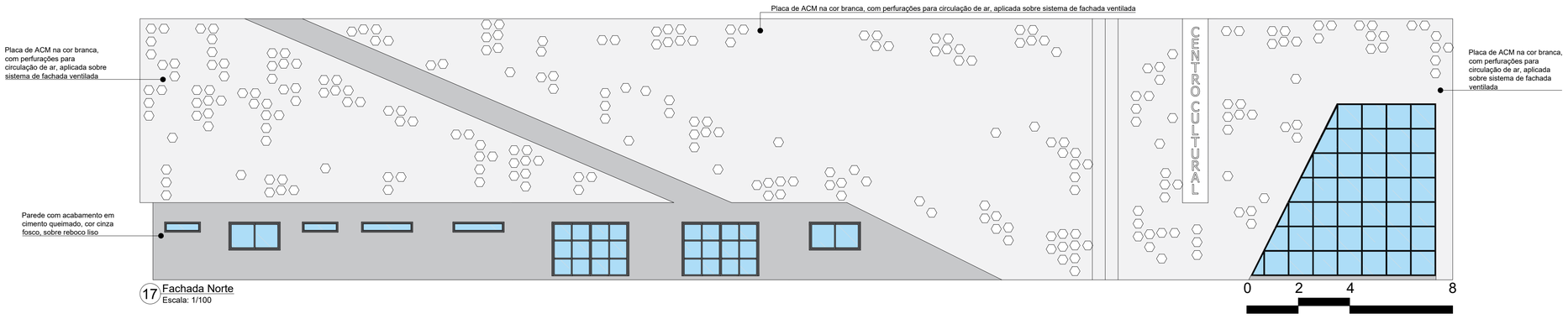
14 Fachada Oeste
Escala: 1/100



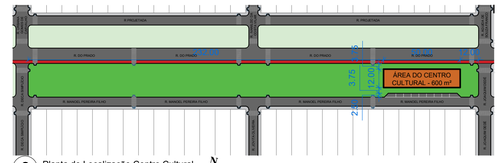
15 Fachada Leste
Escala: 1/100



16 Fachada Sul
Escala: 1/100



17 Fachada Norte
Escala: 1/100



6 Planta de Localização Centro Cultural
Escala: 1/2000

Projeto	Anteprojeto Arquitetônico – Centro Cultural		04/04
Local	Bairro Bivar Olinto		
Propietário	Uso acadêmico		
Autoria	Lucas Gomes Diniz	Área do terreno	- Praça: 6468m² - Centro Cultural: 600m²
Escalas	Indicadas	Área construída	- Pavimento Inferior: 493,47m² - Pavimento Superior: 431,33m² - Área total: 924,80m²
Desenhos:	Planta Localização Centro Cultural Corte BB e CC Fachada Leste Fachada Oeste Fachada Sul Fachada Norte	Índice de aproveitamento: 0,143 Taxa de ocupação: 7,63% Área de projeção: 600m² Área permeável: 5004m² - 77,36%	
Data:	17 de Maio de 2026		